

FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
NÍVEL MESTRADO

ÉDSON RODRIGO BECKER RODRIGUES

TRAJETÓRIAS DA DIVERSIDADE: MEMÓRIAS DE PESSOAS LGBTQIA+ E
AFROBRASILEIRAS EM UMA COMUNIDADE DE ORIGEM TEUTO-
BRASILEIRA NO EXTREMO SUL DO BRASIL

TAQUARA
2025

ÉDSON RODRIGO BECKER RODRIGUES

**A TRAJETÓRIA MEMORIAL DE UM GRUPO DE LGBTQIA+ E OS
AFROBRASILEIROS NA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NOVA HARTZ, RS**

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do título de Mestre em
Desenvolvimento Regional, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento Regional das
Faculdades Integradas de Taquara
(FACCAT)

Orientador: Prof. Dr. Daniel Luciano
Gevehr

TAQUARA

2025

**A TRAJETÓRIA MEMORIAL DE UM GRUPO DE LGBTQIA+ E OS
AFROBRASILEIROS NA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NOVA HARTZ, RS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT).

Aprovado em 24 de abril de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr (orientador)

Profa. Dra. Dilani Silveira Bassan (FACCAT)

Profa. Dra. Margarete Panerai Araujo (UNISC)

Profa. Dra. Cíntia Régia Rodrigues (FURB)

Dedico este trabalho à Maria Antônia, minha filha; aos amigos, colegas e familiares que me ajudaram a obter energia, inspiração e a coragem necessária para enfrentar desafios e vencer etapas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente no decorrer desta jornada, em especial à Deus, a quem devo a vida e onde encontro equilíbrio e razão para minha existência. À minha família - pai, mãe, irmão e namorada, que sempre me apoiaram nos estudos e nas escolhas tomadas. Em especial a minha filha, que com o sorriso no rosto e seu carinho, encontrei inspiração sobrenatural para fortalecer ainda mais a minha dedicação nesse trabalho. Essas pessoas foram fundamentais em todos os passos que dei e nunca mediram esforços para viabilizar meus estudos, meu acesso ao conhecimento e os meios necessários para realização de cada etapa em minha vida, além do mais verdadeiro e fraterno amor que sempre encontrei em cada um deles. Sobretudo nos períodos de ausência das obrigações familiares. Agradeço aos meus amigos, pela paciência e por entender os motivos que estive ausente em alguns momentos. Aos meus colegas de trabalho, que sempre foram compreensivos e me incentivaram a estar ingressando nesta jornada acadêmica. Agradeço aos meus colegas de curso, pelas ricas trocas que tivemos, pelas construções criadas a partir de cada um dos nossos debates e as boas risadas e momentos que passamos nas aulas e nas saídas de campo. À sempre presente e prestativa secretária deste programa de Pós-Graduação, Andressa Soares dos Santos, que além de estar como colega não deixou de nos dar suporte, estando prontamente disposta em tirar dúvidas, enviar os recados e alertar sobre os prazos, além de dar um apoio emocional nos momentos mais tensos, na pré apresentação de um trabalho e também nas angústias naturais quando uma palavra amiga de apoio foram encontrados nela. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FACCAT pela oportunidade de cursar o Mestrado, concluído o curso convicto que a experiência que vivi, me permite um outro olhar, mais além, acerca do trabalho acadêmico, e das questões de conhecimentos. Me sinto pertencente aos processos construídos durante o estudo e deixo minha contribuição nas áreas do conhecimento e da pesquisa. Agradeço aos professores e professoras que contribuíram para que eu pudesse concluir com êxito esta jornada. Aos doutores: Aleteia Hummes Thaines, Carlos Águedo Paiva, Carlos Fernando Jung, Daniel Luciano Gevehr, Dilani Silveira Bassan, Jorge Luiz Amaral de Moraes, Marcos Paulo Dhein Griebeler, Moema Pereira Nunes e ao nosso Coordenador do PPGDR, Roberto Tadeu Ramos Moraes; meus sinceros agradecimentos pela imensa contribuição que tiveram na minha jornada e na minha

construção acadêmica e pessoal. Saibam que sempre serão lembrados por cada ensinamento. Às Faculdades Integradas de Taquara por terem me contemplado com bolsa parcial, sem a qual não seria possível ter cursado este Mestrado Acadêmico. Sou muito grato e eternamente me sentirei filho da FACCAT. Agradeço aos participantes desta pesquisa por terem se disponibilizado a responder aos questionários deste estudo. Sem esta colaboração não seria possível realizar esta pesquisa. Agradeço de forma especial, meu orientador, Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr. Já tinha sido meu professor na graduação aqui na mesma instituição, e quando ingressei no programa, não tive dúvidas desde o primeiro dia quem seria o meu orientador. A partir de conversas prévias e nos corredores da instituição, tive a certeza de que teria nele alguém capaz de me guiar neste percurso. Durante este tempo, além do seu conhecimento e propriedade acerca do tema, se mostrou um ser humano ímpar, de uma empatia invejável, sempre disposto e prestativo, manteve rédeas curtas ao me cobrar prazos e uma produção de excelência. Tens minha eterna gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender a trajetória de pessoas LGBTQIA + e Afro-Brasileiros localizados no município de Nova Hartz (RS). Percebe-se que esses grupos sociais foram excluídos na construção das abordagens sobre o passado da região do extremo sul do Brasil e de forma mais expressiva, da área de colonização germânica, onde a prevalência das citações evidenciam a presença da identidade étnica teuto-brasileira se mostraram bastante expressivas. Enquanto sociedade para o estudo amostral, objetiva-se entender a trajetória dessas pessoas no contexto de Nova Hartz, RS, assim como suas próprias narrativas, que foram registradas a partir dos seus relatos de vida, e que foram invisibilizados pela abordagem oficial que conta a história do local e, especialmente, sobre seus atores sociais. A partir das referências das trajetórias de vidas por parte desses grupos, se busca registrar e dar voz às memórias deles, refletindo-se sobre questões como preconceito e exclusão. As versões trazidas através das entrevistas realizadas com esses atores sociais apontam que essa invisibilidade está diretamente associada com a falta de políticas públicas mais urgentes no combate ao preconceito e discriminação, além de denunciar episódios de exclusão social identificado nesta pesquisa. Os resultados mostraram violência institucional, familiar e velada do ponto de vista social desses dois grupos, e que as expressões revelam incontáveis faces do preconceito que explica a invisibilidade.

Palavras-chave: Memória. Micro-história. Gênero. Raça e etnia.

ABSTRACT

This research seeks to understand the trajectory of LGBTQIA+ and Afro-Brazilian people living in the municipality of Nova Hartz (RS). It is clear that these social groups were excluded from the construction of approaches to the past of the southernmost region of Brazil and, more significantly, of the area of German colonization, where the prevalence of citations evidencing the presence of the German-Brazilian ethnic identity was quite expressive. As a society for the sample study, the objective is to understand the trajectory of these people in the context of Nova Hartz, RS, as well as their own narratives, which were recorded from their life stories, and which were made invisible by the official approach that tells the history of the place and, especially, about its social actors. Based on the references of the life stories of these groups, the aim is to record and give voice to their memories, reflecting on issues such as prejudice and exclusion. The versions presented through interviews with these social actors indicate that this invisibility is directly associated with the lack of more urgent public policies to combat prejudice and discrimination, in addition to reporting episodes of social exclusion identified in this research. The results showed institutional, family and veiled violence from the social point of view of these two groups, and that the expressions reveal countless faces of prejudice that explain the invisibility.

Keywords: Memory, Microhistory, Gender, Race and Ethnicity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização espacial da região do Vale do Rio dos Sinos, onde está localizada o município de Nova Hartz	16
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Respostas Espontâneas	63
--	----

LISTA DE SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travesti e Transsexuais
APA	American Psychological Association
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais (EM13CHS101) Estudos de Aprendizagem Contínua.
RS	Rio Grande do Sul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	19
2.1 A teoria da pesquisa	19
2.2 Metodologia da Pesquisa	28
3 O CONTEXTO HISTÓRICO E ESPACIAL DE NOVA HARTZ NO TEMPO E NO ESPAÇO	36
3.1 Nova Hartz no tempo e no espaço.....	36
3.1.1 Razões da imigração	37
3.1.2 As famílias pioneiras no desbravamento das novas terras.....	39
3.1.3 O Desenvolvimento econômico.....	40
3.2 Nova Hartz no espaço.....	43
3.2.1 Aspectos Humanos de Nova Hartz.....	43
3.3 O tempo e o espaço de Nova Hartz como ponto de partida para a análise dos atores sociais	44
4 A QUESTÃO DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAL E SUA INTERSECCIONALIDADE: O CASO DE NOVA HARTZ.....	46
4.1 A questão da invisibilidade LGBTQIA + no Brasil e algumas conquistas	46
4.2 As Pesquisas LGBTQIA + no município de Nova Hartz.....	52
4.2 Histórias de vida LGBTQIA +	62
5 A QUESTÃO DE RAÇA E ETNIA: O CASO DE NOVA HARTZ.	66
5.1 Definição de Raça e Etnia.....	66
5.2 As Narrativas sobre Raça e Etnia em Nova Hartz: os afrodescendentes falam de si.	68
6 CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS.....	98
APÊNDICES	103
APÊNDICE A - ENTREVISTAS LGBTQIA + DE NOVA HARTZ:	104
APÊNDICE C - MODELO DE INSTRUMENTO(S) PARA A COLETA DE DADOS	130

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma proposta de estudo qualitativa, que busca compreender a trajetória de vida de pessoas com diferentes identidades de gêneros, sejam elas cisgêneros assumindo sua identidade pelo qual nasceu, porém com orientação sexual diferente; ou transgêneros, ao não assumir sua identidade biológica pelo qual nasceu, transformando de acordo com sua orientação pessoal. Referências a lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais (LGBTQIA+)¹.

Também é objeto da pesquisa, estudar a trajetória de vida dos Afro-brasileiros, declaradamente negros, pretos ou afrodescendentes. Pessoas essas excluídas das publicações memoriais e da história de suas vidas na formação histórica e social do município de Nova Hartz-RS², de modo que a partir desta pesquisa, busca-se compreender a realidade de suas vidas e catalogar como interpretar suas narrativas. Pauta-se nas seguintes estruturas: Biografia, identidade étnica-racial e de gênero na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento regional, através de coletas de pesquisa de campo e revisões bibliográficas acerca dessas temáticas.

Objetiva-se entender, a partir das narrativas com esses dois grupos as trajetórias de suas vidas, como eles se enxergam no contexto do município, suas ações, traumas, vitórias ou fracassos como agentes da sociedade na formação histórica do município de Nova Hartz e da constituição do atual estágio do desenvolvimento da região, propondo colocá-los como porta vozes nesse processo, oportunizando a plena autonomia dos seus relatos.

Também propõe analisar as relações dessas pessoas na construção política, econômica, social e cultural da região do Vale do Rio dos Sinos, e também comparar as narrativas produzidas e publicadas no processo histórico de colonização, historicidade do município e as respectivas identidades desses atores sociais em estudo.

¹ Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/queer. No Chile é comum utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas queer e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transsexuais, Queer, Interssexuais e Assexuais) (Jesus, 2012, p. 30).

² Neste estudo, sempre quando citar o município de Nova Hartz, dispensará a identificação complementar da Unidade de Federação RS, a fim de não se tornar repetitivo. Assim, entende-se que sempre quando for aparecer a citação do município, significa que é no Estado do Rio Grande do Sul.

Nova Hartz, município brasileiro, pertencente ao Estado do Rio Grande do Sul, situado na região do Vale do Rio dos Sinos, aglutinando os seguintes municípios: Araricá, Nova Hartz, Ivoti, Nova Santa Rita, Dois Irmãos, Portão, Estância Velha, Campo Bom, Sapiranga, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Canoas.

Segundo as fontes disponibilizadas através dos trabalhos de resgate da memória e dos registros de estudos por autores da obra *Raízes* (2012)³ e demais artigos, pesquisas e trabalhos disponibilizados no museu histórico de Nova Hartz, trata da história da região como principalmente do município de Nova Hartz, registra parcialmente os relatos segundo a visão dos imigrantes.

Esta região foi colonizada por imigrantes alemães em meados do século XIX, quando a mesma era habitada por índios de diversos matizes étnicos, a saber: Minuanos, Tupi-Guarani e Umbu. Esse processo colonizador, foi um projeto português e brasileiro, para ocupar a região, trazendo da Europa habilidades profissionais e principalmente ocupação da região, demarcando o território brasileiro, uma vez que os indígenas e escravos jamais foram cogitados por parte dos grupos dirigentes na aplicação de projetos de inserção social e político. Desde logo, revelando descaso e invisibilização por parte do governo não somente de hoje como também na época.

Citando Harari (2018), ao justificar as injustiças no mundo contemporâneo, ele argumenta que essas resultam de vieses estruturais de grande proporção, e não de preconceitos isolados. Segundo o autor, “somos cúmplices desse processo”, que privilegia uma elite global e também social em detrimento de vários grupos desfavorecidos. Esses grupos, como será apresentado neste estudo, “são historicamente silenciados, não só na intenção deliberada ou de má fé proposital, mas sim e também por pura ignorância e por falta de conhecimento” (Harari, 2018, p. 282).

Para embasar a pesquisa sobre o tema do ponto de vista teórico e metodológico, foram consultados portais acadêmicos e artigos indexados como: periódico Capes, Scielo, Google Acadêmico e artigos publicados em universidades brasileiras; e também produções bibliográficas produzidas por pesquisadores e autores na constituição da principal obra que trata da história e memória do município

³ BARROSO, Lúcia Maciel *et al.* **Raízes de Nova Hartz**. XXII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha. Realizada de 23 a 28 de setembro de 2011 em Nova Hartz. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

e de biógrafos que descrevem a história do município, assim como suas memórias (sem rigor metodológico) como também a sua relação com a região e o Estado do Rio Grande do Sul e a própria narrativa histórica, de suas vidas e do município contada por esses grupos.

As fontes consultadas de referências teóricas Haesbaert (2017), Le Goff (2003), Pollack (1983) e Burke (2003) irão fundamentar esta temática na pesquisa e os seus conceitos na perspectiva de sustentar essas prerrogativas. Foram entrevistadas essas pessoas nos respectivos grupos amostrais LGBTQIA+ e afro-brasileiros como objetivo geral de identificar a formação social e política do município, através de suas memórias e vivências.

Uma vez que as publicações oficiais produzidas, e as fontes de referências da história do município, pouco ou raramente abordam a participação desses grupos sociais minoritários, far-se-á um estudo a fim de promover a equidade de versões. Essas referências foram esquecidas e ocultadas por agentes do poder político e econômico, principalmente pelas pessoas que escreveram a história, ou seja, colonizadores e descendentes de imigrantes alemães, cuja intencionalidade tiveram projetos políticos e econômicos de características neoliberais, aumentando as desigualdades sociais, com políticas econômicas que facilita os donos dos meios de produção. Essas evidências serão apontadas por referenciais teóricos por parte de autores, como sendo os maiores responsáveis por essas imparcialidades de versões, que consequentemente invisibiliza esses grupos minoritários em estudo.

As produções historiográficas entre 1997 até 2011 referente a história do município em estudo, foram escritas por autores que produziram suas versões a partir das suas intencionalidades, suas ideologias, seu prisma, de modo que a historiografia na Nova História, irá apontar defeitos e indicar correções, principalmente na corrente teórica da Micro-História ou Micro-Historiografia, para justificar a análise desses grupos na pesquisa, através da trajetória de suas vidas e da história do município.

As publicações produzidas, foram consolidando a construção da memória do município de Nova Hartz como também da região onde está localizado. As populações do município em estudo são em sua grande maioria oriundas de políticas imigratória e migratórias, devido ao estímulo econômico que esta região ofertava e para melhorar as condições de suas vidas dentro de um projeto colonizador e neoliberal. Dessa forma, foram constituindo reproduções de narrativas, que ao estarem registrados e publicados, protagoniza eles próprios, os descendentes germânicos, que ao fazer o

uso da História, declaram ser os principais desbravadores da história, os promotores da “verdadeira civilização”.

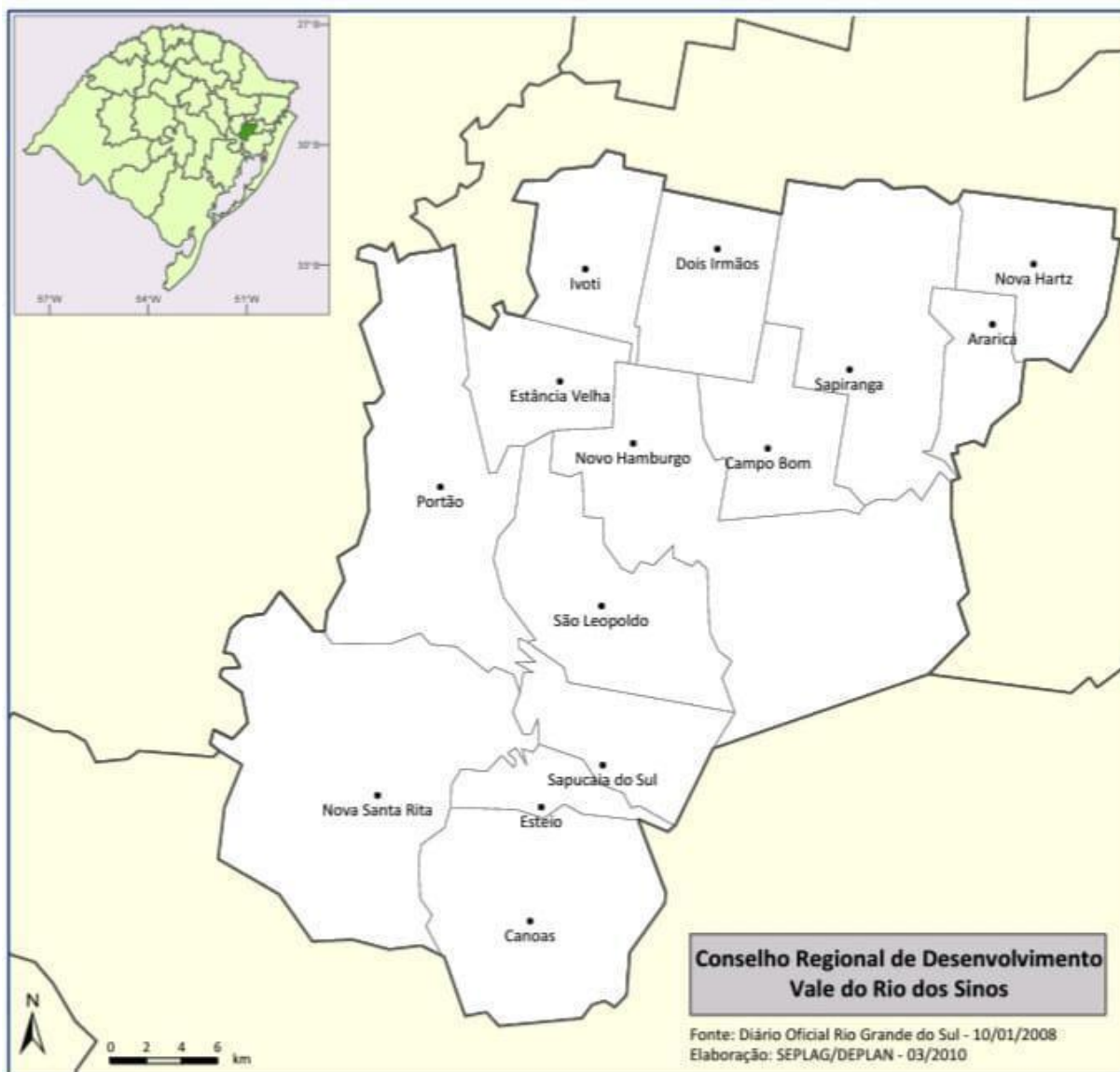
Diante disso, percebe-se desproporcionalidade de narrativas, versões, registros, afirmações e contribuições por parte dessas populações como um todo no município, de modo que os afrodescendentes e de populações de diferentes identidades de gêneros também participaram, como participam na constituição histórica do município, através das suas culturas, identidades, memórias de vidas e suas contribuições para o atual estágio político e econômico do município.

A proposta deste estudo tem esta finalidade, dar voz e contribuição memorial na formação histórica do município de Nova Hartz, através de dois grupos amostrais Afro-brasileiros e LGBTQIA+, que apesar de ser uma pesquisa proposto a entrevistar esses dois grupos específicos, possui uma interseccionalidade, que interagem e sobrepõem a fatores sociais que têm suas identidades, que mesmo ao serem considerados “invisibilizados”, por parte das publicações bibliográficas até então produzidos sobre o município, eles existem, vivem no município e tem elementos objetivos e subjetivos das suas contribuições na formação da história do município.

Dessa maneira, esses sujeitos sociais específicos para o estudo não andam em separado ou isolado, como também inexistem no município de Nova Hartz em particular quaisquer movimentos ou grupos ativistas politicamente atuantes caracteristicamente reivindicatórios como grupos sociais. Relacionam-se e interagem homogeneamente com os demais grupos, que também tem acesso à informação, a seus direitos enquanto cidadãos e conscientes dos seus protagonismos na história do município e das suas contribuições efetivas na história do município como um todo.

O mapa a seguir, apresenta a localização do município de Nova Hartz e demais municípios do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente da região do Vale do Rio dos Sinos. Esse mapa foi fornecido pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2023:

Figura 1- Localização espacial da região do Vale do Rio dos Sinos, onde está localizada o município de Nova Hartz



Fonte: IBGE (2023).

O município de Nova Hartz, no Rio Grande do Sul, tem um importante potencial de desenvolvimento regional. Com uma localização estratégica, conforme o mapa está entre as regiões metropolitanas de Porto Alegre e Novo Hamburgo; Nova Hartz, RS conta com fácil acesso às principais rodovias do Estado, como a BR-116 e a RS-239.

Diante da localização apresentada do município de Nova Hartz é importante destacar conceitualmente a sua localização. O território constituído e com o passar do tempo foi moldando ao se tornar o que é atualmente, evidencia diferenças com relação a sua territorialidade. Através de projeção sobre o espaço, através dos elementos da identidade desta população onde habita e que nele constrói e consolida as suas relações sociais internas e com os outros grupos com seus diferentes espaços,

percebeu-se uma identidade. Assim, este território, segundo Reckziegel (1996, p. 87 e 96), dá vida ao lugar, testemunho de sua história. Ao citar Milton Santos:

A região aparece como um espaço de conveniência, um quadro a utilizar para a reprodução das relações sociais. Lugares, subespaços, nada mais são do que espaços funcionais. Só a consideração do espaço total permite apreender o papel da paisagem no movimento global da economia e da sociedade (Santos, 1993, p. 34).

Dessa forma, as vivências, as ideias, os sentimentos que as pessoas constroem e desenvolvem com outras pessoas, compõem um espaço, que se propõe delimitar, no presente estudo no município de Nova Hartz, pois abarca uma história, uma cultura própria, constituindo uma região. Esta, por sua vez, no seu aporte teórico com a consulta da Geografia Crítica⁴, propõe analisar os componentes subjetivos e contraditórios, numa compreensão ampla e complexa, inserido nos diferentes contextos e especificidades, dentro da ótica cultural, com maiores condicionantes conflitantes e complexos, nessa teia de relações muitas vezes conflituosas.

A organização dos capítulos, pautará nas relações a partir da história do município de Nova Hartz inserindo os dois grupos, que embora, estando colocados separadamente, elas interagem através das mesmas reivindicações e demandas. Dessa forma, inicialmente é explicitado os fundamentos teóricos e metodológicos desta pesquisa, para em seguida adentrar na história da região onde a referência está o atual município de Nova Hartz, com seus aspectos físicos e humanos. Em seguida, no próximo capítulo, será analisado os grupos sociais, sendo que inicialmente se interconectam nas questões em comum como discriminação e preconceito e depois cada qual com suas conquistas de direitos e suas vidas no município onde vivem. Depois será apresentado a tabulação das entrevistas e sequente análise de discussão, em sucessivas apresentações de subtítulos para melhor identificar suas memórias e relatos de vidas.

A intenção nesse estudo é analisar a trajetória de vidas, dos afrodescendentes e diferentes identidades de gênero, como também identificar a partir dos seus relatos memoriais, a vida e história contada por elas mesmas, propondo ir mais além do

⁴ A Geografia Crítica, desenvolvida a partir dos anos 60, contesta a Geografia Tradicional. Propõe o uso de conceitos do materialismo histórico na análise espacial, considerando o elemento humano preponderante sobre o elemento físico, através da construção do espaço; estabelecendo correlações entre o modo de produção e a organização do espaço. Estado/território/recursos contradições na organização do espaço entre outras características. Os principais nomes desta visão teórica são: Yves Lacoste, Henri Lefebvre, Manuel Castels, Pierre Bourdieu e Milton Santos.

simples estudo sobre o passado deles e do município. É principalmente obter um quadro parcial e amplo a partir das coletas dos dados, identificando quem são essas pessoas que sendo invisibilizadas ou pouco visibilizadas tem uma história, identidades e funções sociais ativas contributivas.

Embora, pressupondo que existem preconceito e exclusão, não apenas no local em estudo, mas em qualquer outra cidade ou região brasileira em geral, traz em evidência novos conceitos que ao serem registrados poderão efetivamente contribuir através da reflexão em somar elementos descritivos com as que já existem, cujos relatos dos atores que escreveram a narrativa, e as publicações existentes. Com isso aumentará o repertório de versões, a fim de contribuir para a história do município, através da reflexão e memórias desses personagens se posicionando nas narrativas as impressões e seus pontos de vista.

Propõem analisar as relações dessas pessoas na construção política, econômica, social e cultural da região do Vale do Rio dos Sinos. Comparar as narrativas do processo histórico, da constituição do atual estágio do município, as condições de vida e suas contribuições para o desenvolvimento do município, assim como também e inclusive a Região do Vale do Rio dos Sinos. Como resultado, é proposto um quadro argumentativo para contribuir, a partir dos relatos de memórias, somando e incluindo textos bibliográficos relevantes para contribuir nos resultados, como estudo para reflexão de referências dos aspectos históricos e culturais levantados, deixando sempre claro que o estudo não pretende esgotar-se por completo nessas reflexões, mas pode contribuir para a memória regional que promove também o Desenvolvimento Regional.

2 OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A fim de embasar essa pesquisa, para em seguida averiguar e interpretar os dados coletados, este capítulo irá trazer a teoria e a metodologia da pesquisa como pano de fundo para discorrer sobre os relatos e os consequentes resultados a fim de conclusão.

2.1 A teoria da pesquisa

A proposta deste estudo ao analisar a história de vida dos grupos LGBTQIA + e Afrobrasileiros no município de Nova Hartz, tem-se como elementos na pesquisa a Narrativa⁵, sendo que essa teoria essencialmente sustenta esta pesquisa. Também propõe construir e afirmar as diferentes identidades da região, como lugar de comportamentos, expressões, participação, história de vidas, valores e crenças. São práticas por excelência social⁶ garantido de forma legal. As ações e motivações, deve ser levada em conta a relação das pessoas com o próprio espaço pelo qual se encontram, sendo ele concreto, ativo e dinâmico. Essas reflexões social e territorial são fundamentais para garantir maior aprofundamento e esclarecimentos através da coleta de dados para obter um diagnóstico qualitativo deste estudo, sobre o espaço territorial e a sociedade nelas inseridas, relacionando e apresentando as dinâmicas decorrentes das interpretações territoriais e o contexto no atual estágio desenvolvimento regional.

A intenção de identificar a recordação e a memória, é um exercício natural e espontâneo, a fim de esclarecer ou melhor compreender as evidências dos fatos do passado, do entendimento das nossas vidas e de outras pessoas no presente. Ao citar Pinto (2013), em Consciência e Memória e também Arruda e Almeida (2022), a memória é resultado de um conjunto de consciências, um recorte histórico que percorre o pensamento, a consciência e os sentidos. Embora, entende-se que esses pensamentos memoriais são por dados subjetivos, a partir de meados do século XIX,

⁵ A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador coleta os dados e em seguida a interpreta (Todorov, 1979, p. 138).

⁶ A ideia de inclusão permeia duas noções: a do indivíduo e a do coletivo. Do indivíduo, pois implica na garantia dos direitos humanos e na garantia da cidadania de forma individual; coletivo, pois implica na garantia de oportunidades e bem estar a todos os grupos sociais, sem distinção de raça, cor, credo ou religião (Lima, 2017).

as descobertas tecnológicas potencializam a conservação do acervo histórico, principalmente através de sons e imagens, que consagraram a viabilidade de maior sustentação da memória e a consequente renovação, ou viabilidade de renovação das narrativas históricas, muitas delas contempladas em documentos e no senso comum.

Na questão de memória, dentro da proposta das narrativas por parte de pessoas em estudo, Le Goff (2003), parte de pressuposto da sintonia entre a dialética da História com os fatores ideológicos com relação ao tempo vivido. A sustentação por parte dos grupos dominantes que se apropriam do tempo e também do espaço, das narrativas, ao se fazer o uso do calendário e seu tempo naturaliza e direciona conforme sua intenção a descrição do processo histórico. As sociedades e culturas são inventadas, de modo que o tempo vivido pelas diferentes camadas sociais cada uma define a sua história no seu tempo. Dessa forma, a “domesticação” do fato acontecido, contrapõe a memória e legitima participação de partes das sociedades excluídas na compreensão do fato memorial de um determinado espaço, em que existem histórias e memórias.

A formação social é um produto de interpretações, baseados em conjuntos de elementos encontrados na Micro-História⁷ contemplando a maior parte dos princípios teóricos aplicados na região para o desenvolvimento local como avanço na compreensão histórica dos grupos humanos, da formação do território em estudo e a constituição de uma sociedade onde Nova Hartz se insere.

No início do século XX, grupos de historiadores franceses se manifestaram contra a forma como a história era escrita. Segundo eles, a visão positivista⁸ do século XIX fazia com que os primeiros historiadores reduzissem o estudo do passado apenas às histórias de vidas humanas e de grupos dos grandes reis e à crônica dos grandes episódios, como se a trajetória da humanidade se resumisse a uma mera sucessão de fatos organizados em uma linha do tempo. Esses pesquisadores que formaram a Escola dos Annales⁹. No pensamento de Burke (2003), salienta que a concepção

⁷A Micro-História caracteriza-se pela “microanálise”, isto é, a análise de elementos do passado em nível de escala muito reduzido, tendo como alvo aspectos culturais, econômicos e sociais (Levi, 1991, p. 110).

⁸O positivismo foi uma corrente teórica criada pelo filósofo francês Auguste Comte (1798-1857) que defendia que a regra para o progresso social seriam a disciplina e a ordem, o que influenciou a teoria moral utilitarista de John Stuart Mill (1806-1873) (Dicionário Aurélio, 1999).

⁹A escola dos Annales só veio contribuir para a nova geração de historiadores, pois através de pesquisas regionais e locais eles reinterpretem fatos, que foram versados dentro de um discurso hegemônico, atribuindo-lhes novos valores e desconstruindo estereótipos herdados pela história universal.

positivista ignorava o modo como as “maiorias” anônimas contribuíram para promover lentas mudanças por meio de processos de longa duração.

As pesquisas da Nova História¹⁰ como exemplo de Febvre (1977), os historiadores franceses condenaram as grandes crônicas e histórias de vidas de personalidades políticas e sociais, por entenderem que excluem grande parte das pessoas inseridas nesse processo. Como também, na medida em que a biografia¹¹ é contada, traz para si todo o significado intencional de como essa trajetória de vida é contada, fugindo da veracidade e parcialidade. Entre o público em geral, que no passado, se maravilhavam e estudavam a vida das personalidades por essa parcialidade, as narrativas eram reproduzidas da mesma maneira que eles aprendiam, além de fugir da realidade, anula-se a revisão dos fatos acontecidos, por não considerar outros elementos que pudesse desconstruir a verdade dita. Como a Nova História mostrou; porém, estas trajetórias de vidas sempre estiveram inseridas em processos muito mais amplos, mas, afinal de contas, nunca deixaram de ser objetos de teorias aplicadas na história.

Diante disso, pretende-se pesquisar as trajetórias de vidas de pessoas que pertencem aos grupos historicamente excluídos. As motivações e intencionalidades desses esquecimentos, devem ser pesquisadas e analisadas dentro de um critério ético e social, para que a fundamentação científica aplicada neste estudo possa refletir ou mesmo contribuir a respeito das publicações sobre a história do município de Nova Hartz. No âmbito da discussão acadêmica pretende-se desenvolver as memórias a partir de dois grupos sociais, debater essas versões, comparando dados, narrativas e resultados qualitativos.

O conceito de invisibilizado, sustentado neste estudo ao se referir aos grupos afrodescendentes e de identidade de gênero, se insere em pesquisas recentes sobre a formação da classe social brasileira, protagonizadas pelas elites ao longo da história do Brasil. Souza (2017) sustenta que essa elite acentuou fortemente a desigualdade social, de modo que os oprimidos, os pobres, os negros e pessoas em geral com

¹⁰ A Nova História rejeita a composição da História unicamente como narrativa e a valorização dos documentos oficiais como única fonte básica de pesquisa. Em contrapartida, considera as motivações e intenções individuais como elementos explicativos para os eventos históricos, mantendo a velha crença na objetividade

¹¹ Uma biografia é definida como a narração da vida de uma pessoa, geralmente com foco em fatos importantes e no contexto histórico em que ela viveu. É um gênero textual que busca retratar a trajetória de um indivíduo, explorando seus feitos, experiências e influências, dentro de um determinado período e contexto (Loriga, 1998).

vulnerabilidade social, ao serem esquecidos propositadamente, alimentam e legitimam a hegemonia dessa elite. Ao mesmo tempo, o mesmo autor questiona: São mesmo essas pessoas invisibilizadas? A partir dessa questão, pode-se afirmar que o termo esquecido ou invisibilizado é uma conotação proposital, baseado nos interesses de classe ou grupos da elite burguesa que se alimenta da marginalização desses grupos, e que muitas vezes por não terem oportunidade de se manifestarem por eles mesmos, com registros recentes através da sua memória e identidade, perpetuam nos seus discursos e influências a manutenção do status dessa elite com sustentação ideológica sem o contraponto, que o mesmo autor propõe.

A partir da compreensão teórica dos conceitos de Etnicidade e Gênero, propõe-se fundamentar a pesquisa, considerando, a perspectiva de raça para Nogueira (2017), que ao tratar de raça e etnia, os critérios de classificação de pessoas, além de ter sentido e relevância social, possuem uso específico como forma de dominação, que geralmente atingirá com mais intensidade as pessoas fora do padrão étnico/racial dominante, como é o caso dos europeus e anatomicamente mais parecido com as pessoas brancas.

Já a concepção de gênero, Butler (2018), afirma que a história tem mostrado que o modo de pensar o mundo, as pessoas e a natureza tem gerado desigualdade. Desse modo, é criado hierarquias, privilegiando os homens, que por sua vez submetem, desvalorizam e oprimem as mulheres. Para Beauvoir (1949, p. 64), “[...] a ideia dominante é de que a sexualidade deve obedecer à natureza, determinada pelas diferenças biológicas entre os sexos, e que os homens e as mulheres trazem consigo, uma natureza que define o modo de sentir, manifestar e realizar a sua sexualidade”. Essa ideia obedece aos padrões de gênero, que definem o caráter amoroso e passivo da sexualidade feminina, em contraposição, ao caráter ativo, viril e insaciável do homem macho. Deriva dessa concepção de sexualidade, um padrão de comportamento sexual, considerado normal, que se realiza entre um homem e uma mulher.

Desse modo, o estudo oportuniza uma narrativa conflitante para contar a história da cidade de Nova Hartz-RS, dentro da região do Vale do Rio dos Sinos, na constituição de uma promoção de um Desenvolvimento Regional, fundamentado em pesquisa, território e conceito de desenvolvimento. Assim, a construção social é um produto de interpretações, baseados em conjuntos de elementos encontrados na Micro-História. Contemplando todos os princípios teóricos da região, territorialidade,

espaço e desenvolvimento local com objetivo de compreender o avanço econômico do município de Nova Hartz, a partir desses grupos das categorias LGBTQIA + e Afrodescendente.

Priamo (2013, p. 34) que por sua vez se vale dos estudos de Ortiz (1994, p. 76):

[...] as construções de identidades, de simbologias e crenças, o que sustenta a veracidade e elucida dúvidas, dos trabalhos de pesquisas produzidas até então, que tratam de narrativas de pessoas ou grupos, é a busca de pesquisa de campo, para ouvir e escutar as narrativas dessas pessoas.

Dessa forma, fundamenta-se a análise em questão e na construção e definição do espaço por esses grupos que foram e são “esquecidos” ou ocultados, que por sua vez revelam suas opiniões, versões, indo muito além da sua identidade, indo na esfera de justificar a sua participação social como protagonista e para o desenvolvimento regional como um todo.

Para o desenvolvimento de uma Região, no caso do Vale dos Sinos em Nova Hartz, é de vital importância se referenciar da Micro-História, pois discute à luz da formação histórica, elementos que permitem compreender a dinâmica regional numa perspectiva econômica as complexidades que compõem uma região e também uma abordagem historiográfica construída a partir de várias histórias, especificamente nos estudos culturais, urbanos e principalmente de etnia e gênero.

Nova Hartz, município de mais de 34 anos de emancipação, local de imigrantes alemães, com sua vocação econômica desenvolvida num primeiro momento na agricultura e posteriormente no comércio, indústria e serviços, pode servir como modelo dessa justificativa do desenvolvimento regional, que por sua vez, durante as última 3 décadas cresceu em números de habitantes e inseriu no conjunto da sua população novahartense diversidades de grupos, que assim como os considerados “pioneiros” desenvolveram a empregabilidade e incrementaram meios de produção, gerando melhoramentos na urbanização e construção de novos espaços, que de acordo com os dados do IBGE (2022) constituíram um município com relativa qualidade de vida e índices de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e também na região do Vale do Rio dos Sinos.

A Micro-história é uma abordagem historiográfica que se concentra em eventos, indivíduos ou comunidades específicas em um contexto local ou regional. É uma forma

de análise histórica que busca compreender a experiência humana em níveis mais detalhados e íntimos, muitas vezes enfatizando a vida cotidiana, a cultura popular e as vozes das pessoas marginalizadas. Também, baseada na ideia de que a história é construída a partir de várias histórias e experiências individuais, e que essas histórias podem ser usadas para entender a sociedade como um todo. Em vez de se concentrar nos grandes eventos e figuras da história, a micro-história utiliza fontes primárias e técnicas de pesquisa qualitativas para examinar os momentos e lugares específicos em que as pessoas viveram (Vendrame; Karsburg, 2020).

A Micro-História tem sido amplamente aplicada em estudos culturais, estudos urbanos e estudos de gênero, bem como em áreas como a história da infância, história do trabalho e história ambiental. Embora o foco na Micro-História esteja nos eventos e pessoas em um nível local, os historiadores podem usar esses casos para produzir argumentos mais amplos sobre a sociedade e a cultura em geral. Esse modelo teórico tem sido valorizado por sua ênfase em trazer as histórias das pessoas comuns para o fato acontecido e por desafiar as narrativas dominantes que muitas vezes excluem essas vozes. Entende-se que estudos que utilizam este método, as práticas, são bastante úteis para pensar o desenvolvimento regional, que nessa pesquisa propõe analisar grupos de pessoas que compõem características de etnia e gênero (Vendrame; Karsburg, 2020).

A atenção se volta para os "pequenos detalhes", localizados num espaço específico, pessoas específicas e tempos específicos. Nova Hartz, precisa ser compreendido além do viés econômico, numa perspectiva cada vez mais ampla e complexa, de modo que sua história da região, assim como das pessoas que nela viveram e vivem influenciaram no processo de transformação dessa sociedade ou dessa região, com causas e efeitos de uma série de mudanças, no âmbito da política, da cultura, justamente para buscar compreender a complexa relação de seu movimento, de fluxos, redes e ordenamento territorial. Este entendido, através da representação física e humana do conjunto das ações humanas, de construções de identidades, sentimento de pertencimento e vínculos simbólicos próprios.

A análise que se pretende fazer é para compreender a formação cultural e social do lugar onde esses grupos (LGBTQA+ e descendentes afros) estão inseridos. Através dessa perspectiva, pode-se compreender as singularidades do local e regional; conhecendo de forma mais aprofundada o espaço em análise, fazendo novas perguntas e estabelecendo novos objetivos de ação investigativa, para buscar

compreender as dinâmicas e demais questões que se sabe parcialmente ou mesmo não se conhece, por parte dos atores que compõem esse espaço, estabelecido atualmente em redes mais tecnológicos.

Segundo a metodologia de Grendi (1977, p. 33):

[...] a renovação metodológica proposta pela Micro-história, teve relevantes consequências para os estudos regionais, uma vez que aponta alternativas para a investigação da história e suas pesquisas, como também sua reinterpretação, contrapondo a historiografia tradicional que aborda a história dos vencedores e do viés essencialmente político e econômico.

Nessa nova abordagem, o autor apresenta um caminho para estudar o espaço, as pessoas e o todo regional, sem desassociar o todo do contexto, de maneira interdisciplinar, ampliando debates e discussões, enriquecendo o repertório de investigações dentro do âmbito das questões sociais, numa perspectiva para o desenvolvimento regional.

Essa ruptura permite aprofundar uma análise investigativa regional e local, aprofundando também a formulação de perguntas de caráter científico, cuja interpretação, reunindo grupos de pessoas e até mesmo indivíduos, traça-se o perfil, ou seja, o diagnóstico dos personagens em questão examinados, suas trajetórias de vidas, suas memórias, suas versões, a trama e relação social com outros grupos, entendido como assimilação e trocas, podendo possibilitar uma maior e melhor explicação, com precisão maior de detalhes, os episódios e a “radiografia” do espaço regional em estudo.

As ações e motivações, devem ser levadas em conta na relação das pessoas com o próprio espaço pelo qual se encontram, sendo ele concreto, ativo e dinâmico. Ao analisar sujeitos na relação memórias e espaços, se revela de fundamental importância para que se possa compreender os diferentes modos de processos históricos de territorialização. Esse esforço sócio territorial é fundamental para garantir maior aprofundamento dos estudos sobre o espaço e o desenvolvimento regional. É importante salientar que a Micro-história contribui para os estudos sobre os espaços locais, fazendo com que as fontes utilizadas em pesquisa questionem a legitimidade do *corpus* documental. Deve-se compreender a origem, o contexto de produção, a autoria, as narrativas, os discursos e todo o conjunto de representações nas fontes, de modo que revelam muito mais sobre o contexto da produção, de autoria e de narrativa do que os próprios atores que a produziram o conteúdo feito por eles.

Assim, ao analisar sujeitos na relação de memórias históricas e espaços, se revelam de fundamental importância para que se possa compreender os diferentes modos de processos históricos de territorialização, refazendo perguntas para buscar possíveis respostas sobre as fontes, memórias e que possam dessa forma desvendar suas trajetórias humanas de vida das pessoas.

Nova Hartz, sendo uma cidade organizada, articulada e projetada pelos imigrantes europeus durante o século XIX¹² e consolidada nos séculos XX e XXI, assumiu o projeto por parte do governo brasileiro na época de povoamento das terras “devolutas” e por demarcação de território, além de implementar trabalhos qualificados através da profissionalização dessas localidades, para o Brasil com base no projeto governamental de inserir a nova nação no cenário global e internacional.

O governo imperial brasileiro (1822 – 1889), deixou muito claro a intenção de que com o fim do tráfico Atlântico através da Lei Eusébio de Queiroz¹³ Lei n.º 581/1850, o tráfico de escravos e a escravidão negra, esses grupos teriam que ser substituídos como de fato e parcial foram, pelos imigrantes europeus, principalmente no projeto implícito racial inserido no contexto histórico científico Darwinista Social, utilizado a serviço do imperialismo europeu do século XIX e usado pelos governantes nacionalistas no período, de Branqueamento da população brasileira, constituída na maior parte de negros escravos e descendentes e indígenas.

Assim, assiste-se no município, a exclusão social desses grupos, vítimas de preconceitos implícito e explícito, esquecimento no senso comum como promotores do desenvolvimento da cidade e espaços de residências de espaços periféricos e com uma economia basicamente de subsistência, conduzindo a uma concentração de renda por parte dos grupos dirigentes. Através da obra *Raízes de Nova Hartz* (2011), o incremento da diversificação econômica somado com a agricultura, indústria, comércio e serviços, inserido no contexto da globalização a empregabilidade e o aumento demográfico verificado a partir da emancipação em 02 de dezembro de 1987. Segundo as ideias de Schneider (1999) as demandas de mão de obra no setor

¹² A Colônia do Mundo Novo foi fundada em 08 de outubro de 1846 por Tristão José Monteiro, empreendedor porto-alegrense que buscou na venda de terras uma possibilidade de investimentos financeiros, sendo assim, um dos pioneiros na questão de venda de lotes de terras no Estado. Monteiro, inclusive, comprou um lote de terras de André Manique, que atualmente está situado no território de Nova Hartz (Barroso *et al.* 2012).

¹³ Uma legislação brasileira promulgada em 4 de setembro de 185, que recebeu esse nome em homenagem ao seu autor, o deputado Eusébio de Queirós. Essa lei teve como objetivo principal a proibição do tráfico negro no Brasil, ou seja, a importação de africanos como escravos.

calçadista, acumulou as demandas para o processo acentuado de emigração para a cidade, uma vez que a oferta de emprego foi o principal atrativo desse processo, gerando bons índices econômicos do PIB per capita¹⁴ de Nova Hartz-RS e colaborando regionalmente juntamente com outros municípios vizinhos.

Segundo Muller (2021, p. 86), ao se tratar de políticas públicas¹⁵, “jamais se pode imaginar que ela vai erradicar definitivamente o problema”. Os problemas e os desafios que elas apresentam dinamizam, na medida em que os atores sociais, o tempo e as circunstâncias históricas, como por exemplo, a Covid-19, que escancarou ainda mais os problemas e as desigualdades sociais, principalmente dos grupos em estudo; e com isso vai necessitar sempre ação do governo com participação desses grupos considerados invisibilizados. A mesma autora argumenta que as políticas públicas combinam ajustes políticos e a própria legitimação da sociedade, promovendo participação desses grupos. Essa construção impõe estratégias organizacionais, a partir daquilo que é preciso é imperioso fazer. Não há políticas públicas sem o voto e a militância desses grupos, cuja participação e protagonismo permitem a evolução da política que coloca a participação e a cidadania como modelo que o Estado precisa permitir e promover.

O cenário dos direitos e da cidadania para pessoas LGBTQIA+ no Brasil¹⁶, composto por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, confronta-se com uma série de desafios intrincados e multidimensionais. Muitos setores da sociedade ainda enxergam esses indivíduos como sujeitos não legítimos no cenário político ou, de maneira ainda mais preocupante, como entidades insuficientemente humanas para merecerem proteção estatal quanto à sua integridade física, autonomia moral e liberdade existencial.

É inegável que a negação da humanidade e identidade destes sujeitos frequentemente encontra raízes em paradigmas heteronormativos, naturalizantes e, de maneira expressiva, em crenças religiosas. Tais concepções se mostram notoriamente desalinhadas com os princípios fundamentais que deveriam nortear sociedades democráticas e Estado laico, como o respeito à dignidade humana, a

¹⁴ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PIB per capita (2020) R\$ 32.102,03**. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-hartz/panorama>. Acesso em: 26 nov. 2023.

¹⁵ Conjunto de leis afirmativas no Brasil.

¹⁶ BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Inciso IV do artigo 3º, não inclui expressamente a orientação sexual, listando como objetivo fundamental da República promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

garantia da autonomia individual e a proteção intransigente da liberdade.

Desse modo, através do exposto acima, com as respectivas teorias, pensadores e autores na defesa das ideias e as políticas públicas existentes sobre as temáticas raciais e de gênero, entende-se que as discussões para a aplicação e a fundamentação científica para a proposta da pesquisa obedece a critérios relevantes sob o ponto de vista social, histórico, inclusão e empoderamento de grupos historicamente excluídos.

2.2 Metodologia da Pesquisa

Propõe-se desenvolver um método de geração e análise de dados a narrativas conhecidas como “Entrevista Narrativa”¹⁷, cuja principal característica é a exploração de narrativas “improvisadas”, isto é, relatos que os entrevistados produzem sem preparação e sem interrupção do pesquisador. A pessoa contará sua história de vida a partir de um convite amplo e não diretivo e somente ao final, o pesquisador fará outras perguntas específicas, pontuais e complementares.

A utilização da técnica Narrativa na pesquisa qualitativa, apresenta características e detalhes específicos. Jovchelovitch e Bauer (2002), apresentam sistematicamente inúmeras questões que serão captadas através da coleta dos dados. A partir da realidade dos entrevistados, suas manifestações, apresentam distintas opiniões, que por sua vez revelam determinados caracteres de comportamentos. As narrativas das histórias de vidas, que é o objeto dessa pesquisa, para esses autores, é extremamente legítimo, uma vez que possibilita a resignificação das suas histórias de vidas e a reconstrução oportuna dos relatos das suas memórias, que podem ser tanto individuais quanto coletivas.

Eles também sustentam, que a técnica Narrativa traz uma visão de mundo, embora parcial, diferente e por vezes contraditório, não pode ser julgada pelo pesquisador – entrevistador. O próprio exercício da pesquisa narrada embasa a sustentação legítima da pesquisa e o que o pesquisador irá colher através das informações fornecidas. A narrativa, segundo Alves (2020), reafirma e confirma o

¹⁷ Coleta informal de dados acentuados, a partir da sugestão do sociólogo alemão Fritz Schütze. Shütze, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews-Part 2. Moduli B.2.2. INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational training-further education curriculum, 2007

momento vivido por essas pessoas, a construção histórica delas, através das suas memórias, com os fatos ocorridos, os condicionamentos do como, do porquê e para quê, para propor ao entrevistador uma maior profundidade e alargamento do presente, podendo ter instrumentos para pensar o futuro, a fim de humanizar e contribuir para essas reflexões. Nessa técnica, o encorajamento do entrevistado a contar suas memórias, coloca na posição de protagonista neste processo, oportunizando a sua versão sobre os fatos e os acontecimentos. Essa dinâmica soma-se pontos de vistas que estavam esquecidas ou mesmo desconhecidas, de modo que o vínculo estabelecido e exercido entre os sujeitos entrevistados e o entrevistador assumem características saudáveis e distensionais, considerando que os relatos memoriais são carregados de sentimentos, traumas e frustrações.

Diante disso, as etapas obedecem a critérios para a elaboração dessa pesquisa, devendo, segundo Pachá e Moreira (2022), ao fazer referência a Jovchelovic e Bauer (2002, p. 97) obedecer às fases, com organização e critério a serem desenvolvidas na execução da pesquisa Narrada:

- Preparação – exploração do campo e formulação de questões exmanentes¹⁸;
- Iniciação – formulário do tópico inicial para narração e emprego de auxílios visuais;
- Narração Central – não interromper, somente encorajamento, não verbal para continuar a narração e esperar os sinais de finalização;
- Fase das Perguntas – somente “Que aconteceu então?”, não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes, não discutir sobre contradições, não fazer perguntas tipo “porquê?”, ir de perguntas exmanentes para imanentes¹⁹;
- Fala Conclusiva – Parar de gravar, são permitidas perguntas do tipo “por quê?”, fazer anotações imediatamente após as entrevistas (Jovchelovic; Bauer, 2002, p. 97).

É importante destacar, segundo as referências citadas para esta metodologia de pesquisa é uma técnica possível, que reforça a temporalidade, a espacialidade e as subjetividades dos atores envolvidos. Os agentes que participaram dessa pesquisa como também na participação da história, através do exercício das suas memórias e decodificando os elementos característicos da sua própria individualidade.

Nesse método, objetiva-se evidenciar as “estruturas dos processos” pessoais e

¹⁸ As questões exmanentes referem-se às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e

¹⁹ Que faz parte de maneira inseparável da essência de um ser inerente. De longa duração; que permanece dura; perdurável. www.dicio.com.br > imanente. construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento”.

sociais através da ação histórica e sofrimento enfrentado, como também as alternativas de enfrentamento das suas memórias, propondo relatos da história e memória das suas vidas e da sua participação no município e região. Existe na relação com os entrevistados uma profunda relação entre o desenvolvimento da identidade do indivíduo e suas versões narradas de suas vivências durante a sua vida. Segundo Schütze (2007, p. 8 e 9):

Mediante a recordação do passado, na narração, autobiográfica de certas fases e episódios da vida ou ao narrar à história como um todo, o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir e moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração autobiográfica, como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua aprofundamento no tema a ser pesquisado (exploração do campo).

Na fase da iniciação da entrevista narrativa, o pesquisador apresenta uma questão gerativa²⁰ (uma pergunta ampla), para estimular uma narração espontânea, em que a psicologia de Flick (2004), compreende, que esses métodos, na Alemanha, por exemplo, têm apresentado bons resultados.

Nessa pesquisa sobre as pessoas excluídas historicamente, por questão étnica e de gênero, será proposto questões induzindo respostas diversas, tendo intervenção mínima por parte do pesquisador, até a indicação de finalização por parte do entrevistado. As interrupções serão acentuadas, quando o pesquisador, porventura, for incapaz de compreender o conteúdo relatado, quando então, pede esclarecimentos.

Num segundo momento, será proposto perguntas mais específicas constituindo o termo imanente, dentro das subjetivas ou objetivas, respostas dadas nas questões iniciais como, por exemplo: *Que aconteceu quando...? O que você quer dizer com...?; você mencionou...; não entendi quando você disse..., etc.* Em seguida, proceder a perguntas descritivas sobre situações vividas, outras pessoas, relações sociais e assim por diante.

²⁰ Inspirado no racionalismo e da tradição lógica dos estudos da linguagem, ele apresenta uma teoria a que chama de gramática e seu estudo se dá especificamente na sintaxe que, para ele, constitui um nível autônomo e central para a explicação da linguagem (Dillinger; Palácio, 1997).

Por fim, pretende-se fazer perguntas sobre a opinião ou avaliação da narrativa caracterizado de “exmanentes”. Conduz às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema estudado, elaborando a revisão de literatura e aprofundamento no tema pesquisado focando o interesse principal do pesquisador, de tentar buscar resultados opinativos das suas declarações; através de realização de perguntas, seus motivos e razões.

Mediante, essas metodologias, com referências teóricas detalhadas em etapas apresentadas e suas respectivas justificativas, o objetivo dessas técnicas da entrevista tem não só como fim principal reconstruir as interpretações subjetivas que as pessoas narram sobre suas vidas, mas sim, reconstruíram os pontos dos fatos históricos conhecidos e relatados com todo o processo histórico macro, considerando o contexto social e histórico em que essas pessoas viveram e vivem.

Os métodos a serem aplicados neste estudo, parte da investigação da memória desses grupos considerados invisibilizados, afrodescendentes e identidade LGBTQIA+. Essa metodologia, através da oralidade, reconhece a história da vida dessas pessoas, para a inclusão de pertencimento e conhecimento, além de comparar com a história oficial. Assim os excluídos pelos grupos dominantes, terão posicionamento político, que possibilitará diferentes perspectivas a respeito das suas próprias vidas e da própria região onde vivem.

Essa entrevista será feita através de questionários preparados em documentos individuais a ser escrito pelo pesquisador e com o acréscimo do aparelho celular com gravador de voz, espelhado no conteúdo na semi-estruturação. Segundo Bardin (2009), nessa estrutura, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos coletados pelo pesquisador e na linguagem oral do próprio entrevistado, permitindo ao investigador poder desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. Assim Anderson (2003), também considera a entrevista como um método único no recolhimento dos dados, por meio do qual o investigador reúne dados, através da comunicação entre indivíduos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem exploratória baseada em um estudo de resgate memorial, a partir das impressões que o pesquisador tem a partir das realidades do presente dos entrevistados; o qual tem a expectativa de ser válido às questões relativas ao contexto local e regional, uma vez que o pesquisador consegue abordar e analisar as amostras, comparando os dados e a realidade que ele interpreta. A partir de uma determinação espacial, na visita do pesquisador nas

residências ou locais previamente agendados e com o aceite por parte dos entrevistados, será apropriado a execução da aplicação, observação, análise e interpretação subjetiva por parte do pesquisador.

Considera-se a condição do contexto como essas pessoas estarão no momento da abordagem. Ao visitá-los individualmente em três momentos, o primeiro para o convite e aceite com assinatura do documento²¹ e demais explicações, esclarecimentos de dúvidas, justificando a relevância dessa pesquisa. Num outro momento a pesquisa propriamente dita, com o questionário escrito e o aparelho celular com o gravador de voz para coletar os dados, deixando claro, tanto na primeira visita quanto na segunda, como será essa pesquisa, garantindo a proteção dos dados pessoais e a confidencialidade das informações. E por último, a apresentação dos resultados, da interpretação e aspectos relevantes apontados. As entrevistas irão procurar apreender e compreender os fatos, os relatos, as situações, relativizando o contexto de vida e emocional dessas pessoas nas suas particularidades, características e opiniões.

Os relatos de vidas além de ser uma dinâmica, e possuir uma intencionalidade por parte do entrevistador, é um exercício de contar a história de suas vidas por parte do agente entrevistado, mas também a proposta de produzir efeitos, gerando ações, propor outras reações, para compor um quadro analítico mais amplo e facilitado, em que a falta de acesso a erudição linguística, manifestará nos gestos uma linguagem simbólica definida.

Refletir sobre o tempo de vida por parte dos entrevistados será complexo, na medida em que a memória toca na riqueza ou traumas sobre o significado dessas vivências, que para o entrevistado provavelmente não será fácil. A partir desses dados, fazer uma análise comparativa das narrativas, para propor uma síntese argumentativa, a fim de concluir o estudo evidenciando novas evidências.

O critério definido para a pesquisa individual e separadamente, compondo o todo com uma análise final baseada na qualificação dos dados coletados, parte da metodologia “Bola de Neve”²² sendo que a primeira pessoa escolhida para a entrevista será uma mulher auto identificada lésbica, moradora à décadas no município e

²¹ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Site da Faccat. Documentos em anexos.

²² Amostragem em bola de neve é um método tipicamente utilizado com populações raras ou desconhecidas. Membros destas populações não foram todos identificados previamente e são mais difíceis de encontrar ou contatar do que populações conhecidas (Coleman, 1958; Goodman, 1961; Spreen, 1992).

conhecida pelo trabalho realizado na prestação de serviços profissionais em todas as camadas sociais. A primeira pessoa entrevistada do grupo Afro descendente será um homem negro, consolidado no município reconhecidamente com atuações sociais e culturais.

Apesar de conter limitações e passíveis de falhas e contradições, esta metodologia Bola de Neve é fundamental para esta pesquisa, pois tanto os grupos LGBTQIA + ou afro brasileiros não se encontram isolados num determinado lugar no município em estudo. Pelo contrário, estão isolados, inseridos e infiltrados nos bairros diversos de Nova Hartz. Mesmo que se admite que tenha conexão e inter-relação parental e vínculos afetivos entre eles, a pesquisa Bola de Neve propõe que o primeiro entrevistado, os citados acima (preservar a identidade deste projeto de pesquisa) indiquem que o próximo a ser entrevistado, ou mais pessoas indicadas. O critério decidido será conforme o primeiro entrevistado, pois necessita avaliar as condições subjetivas da escolha dos próximos quanto à localização e disponibilidade do entrevistado.

A intenção propositiva inicial neste estudo foi pesquisar 2 grupos de 6 pessoas cada, sendo 3 pessoas do sexo masculino e 3 pessoas do sexo feminino, divididos nas categorias LGBTQIA+ e Afrodescendentes no município de Nova Hartz. Ao ter feito uma sondagem inicial no município, as pessoas inicialmente observadas, conhecidas e considerando as pessoas ainda por conhecer, moram nas localidades esparsas na cidade. No interior, ainda não se verifica parcialmente ninguém, porém não significa que não se possa conhecer, na medida em que o estudo de campo ao ser iniciado, obterá informações sobre essas pessoas, que possivelmente serão entrevistadas para esse estudo.

A intenção é que sejam pessoas que moram na maior diversidade de lugares no município, isoladamente, sem contato entre os entrevistados até para que seja protegido a confidencialidade, a segurança, a ética, a liberdade e a interdependência. Para que com essa metodologia, possa ter a intenção de obter maior índice de informações possíveis e autênticas para poder enriquecer a coleta dos dados e qualificar da melhor maneira possível os resultados da pesquisa.

O critério no princípio foi que fossem pessoas adultas, de preferência com maior idade, pois considera-se que a experiência em questões de vida, memória e identidade fornecem subsídios mais sólidos e consistentes nas respostas. Com

relação a profissão, nível de escolaridade, nível econômico, considera-se ser irrelevante, mesmo diagnosticando previamente o município em estudo. Entende-se que os LGBTQIA+ são mais sólidos economicamente, não havendo afrodescendente neste grupo. Ao contrário aos descendentes afro, por questões óbvias, se tratando de trabalho, e sua trajetória do passado escravista, em nível econômico os afrodescendentes ficam atrás ao diagnosticar num primeiro momento que eles e elas se encontram em bairros mais retirados e periféricos com relação ao centro da cidade²³.

As perguntas previstas inicialmente foram formuladas previamente pelo pesquisador²⁴ a fim da aplicação da entrevista. Para isso, foram direcionadas 11 perguntas para cada uma das pessoas, tanto para LGBTQIA + quanto às pessoas afrodescendentes. Tanto para um grupo quanto para outro, as questões serão diferentes, porém dependendo da reação do entrevistado face a pergunta, o pesquisador permitirá e aceitará como resposta o seu entendimento ou mesmo a intenção do entrevistado na sua resposta. O importante é insistir e ser se possível persuadido por parte do entrevistado(a). As respostas fornecidas foram validadas, qualificadas para fins de obter o melhor possível, variado e acumulado de informações, para o enriquecimento dessa coleta de dados, a fim de análise dos resultados, fazer o melhor possível as interpretação qualitativas dos resultados, de modo a ser agendado uma terceira visita aos entrevistados, para a leitura das conclusões do estudo.

Propõe-se desenvolver um método de acordo com Schütze (2007) de geração e análise de dados através das narrativas conhecidas como “Entrevista Narrativa”²⁵, cuja principal característica é a exploração de narrativas “improvisadas”, isto é, relatos que os entrevistados produzem sem preparação e sem interrupção do pesquisador. A pessoa contará sua história de vida a partir de um convite amplo e não diretivo e somente ao final, o pesquisador fará outras perguntas específicas, pontuais e complementares.

De acordo com o protocolo da Faccat (Faculdades Integradas de Taquara) e

²³ Uma cidade é uma área urbanizada, que se diferencia de vilas e outros espaços urbanos através de vários critérios: população, infraestrutura, organização, serviços, entre outros. (Chrysostomo, 2018).

²⁴ Estão em anexo.

²⁵ Coleta informal de dados acentuados, a partir da sugestão do sociólogo alemão Fritz Schütze. Shütze, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews-Part 2. Moduli B.2.2. INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational training-further education curriculum, 2007

do PPGDR (Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Regional), o projeto foi apresentado no dia 25/05/2024 e aprovado pelo CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) no dia 26/06/2024, com o número 78304724.7.0000.8135. Esse documento, fornecido pela Plataforma Brasil, permitiu que o pesquisador fosse realizar a pesquisa de campo, obedecendo aos critérios citados na Metodologia da Pesquisa.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO E ESPACIAL DE NOVA HARTZ NO TEMPO E NO ESPAÇO

Este capítulo irá apresentar o cenário da pesquisa no tempo e no espaço, para melhor compreender os atores sociais que constituem o objeto central da pesquisa. Entende-se o Tempo na referência da história social e política de Nova Hartz. Já o Espaço compreende a formação territorial que delimita geograficamente a localização do município em estudo.

3.1 Nova Hartz no tempo e no espaço

Com início da colonização do Vale do Rio dos Sinos pelos imigrantes germânicos, atraídos pelo governo imperial às terras novas através da promessa de uma vida mais fácil, fértil e livre, os grupos indígenas ficaram bastante apreensivos com os seres que, dia a dia, aventuravam-se cada vez mais por seus territórios, abrindo clareiras e picadas, matando animais e cultivando os mais variados tipos de vegetais.

Cada vez mais restringidos em seus próprios territórios, o avanço da colonização germânica, posteriormente lusa e italiana, forçou os índios a uma solução desesperada para re-adquirirem aqueles recursos aos quais estavam sendo privados. Como salienta Arnt (2000)²⁶, os nativos, começaram os ataques indígenas às famílias estabelecidas nas encostas de Dois Irmãos, Taquara e Sapiranga. Eles estavam interessados, principalmente nos panos e instrumentos de ferro utilizados pelos europeus no produto de sua lavoura. Como resposta a essas investidas foram organizadas expedições punitivas que, muitas vezes, acabaram tirando a vida dos grupos indígenas.

No “Novo Mundo” a vida não se mostrava tão fértil e fácil como fora prometido aos imigrantes, por muitas agruras passaram e pereceram, mais pela falta do que pelo excesso, devido principalmente ao não cumprimento das promessas do governo brasileiro a esses imigrantes que se viram obrigados a se aventurarem nas terras desconhecidas por eles²⁷.

²⁶ Arqueólogo do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, São Leopoldo.

²⁷ Resultados da pesquisa realizada pela professora Vânia Inês Avilla Priamo, quando nos estudos dos artefatos de pedras no vale do Rio da Bica, bairro do atual município de Nova Hartz. Este trabalho foi feito em colaboração com arqueólogos e antropólogos que mapearam a região, chegando a essas possíveis conclusões. Material fornecido pelo Museu Histórico de Nova Hartz: De Harz Pikade a Nova

Evidencia-se que os indígenas ao procurar acercar-se desse novo elemento que se introduziu em seu cotidiano, foram dizimados por batalhas e por epidemias às quais não tinham nenhuma arma biológica para combater. Os filhos dos colonos dão continuidade à luta iniciada por seus antepassados. Os filhos dos indígenas travam novas batalhas na tentativa de preservar seu modo de ser, já bastante alterado, e de um espaço de reconhecimento por ser diferente e o legítimo dono dessas terras. Isso não quer dizer que os espaços conquistados pelos indígenas vão, de uma hora para outra, passar para as mãos dos índios, porém deve-se o reconhecimento de um passado indígena aos povos que foram, durante muito tempo, privados dele, como se não tivessem história.

Através desse estudo, tenta-se mostrar que a história de Nova Hartz é muito mais rica do que os mais de 160 anos de colonização podem supor. Ao referenciar as pesquisas de Priamo (2013), os seres humanos com suas peculiaridades e dificuldades ocuparam essa região durante vários milhares de anos e aí se desenvolveram modos de vidas diversos, durante tempos também diversos. O que resta dessa história são apenas pequenos fragmentos, que nos fazem imaginar porque, durante tantos anos, ela ficou esquecida. Ela também nos instiga a buscar cada vez mais fragmentos, para que um dia possamos desenvolver essas evidências e narrar melhor a vida humana nos tempos em que os homens migraram pelos continentes na busca de novas terras e como ele desenvolveu, utilizando as tecnologias ao seu benefício.

Nesse sentido, são preciosas as informações prestadas pelos descendentes dos imigrantes e aquelas coletadas através dos métodos da Arqueologia, não só para os cientistas que as estudam, mas para os habitantes desta região, pois faz parte de suas histórias e de suas vidas.

3.1.1 Razões da imigração

Antes de entrar na parte específica da história de Nova Hartz, propriamente dita, considera-se importante relacionar os elementos motivadores da vinda dos imigrantes alemães para o Brasil, já sendo um projeto de ambas as nações, atendendo aos interesses coloniais brasileiros de demarcação de território, branqueamento da

Hartz: a história da cidade da ocupação indígena à emancipação. Impresso em junho de 2008.

população e inserção de mão de obra livre e profissional, atendendo também aos interesses ingleses do fim do trabalho escravo do tráfico, uma vez que atendia os interesses britânicos no ponto de vista econômico, dentro do contexto da Revolução Industrial e o Brasil Imperial como devedor dos ingleses.

Segundo os estudos da historiadora Flores (2004), a Alemanha como nação, passou a se configurar a partir de 1870, quando Otto Von Bismarck, promoveu a unificação dos reinos, ducados, grão-ducados, que antes eram separados. A fim de unificar a língua, as leis e o próprio sistema político, a Unificação atendeu a esses propósitos.

A mesma fonte também diz que a Alemanha estava passando por crises sociais devido às Guerras Napoleônicas, com o consequente desemprego e empobrecimento da população, também somado ao processo revolucionário do ponto de vista industrial, que retirou muitos empregos das pessoas devido às máquinas realizando o serviço no lugar de várias pessoas. Consequentemente a isso, os operários desempregados, porém com noções básicas de trabalho artesanal e técnica profissional, se viram empobrecidos nas cidades alemãs que por sua vez causavam preocupação ao governo alemão, devido a saques, roubos, carestias e demais problemas sociais.

Ao somar com os interesses do governo brasileiro em europeizar o país, a política de imigração, ou seja, a vinda desses contingentes populacionais para o Brasil, vindo da região da atual Alemanha, vinha a atender esses propósitos, uma vez que teriam garantias de trabalho, lugar e proteção; aumentando o exército brasileiro, demarcação de território, através da guarnição das fronteiras com o Rio da Prata, e paulatina transição do trabalho escravo negro, para servil e assalariado a partir do trabalho do homem (a) branco europeu (Fey, 2024).

É dentro deste contexto, através de propagandas e narrativas de parte a parte, tanto do governo brasileiro, quanto do governo alemão é que se tem o início da imigração de alemães empobrecidos e encorajados para virem para novas terras, na promessa e perspectiva de possuir melhores condições de vida e com o direito de alguns dotes por parte do governo brasileiro, como terras, ferramentas e sementes. Assim, os primeiros alemães chegaram primeiramente em São Leopoldo, RS em 1824, e posteriormente no atual território de Nova Hartz, a partir de 1847 ou 1848 (Holanda, 1993).

3.1.2 As famílias pioneiras no desbravamento das novas terras.

As fontes fornecidas pelo Museu Histórico de Nova Hartz, através da ata da fundação da mesma em 1999²⁸, registra que em 1826 chegou ao Rio de Janeiro o transatlântico Der Kranich, em sua segunda viagem, trazendo da Alemanha mais uma leva de imigrantes que iriam estabelecer-se em São Leopoldo.

Estabeleceram-se novos núcleos familiares. Nessa época (anos 40 do século XIX) Tristão Monteiro, com seu sócio Eggers (cônsul alemão) começaram a vender terras à esquerda do Arroio Grande e Johann Peter Schmidt com seu sócio Kraemer (que haviam adquirido a Fazenda Padre Eterno), lotearam e venderam as terras à direita do Arroio Grande. Desta forma, três dos irmãos Hartz: Jacó (Jakob), com sua esposa Carolina, João Felipe (Johann Philipp, que não ficou por muito tempo no local), adquiriram lotes de Tristão Monteiro tendo sido, com isto, os primeiros habitantes do povoado que desde então passou a ser conhecido como “Picada dos Hartz”.

Os primeiros lotes da imobiliária de Schmidt & Kraemer, foram adquiridos pela família Haag, que iniciaram a povoação que ficou conhecida como Arroio da Bica, hoje um bairro de Nova Hartz.

O registro da compra das terras pelos irmãos Hartz data de 21/01/1850, porém, Ernani Haag encontrou registro de casamento de Georg Daniel Schmidt e Anna Margaretha Schein, ocorrido na Igreja Evangélica de Campo Bom em 14/07/1849 onde o pastor Franz Peter Haag, que adquiriu os lotes 4 ao 8. No dia seguinte, 18 de março, os lotes 1 e 2 foram vendidos a Pedro Diefenbach e Jacob Hennemann. Ernani Haag encontrou esses dados na Igreja Evangélica de Campo Bom em 14/07/1849 em que o pastor registrou que “ Eram moradores da “Picada Hartz”. A demora no registro da compra das terras dificulta a precisão ao determinar a data da chegada dos Hartz à região. Os dados que se possui, nos permite situar a chegada entre os anos 1846, quando Tristão Monteiro começou a vender essas terras e o de 1849, conforme o registro do casamento já citado.

Tanto os agrimensores (que mediam e marcaram as terras) quanto os colonos, precisavam abrir caminho entre a mata fechada da região, sem vias de acesso, para poder chegar até as terras e medi-las ou povoá-las. O termo “Picada” passou, na

²⁸ Museu Histórico de Nova Hartz. De Hartz Pikade a Nova Hartz - a história da cidade da ocupação indígena à emancipação. Impresso em junho de 2008 e produzido e editado pela professora Vânia Inês Avila Priamo.

época, a ser um indicativo muito comum, anexado ao sobrenome dos primeiros povoadores de origem germânica. Por isso, Nova Hartz, até sua emancipação chamava-se Picada Hartz.

As famílias vão chegando aos poucos, levando alguns anos para se formar um núcleo populacional. Desta forma, famílias como as de Henrique Schoenardie, Pedro Schmidt e Daniel Kirsch, Jacob Becker, Cristiano Schmidt foram se estabelecendo e desenvolvendo um pequeno povoado que passou a contar com outras famílias, na assinatura do contrato de doação de terras e para a construção do cemitério, comprovando a intenção dessas famílias de fixarem residências nessa localidade definitivamente.

3.1.3 O Desenvolvimento econômico

Segundo essas mesmas fontes registradas fornecidas pelo Museu, a economia de Nova Hartz passou por um processo de desenvolvimento que se iniciou com a agricultura familiar, que em seguida assentou nas indústrias calçadistas. Os primeiros moradores passavam muitas dificuldades para adquirir os mantimentos que não eram produzidos em suas terras e que eram necessários à sua sobrevivência. As testemunhas vivas afirmaram que na época da construção do museu a circulação de moedas praticamente não existia e a troca de mercadorias era normalmente usada. Segundo a obra *Raízes de Nova Hartz* (2012)²⁹ a economia era quase totalmente baseada na agricultura minifundiária, embora alguns trabalhassem como ferreiros, funileiros, sapateiros, marceneiros, alfaiates, costureiras, alambiqueiros e comerciantes.

No início do século XX os colonos que possuíam um pouco mais de condições financeiras começaram a desenvolver uma atividade industrial ainda rudimentar: as atafonas. Havia dezenas delas na área que hoje é Nova Hartz. Mesmo os colonos que não possuíam atafonas estavam ligados a elas, pois muitos plantavam a mandioca que era levada para os tafoneiros transformarem em farinha, polvilho ou raspa. A raspa era, por determinação legal, adicionada na farinha de trigo, numa época em que a escassez do trigo era grande e a importação do trigo argentino pesava na balança

²⁹ BARROSO, Lúcia Maciel *et al.* **Raízes de Nova Hartz. XXII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha.** Realizada de 23 a 28 de setembro de 2011 em Nova Hartz. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.

comercial brasileira. Tem-se registro do Decreto-Lei nº 26, de 1937, que criou o serviço de Fiscalização do Comércio de Farinhas, que deveria ter 70% de trigo e 30% de sucedâneos (quase sempre farinha de raspa de mandioca). Essa lei fez com que esta atividade econômica tivesse um grande impulso gerando, inclusive, um excedente econômico que mais tarde viria a ser importante para a fundação das primeiras fábricas de calçados da cidade. Neste período surgiram também, muitos moinhos que eram usados especialmente para descascar arroz e fazer farinha de milho.

Em relação ao meio ambiente, podemos citar o fato de os morros serem bem mais desmatados do que agora, pois havia muito mais roças e, até mesmo serrarias, do que temos nos dias atuais. Considera-se que o período em que desmatar árvores e caçar animais era sinônimo de civilização e progresso, já que na região era abundante de recursos naturais, e a preocupação nossa hoje com sustentabilidade não era a mesma com as pessoas da época.

A energia elétrica chegou a Nova Hartz na década de 1950 do século passado. Antes disso, algumas famílias da comunidade no centro da cidade tinham luz elétrica fornecida por um motor gasogênio do moinho de Aloísio Lehnen, posteriormente propriedade do comerciante Emilio Jost.

Lentamente o setor calçadista foi tomando o seu lugar no município, iniciando-se pelos sapateiros que faziam calçados por encomenda, até chegar às grandes indústrias que se possui atualmente. Na década de 30 do século passado, o senhor Oscar Müller possuía uma fábrica de artefatos de couro, principalmente chinelos e tamancos por encomenda e para estoque próprio. Além de Oscar Müller, muitos outros sapateiros por encomenda trabalharam em Nova Hartz, antes e depois dele.

Um capítulo importante para o desenvolvimento econômico de Nova Hartz, foi a chegada do trem. A viação férrea construiu o trecho entre Novo Hamburgo - Taquara, inaugurado em 15 de agosto de 1903 (Moehlecke, 2004). A estação foi então instalada em Campo Vicente e promoveu o desenvolvimento do lugar. Lá, hoje é o Bairro Campo Vicente, na época existia uma estrutura que hoje é inexistente, como bancos, agências de correios e demais estabelecimentos. Junto com o fechamento da estação, em 1964, verificou-se um processo de estagnação paulatina no que se refere ao desenvolvimento econômico do atual bairro Campo Vicente.

Além do transporte de cargas e mercadorias, que propiciava o surgimento de vários armazéns e depósitos próximos à estação, outros negócios também se desenvolviam lá devido ao grande fluxo de pessoas, favorecido pelo transporte

ferroviário. Assim, no salão dos Brenner (em frente à estação de trem), todo sábado o senhor Osvaldo Henrich, alfaiate, vinha da Picada Hartz e ali ficava o dia todo atendendo aos seus fregueses. Durante a semana ele confeccionava a roupa e no sábado marcado levava para o cliente experimentar e fazer os ajustes, financiando o pagamento. Ali no salão, também o dentista Walter Lauffer se deslocava da Picada Hartz para atender os pacientes que vinham de trem.

Além das questões econômicas, o trem desempenhava também um papel interessante na vida social da comunidade. Segundo o relato dos antigos moradores, a estação era como um ponto turístico para quem as frequentava. Ali, as pessoas iam passear. Como um exemplo relatado, as moças desfilavam com suas melhores roupas nos horários de chegada do trem, na expectativa de conhecer alguém “interessante”, ou estabelecer novos relacionamentos.

Os moradores contam que quando a Rede Ferroviária desativou o trem, logo começou a arrancar os trilhos e a desmanchar a estação, pois muitos moradores “saquearam”, levando tudo o que podiam. Usavam os dormentes como lenha, os ferros dos trilhos e os postes da rede telefônica privada da Rede Ferroviária, também eram saqueados. E assim, o que não foi levado pela rede, foi levado por alguns moradores e agora não restam mais nada, além de fotografias e lembranças.

Nova Hartz, tem sua história política diretamente ligada ao Arroio Grande (que passa pelo centro da cidade), pois este dividia a atual cidade em duas localidades pertencentes a municípios diferentes: Taquara e São Leopoldo. O Arroio Grande aparece na cartografia mais antiga (1754) como marco geográfico delimitado da região. A contar de 1846, a região do Padre Eterno passou a ser distrito de São Leopoldo, com seu limite oriental no Arroio Grande. Em 17/04/1886, Taquara tornou-se um município e seu limite ocidental também era o Arroio Grande, de modo que as pessoas de Picada Hartz (como eram denominados os habitantes de hoje Nova Hartz), que moravam na margem direita, prestavam contas de suas obrigações legais a São Leopoldo e as da margem esquerda, para Taquara.

Em 1908, Arroio da Bica pertencia a São Leopoldo, Picada Hartz e Campo Vicente, a Taquara, tornando depois distrito de Sapiranga. Quando Parobé emancipou-se em 1982, Campo Vicente passou a fazer parte de Parobé. Com a emancipação de Nova Hartz, Campo Vicente foi anexado como bairro do novo município.

A partir do ano de 1985 iniciou-se o movimento emancipacionista. Através dos

estudos que acabou tornando monografia por parte de Mário Valdir Augustin (líder do processo emancipacionista de Nova Hartz e o primeiro Prefeito municipal entre 1989 a 1992), é descrito de forma geral esse movimento pela emancipação (Augustin, 1991).

A 20 de setembro de 1987, completados os trâmites processuais, era realizada a consulta plebiscitária à população e esta, por ampla maioria, manifestou-se a favor da emancipação. Finalmente em 02 de dezembro do mesmo ano, o então governador Pedro Simon assinava o decreto 8.429, criando o município de Nova Hartz.

Em 15 de novembro de 1988, foi eleita a primeira administração municipal, tendo como prefeito Mário Augustin e como seu vice-prefeito, Dirceu Vanderli Zimmermann. O legislativo foi formado por Arlindo Paulo dos Santos, Canísio Schefer, Flávio Maciel Duarte, Lauro Roberto Cesário, Lori Francisco dos Reis (Chico), Nadir Fetter, Rosângela Schenato Fonini, Sebastião Jesus de Cândia e Vilmar Pereira dos Santos. Esta administração assumiu em 1º de janeiro de 1989.

3.2 Nova Hartz no espaço

No IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, 2024) Nova Hartz - RS está localizada no Vale do Rio dos Sinos, Região Metropolitana de Porto Alegre. Possui uma área de 58,72 Km² e faz divisa com Morro Reuter, Igrejinha, Santa Maria do Herval, Araricá, Parobé e Sapiranga.

3.2.1 Aspectos Humanos de Nova Hartz

De acordo com dados do último IBGE, realizado em 2022, a população de Nova Hartz é de aproximadamente 20.088 habitantes. No entanto, é importante ressaltar que esses números podem alterar devido às migrações inter-regionais, por motivações familiares e econômicas. A sua densidade demográfica segundo os mesmos dados do censo é de 322,34 habitantes por quilômetro quadrado. Na comparação com outros municípios do estado, no aspecto econômico ficou nas posições 106 e 21 de 497. Já na comparação com municípios de todo o país, ficava nas posições 1698 e 252 de 5570.

O IBGE também disponibiliza informações socioeconômicas e estatística sobre o município como a taxa de escolaridade, distribuição etária, perfil socioeconômico,

entre outros dados relevantes para o planejamento e a gestão política municipal. O salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 1,8 salários mínimos, com 8.757 pessoas ocupadas, ou seja 43,59%. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 95,6%, cuja taxa do IDEB³⁰ nos anos iniciais do Ensino Fundamental é de 6,2, já o IDEB dos anos finais do Ensino Fundamental é de 5,2. Em 2021, o PIB *per capita* era de R\$ 32.102,03 (IBGE, 2024).

3.3 O tempo e o espaço de Nova Hartz como ponto de partida para a análise dos atores sociais

É importante considerar o tempo e o espaço na compreensão dos atores sociais, já que sendo o objeto central desta pesquisa, busca-se considerar dois aspectos. Primeiro, a especificidade do município de Nova Hartz. Embora se assemelhando o processo colonizador e compondo as assimilações com outras etnias e de migrantes oriundas de outras regiões do Estado (seja por confronto ou de geração de descendentes coabitados), Nova Hartz, com seus elementos naturais privilegiados, com harmonia com as paisagens sem a degradação ambiental conserva intacta sua condição de sustentabilidade. Apesar das indústrias pesadas, a formação da cidade com a chegada de migrantes, foi mais por motivações econômicas do que por qualquer outra causa. Segundo, as próprias diversidades que existem, independentemente do lugar ou mesmo de qualquer tipo de intencionalidade política e econômica. Como foi descrito, acima, através dos dados econômicos, o município teve e tem como participante esses grupos sociais, por mais diverso e excluído que possa ser, pois ajudaram a construir o espaço no decorrer do tempo desde a colonização até nos dias atuais.

O tempo e o espaço são conceitos fundamentais para entender a dinâmica de um município. A relação entre gestão governamental e a intencionalidade de desenvolvimento municipal e conseqüentemente regional envolvem estratégias, como: serviços públicos, infraestrutura, transporte, etc. O planejamento integrado e harmônico é essencial para o desenvolvimento do município.

Percebe-se que há exceções nesse processo, uma vez que identificou-se a exclusão social, o preconceito e a imparcialidade e contradições quanto os relatos dos entrevistados, que ao longo da história ficaram escondidos ou na retaguarda dos

³⁰ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

protagonistas do desenvolvimento de Nova Hartz.

4 A QUESTÃO DE GÊNERO E ÉTNICO-RACIAL E SUA INTERSECCIONALIDADE: O CASO DE NOVA HARTZ

A historiografia que estuda esse espaço geográfico e a sociedade que nele se desenvolveu, a partir do século XIX, quando passou a receber significativos contingentes de imigrantes alemães, têm enfatizado os imigrantes e seus descendentes de forma única, dando pouca atenção às diferenças e no interior do grupo.

Nessa perspectiva de análise procura-se discutir, nesta pesquisa, as noções de identidade étnica-racial e de gênero, relacionadas com as relações de poder e a própria narrativa histórica sobre o município em estudo. Com isso, pode-se compreender as dinâmicas, do que já foi escrito ou o que é escrito, para como ponto de partida identificar através desses grupos nas suas respectivas narrativas suas memórias e impressões acerca da história deles, assim como do município e as representações construídas, rotuladas e difundidas pelos agentes do poder que escreveram a história do município até então. Muitas vezes, esses grupos são motivados pelos seus contextos de exclusões e preconceitos evidenciados previamente e as revelações quanto sua participação ativa no desenvolvimento do município e da região onde o município está inserido.

4.1 A questão da invisibilidade LGBTQIA + no Brasil e algumas conquistas

As referências³¹ pesquisadas e publicadas sobre a situação do LGBTQIA + no Brasil, são bastante precárias por causa dos entraves e clareza na catalogação dos dados oficiais e a própria expressão não ser a real daquilo que é reivindicado e protocolado. A subnotificação é mais um drama enfrentado pela comunidade LGBTQIA +, em que não há registros oficiais e os de identidades ligadas à esta comunidade. Percebe-se o aumento da violência contra a comunidade, segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travesti e Transsexuais, 2023)³² falta de investimentos para as pesquisas por parte do poder público. Com base nos dados do

³¹ IBGE (2022) e ANTRA (2023).

³² A Associação Nacional de Travestis e Transexuais é uma instituição brasileira voltada a suprir as necessidades da população de travestis e transexuais, assim como combater a transfobia. Anteriormente era denominada Rede Nacional de Travestis, antes chamada de ASTRAL (ANTRA).

Anuário Brasileiro de Segurança Pública e da ANTRA o crescimento dos registros de violência contra pessoas LGBTQIA + nos últimos anos, tem crescido muito. Por não haver dados referentes às ocorrências de violência contra a população LGBTQIA +, não há como viabilizar programas de políticas públicas para resolver a situação, principalmente por problema da falta de dados. Embora os movimentos sociais nos últimos anos tenham sido mais organizados e enfáticos por organismos internacionais, por outro lado tem poucas manifestações na esfera pública. Existe a Imprecisão dos registros e levantamentos de dados, nas décadas de 1980, 1990 e 2000, embora tenha melhorado de 2014 em diante.

Embora representem a questão da invisibilidade, sua publicação é passível de diferentes interpretações. É difícil coletar os dados de pesquisa (Gay Gaming Professionals e ANTRA), pois as respostas dos entrevistados geralmente indicam o estado emocional no momento da entrevista, com saúde mental abalada, que compromete a coleta dos dados. Já o IBGE não apresentou dados relativos à comunidade LGBTQIA +, pois o próprio sistema de saúde também tem ocultado os dados.

Na grande maioria, as famílias não reconhecem a orientação sexual e identidade de gênero, devido a falta de educação escolar básica e de informações governamentais. O Ministério da Saúde enquadrou conceitos equivocados. De fato, as pesquisas apontam que a maioria são jovens violentados, de modo que os registros são uma outra questão difícil de aparecer. A própria lei é invisível nessas questões.

De acordo com a coletânea “O Livro da História LGBTQIAPN +”³³, que conta a história da comunidade LGBTQIA +, suas conquistas e movimentos culturais em promoção a igualdade de gênero e fim do preconceito e exclusão, são elencados algumas conquistas históricas da comunidade LGBTQIA +. São elas:

No Brasil-Colônia - crime de Sodomia - 1614 - Condenação a morte;

- Século XX - As ideias positivistas, as leis serão influenciados, traz a ciência a reinvenção do Iluminismo;
- A questão LGBTQIA + sai da esfera religiosa para a esfera científica mais ou menos em 1922;
- 1930. Inicia-se a discriminilização da homossexualidade;
- 2015. Inovação do código Militar - Retira as penas de Sodomia e

³³ Rodrigues *et al.* (2024).

Pederastia;

- 2016. Afirma a questão LGBTQIA, atendendo a orientação sexual por lei.
 - Matrículas com o nome social;
- 2018. A federação de Psicologia afirma que o LGBTQIA não é doença mental;
- Em segmento, em 2019 traz-se nessa questão mais na consideração política e social A extensão dessa visibilidade. STF - Sociedade Madura - passar pelo cunho do congresso. Autoriza que transexuais alterem o nome e o gênero de forma legal, no cartório por vontade pessoal.
- Nº 73. CNJ - como é feita essa alteração de nome;
- 2019. A OAB aprova a resolução que pessoas condenadas por homofobia e crime de ódio contra o LGBTQIA +, não poderão exercer a profissão de advogado - perde o direito;
- Decisão da criação do crime de Homofobia pelo STF - tem que lutar pela igualdade jurídica;
- Criminalização da homofobia. O Brasil é o país que mais mata homossexuais no mundo;
- Homofobia é a nível de racismo. Aquela lei do racismo aplica-se a homofobia;
- A terapia de conversão sexual foi extinto;
- Estudos dos hormônios da pessoa. Acompanhamento hormonal, uma questão tratada na esfera biológica;

Na esfera psicológica existem a orientação/aconselhamento, ensino na população para quem procura assistência profissional. Por outro lado existe muita burocracia e entraves no sistema, pois impacta do não ensino na área da saúde ao se tratar da transição do sexo, quando o indivíduo se identifica com outro sexo, não biológico. Os médicos necessitam compreender melhor a situação LGBTQIA +, de modo que é sugerido por parte dos ativistas leis na grade curricular no curso de medicina e nos demais estudos. Percebe-se que são populações marginalizadas que não têm acesso à saúde.

As opiniões citam que os direitos são iguais, porém as demandas são diferentes. Eis aí uma evidência da consideração do grupo invisibilizado. Em contrapartida, a Parada Gay e a manifestação pública são iniciativas para serem forçosamente visibilizados.

Ainda, de acordo com a mesma obra³⁴, são elencados alguns desafios a serem superados pela Comunidade LGBTQIA +. Eis algumas:

- Existe preconceito entre os gays contra os transsexuais;
- Minorias lutando contra minorias - um contra senso, segundo o autor;
- O feminismo interseccional;
- O movimento gay interseccional;
- O movimento afro interseccional;
- Devem lutar pela mesma causa.

Segundo os dados do ANTRA (2019)³⁵, no Brasil, a comunidade LGBTQIA + representa quase 9% da população. São 18 milhões de pessoas que sofrem diariamente com o preconceito e a violência de direitos. O mercado de trabalho é onde a exclusão é mais evidente, em razão da homofobia e da transfobia. Eis algumas informações reforçada pela advogada Transsexual Maria Eduarda Aguiar³⁶:

- A transfobia mata todos os dias;
- A violência é a primeira instituição que ela conhece na sociedade;
- trabalhar políticas públicas de forma macro;
- O Estado brasileiro tem que legislar contra a homofobia e transfobia;
- Direitos de não ser agredidas/injuriadas e excluídas;
- Para a maioria, a única forma de sobrevivência é a prostituição, pois não se abre oportunidades de estudo e mercado de trabalho, sem convivência familiar que a rejeitam;
- Como é que se chega ao mercado de trabalho sem ter a base familiar para competir?
- Dinheiro público gasto para combater o preconceito (pouca solução);
- Só a iniciativa autônoma se sobressai, nas artes e nos eventos destinados à esse público;
- Para conseguir um emprego tem que omitir para se adequar a uma norma social, a fim de sobreviver;
- Se falar o que realmente são ou demonstram nas atitudes, são barradas;
- Cidadania concedida a conta gota. O nome social é um deles;
- A pessoa transsexual depende dos agentes públicos não discriminatórios;

³⁴ Rodrigues *et al.* (2024).

³⁵ ANTRA (2023).

³⁶ Phelipe (2024).

- É preciso primeiro enxergar o LGBTQIA + de forma natural, desde a criança, na escola, até a vida adulta.

Diante disso, percebe-se que a questão é complexa, apesar de conquistas adquiridas da comunidade LGBTQIA +, existem muitos empecilhos e preconceitos que desafiam o movimento a continuar na luta por reivindicação dos seus direitos.

Na definição semântica da palavra Sexo no dicionário (1999) refere-se a distinções biológicas entre homens e mulheres, incluindo características primárias como o sistema reprodutivo e outras como altura e massa muscular. Já gênero refere-se a papéis, comportamentos e características culturais e de personalidade que determinada sociedade estabelece para cada sexo, sendo geralmente dividido em masculino e feminino.

Em cada sociedade espera-se que os indivíduos sigam papéis e comportamentos ligados ao seu gênero. Em nossa sociedade, por exemplo, o gênero masculino é ligado à força e dominação, enquanto o gênero feminino é ligado à subordinação e aceitação. As características de gênero são culturais e variam enormemente entre cada sociedade e ao longo do tempo. A própria divisão dual de gênero não é universal. O sexo, determinado biologicamente, não necessariamente corresponde com o gênero estabelecido pela sociedade. Por exemplo, alguém do sexo biológico homem não necessariamente segue o gênero e comportamento masculino. Meyrer e Gevehr (2014) ao citar Bourdieu (1989, p. 1-2), “afirmam que existe o Poder Simbólico, das características da burguesia européia do século XIX, com as peculiaridades latino americanas durante e na colonização alemã no Brasil Meridional”. Isso significa, que durante o processo de colonização alemã no Brasil, houve imposição de poder, uma forma de autoritarismo ilustrado através da força econômica desses grupos que detinha uma herança europeu.

Transgênero são os Indivíduos que se identificam com um papel de gênero que não se associa ao seu sexo biológico. Exemplo: um homem que procura seguir o gênero feminino e seus comportamentos. Transsexual são os Indivíduos transgêneros que buscam através de procedimentos como intervenções cirúrgicas e tratamento hormonal se tornarem fisicamente semelhantes ao sexo biológico ligado ao papel do gênero desejado. A Orientação Sexual, significa atração sexual, emotivo, física e mental que um indivíduo possui em relação a um determinado sexo em particular. De acordo com Ramos (2023), podemos dividir em quatro categorias:

- Heterossexualidade= Atração a indivíduos de outro sexo;

- Homossexualidade= Atração a indivíduos do mesmo sexo;
- Bissexualidade= Atração a indivíduos de ambos os sexos;
- Assexualidade= Não possui atração de indivíduo de nenhum sexo.
- Obs: Essa é apenas uma das classificações possíveis.³⁷

As resistências são nas discussões referente às questões de gênero, pois se generaliza ao falar que resistência é ser ativista. As memórias e disputas de narrativas, impõe a questão qual memória preservar? Por isso é fundamental se associar e Interseccionar com outros movimentos sociais principalmente com negro.

Museu da diversidade em Curitiba³⁸ é uma forma de visibilidade através do diálogo com a sociedade. Esse processo é fundamental para atingir a população em geral. Resistência e construir a memória. Processo lento e difícil. Turbulento, conflituoso, porque há grupos que buscam hegemonia nessa abordagem.

De acordo com a APA (American Psychological Association)³⁹, são vários os possíveis fatores que determinam orientação sexual de um indivíduo, tais como fatores genéticos, biológicos, hormonais, sociais, culturais, entre outros; não sendo possível estabelecer somente um fator. Na grande maioria das sociedades quem não pratica a heterossexualidade sofre diversos tipos de violência e prejuízos sociais. A homofobia, aversão a homossexual e seu comportamento, é um exemplo dessa violência.

De acordo com Martineau (2024), defende um olhar científico e métodos de pesquisa como entrevistas, estudos de amostragem, além de alguns cuidados de evitar generalizações. Nas obras como: Ilustrações sobre a economia política, Sociedades na América e Como observar morais e costumes, Martineau abrange sociologicamente uma série de assuntos como gênero, crime, religião, vida doméstica, economia, suicídio, entre outros. Apesar de ser reconhecida em vida, inclusive por Augusto Comte, Martineau caiu no esquecimento após sua morte em 1876, tendo sua importância resgatada somente na segunda metade do século XX, quando as pautas sobre gênero e sexualidade ganharam destaque nas discussões acadêmicas.

³⁷ Obs: Essa é apenas uma das classificações possíveis.

³⁸ Fonte consultada: <https://www.museudadiversidadesexual.org.br/>

³⁹ Fonte consultada: <https://www.apa.org/>

4.2 As Pesquisas LGBTQIA + no município de Nova Hartz

As coletas dos dados do grupo amostral LGBTQIA + obedeceu aos critérios desenvolvidos no projeto de pesquisa, com objetivos de evidenciar seus relatos de vida associado à história do município de Nova Hartz, e seus papéis no desenvolvimento regional. Uma vez escolhido a primeira pessoa cujo o nome, assim como os/as demais será ocultado⁴⁰, as indicações do entrevistado através da metodologia Bola de Neve, segue uma sistemática coerente, segundo regras da entrevista narrativa, fidelizado na metodologia teórica da Micro História, que evidencia a análise histórica a partir dos detalhes, das versões a partir do sujeito ou indivíduo ocultado pela versão oficial das produções memoriais e históricas, como também das condições subjetivas de expressão dessas pessoas, que por sua vez trazem elementos constitutivos, construtivos, corroborados e também contraditórios, que traz uma certo equilíbrio de versões para a luz dos fatos, acontecimentos e demais aspectos que enriquecem a história do município, das pessoas consideradas invisibilizadas e melhor evidência do próprio desenvolvimento regional.

A análise a seguir obedeceu aos critérios espontâneos dos entrevistados. Uma por uma, um de cada vez, através da indicação “Bola de Neve”⁴¹, através da semiestruturação dos dados, que por sua vez indicará as respostas, muitas delas se assemelhando no que se refere ao preconceito familiar e social, exclusão de participação política em eventos públicos ou também atendimento às demandas justificadas por parte desse grupo que poucos, quase ninguém tem perfil de liderança reivindicatório.

A interpretação dos dados, seguiu uma ordem de acordo como foram feitas as entrevistas. A partir da primeira entrevista, foi-se seguindo uma a uma através da indicação, de acordo com a metodologia descrita no projeto de qualificação da pesquisa. As análises seguiram no todo individualmente, com as respostas das 11

⁴⁰ Exceção àqueles que no relato das entrevistas se identificaram e não se importaram que seus nomes fossem identificados. Vale lembrar que na análise de discussão será colocado codinomes. Quando for de pessoas que se declararam gay será Homo 1..., se for lésbica, será Lésbica 1.... No caso da Transsexual, cita-se Trans.

⁴¹ O método de pesquisa bola de neve, ou snowball sampling, é uma técnica de amostragem não probabilística que utiliza redes de referência para encontrar participantes de difícil acesso ou para estudar temas sensíveis. Essa técnica é particularmente útil em pesquisas qualitativas e quando a população de interesse é secreta ou difícil de identificar.

questões para cada entrevistado. Vai ser analisada uma de cada vez, a fim de não perder o vínculo e a ordem dos entrevistados e também interpretar como um todo cada entrevistado.

A primeira pessoa lésbica que terá como nome fantasia Arco-Íris, dentro do grupo amostral LGBTQIA+ foi uma cidadã que reside no município há 37 anos. Como muitas pessoas atraídas pela indústria calçadista em expansão vieram para Nova Hartz para trabalhar, residir e constituir no município seu projeto de vida.

A entrevista foi marcada e agendada via telefone. Ela prontamente aceitou a entrevista por ser uma proposta de estudo e também ter entendido que a proposta da pesquisa não seria de exposição da pessoa, da empresa e de divulgação qualquer. Ela veio do interior em Palmeiras das Missões - RS, em 1989, quando Nova Hartz já tinha sido emancipado. Na época, o município contava em torno de 3.500 habitantes e a economia industrial calçadista em franca expansão e crescimento.

Ela já veio casada com a sua companheira que assim como a entrevistada participou e ajudou nas respostas das perguntas propostas no projeto. Dessa forma, segundo o relato delas, o preconceito já fora diminuído, pois já se percebeu publicamente que elas eram um casal, e que não foi em função da migração para o município que elas se conheceram.

A sua história de vida baseou-se em círculos familiares, de encontros e desencontros, com o pai que só veio a reconhecer a paternidade dela quando adulta, e isso explica sua vinculação com a mãe e a avó que por ser figuras femininas, distanciou ou mesmo dispensou a figura paterna, em função da má fama de que seu próprio pai tê-la reconhecido tão tarde, numa fase da sua vida, que segundo ela “não” precisava mais da presença do pai. Segundo ela, não sofreu nenhum tipo ou forma de preconceito que ela tenha presenciado, mas provavelmente, nos bastidores, pelas “costas”, havia.

Um dos argumentos, que explica o porquê essa não escancarada discriminação, é o fato de que elas enquanto casal, sempre propuseram prestar da maneira mais profissional possível sua profissão, numa era que estúdio de fotografia e filmagens era novidade no município, e que não havia qualquer empresa do ramo concorrente. Outra argumentação, importante, foi que a companheira da Arco Íris disse que quando há mais ou menos 5 anos elas adquiriram uma caminhonete robusta e seminova, e com isso a demanda de serviços e até a reputação elogiosa dos seus serviços aumentaram. Isso reforça, que o preconceito, segundo elas está no aspecto

social e não de gênero ou mesmo racial, e que de certa forma o ser lésbica deu a elas um toque a mais de marketing, por identificar a qualidade do serviço e especialização foto e filmagem técnico e profissional, lhe fizeram ser profissionais conhecidas e respeitadas.

As igrejas convidam para eventos, a prefeitura, clubes e cerimônias de formatura e eventos sociais. Ela argumentou que sempre teve a iniciativa, assim como sua companheira de se inserir naturalmente aos grupos, entre cidadãos, sem medo e insegurança. Entende que o respeito e a discrição e a prestação do serviço bem feito, deu a ela credibilidade e confiança para continuar trabalhando e vivendo no município. Narra que não sofreu resistência familiar e que a verdade e sinceridade fez superar possíveis resistência por parte da família e da própria comunidade de Nova Hartz.

A segunda entrevistada indicada pela Arco Íris foi uma mulher homossexual que se identifica como lésbica. Aqui terá como codinome Violeta. Com um padrão financeiro semelhante às respostas não diferiram muito da primeira. A diferença foi o local da entrevista e a maior privacidade entre o pesquisador e a entrevistada. Já a primeira entrevistada, fez questão que fosse no escritório da empresa e acompanhada da sua companheira. E nesta segunda entrevista foi na sua própria casa, num ambiente saudável em plena harmonia com a natureza, já que a entrevistada é bióloga, ambientalista e pesquisadora.

Declara que os preconceitos sempre aconteceram e acontecem, principalmente quando é apresentado em grupos de pessoas desconhecidas. Mas essas manifestações são implícitas, ocultas, nada de exposição, até porque, assim como a entrevistada Violeta há um respeito devido às posições sociais relevantes que ocupam, seus padrões econômicos e bom grau de instrução e principalmente uma postura respeitosa partindo delas, se assumindo como também conservando a discrição quando se refere a intimidade e comportamento natural.

Percebe-se claramente que tanto a primeira quanto a segunda, não reclamam de exclusão e de preconceitos explícitos. De fato, segundo alguns teóricos⁴² que abordam a questão de gênero, o fator social demarca o nível de exclusão social ou não. A Violeta, diferente da Arco Íris, gostaria de ter mais participação política, pois entende que suas ideias referente a sua profissão poderiam contribuir muito na esfera ambiental. Já a demanda de políticas de combate ao preconceito e de afirmação da

⁴² Citados nessa pesquisa no item fundamentos Teóricos da Pesquisa.

sociedade LGBTQIA +, afirma que a sociedade hoje não quer tratar desse assunto, até porque sendo um município novo e pequeno, a população majoritariamente ligada a economia industrial é constituído por imigrantes alemães o assunto é progressista demais e poderia causar desconforto frente aos seus valores e conceitos de vida. No seio familiar destaca que houve sim um pouco de resistência por parte da sua mãe, mas ao tempo foi assimilando.

O terceiro indicado pela anterior e entrevistado foi um rapaz homossexual. Nesta descrição analítica do entrevistado está o codinome Canela. Esse, difere das anteriores. Origem pobre e simples. Veio para Nova Hartz no início dos anos 2000, do interior do estado, quando criança. Foi criado pela sua mãe e madrinha, pois o pai só reconheceu sua paternidade quando adulto. Desde sempre viu sua mãe trabalhar e se estabelecer com muito esforço nas indústrias calçadistas do município. Quando foi feita a entrevista em sua casa, percebeu-se que se tratava de uma pessoa humilde e com dificuldades financeiras, deixando transparecer durante a realização da pesquisa, que por ser jovem teria muito que trabalhar e provar suas qualidades e crescer profissionalmente, apesar do preconceito social no município declarado por ele durante a entrevista.

Demonstrou ser uma pessoa muito tímida, com dificuldades de expressão. Na medida em que o pesquisador foi relendo as questões e no mesmo contextualizando dando exemplos comuns, o entrevistado foi aos poucos se soltando, narrando com firmeza sua história e suas dificuldades sociais quando se assumiu gay; quando obteve perdas de amizades, principalmente homens e parentes como primos e tios. Admitiu que por falta de informação se sentiu culpado por essa situação, especialmente quando o pastor da sua Igreja, onde sua mãe frequentava e o levava aos cultos, o pastor nos sermões dizia que o “desvio sexual” era uma perversão humana e “contra a vontade de Deus”, além de inúmeras vezes reforçar que o “Homossexualismo” e o “Lesbianismo” são pecaminosas e coisas do mal. Devido a isso, teve e desenvolveu intensa crise emocional identificado nos seus 14 e 15 anos. Foi procurar um psiquiatra, atendendo aos “conselhos do pastor”, a fim de encontrar um tratamento contra o “desvio sexual”.

Segundo ele, mesmo com esforços massivos entre oração, meditação e consulta psicológica, não conseguiu resolver o “problema”, não deixou de ser gay. Com isso, afirmou que era preciso aceitar sua condição e procurar viver, apesar das caras feias, da exclusão de colegas de trabalho e da escola e também de piadas

direcionadas diretamente uma vez ou outra. Assim, na medida que o tempo foi passando, foi procurando se relacionar com pessoas que o aceitavam e estudou na especialização técnica do salão de beleza, em que se formou através de cursos e também exerceu a função, sabendo fazer uma série de coisas, como lavar, escovar, blindar, progressiva e tonalizante nos cabelos. Nesse meio social, conheceu um rapaz, que até o presente momento mantém um relacionamento de namoro. Declarou ser incapaz de participar ou mesmo liderar campanhas públicas de combate ao preconceito e afirmação enquanto grupo social no município, devido seu perfil tímido e retraído. Nesse aspecto, o que chama atenção é que dentro desse grupo estudado, as pessoas diferem suas personalidades, apesar de comungar de opiniões em comum, seja de campanhas por direitos LGBTQIA + e de contestação ao preconceito e exclusão.

Sobre a história do município que foi indagado, a fim de ter uma versão da história do município que se vive, nem fez questão de citar. Apenas disse que “o motor do desenvolvimento do município são as indústrias, e que se não fossem elas a cidade, talvez não existiria”. Uma declaração importante, que justifica que a chegada de migrantes acentuadamente nas últimas décadas, principalmente após a emancipação, o aspecto econômico arregimentou praticamente todas as motivações e projetos migratórias, no ordenamento urbano e políticas públicas do município. Para o Canela, a sua afirmação identitária está no seu trabalho de cabeleireiro, deixando claro que apoia os movimentos sociais para essas causas, uma vez que é um grande problema social, o preconceito, e que Nova Hartz é como as outras cidades não diferentes das outras, em que essa discriminação é geral.

Ele encerra a entrevista dizendo que ser gay não é uma escolha, é uma realidade, e que a natureza lhe condicionou a essa situação, e que a sexualidade não mede o caráter de uma pessoa. O que é mais importante, segundo ele, é procurar ser feliz sem prejudicar ninguém.

A quarta indicação desse grupo LGBTQIA +, amostral do município de Nova Hartz, terá o codinome Angá. Veio para o município há mais ou menos 20 anos, do interior do estado, com sua mãe, sua avó e irmão mais velho. Seu pai não lhe assumiu, portanto, considera-se órfão paterno. Somente aos 19 anos seu pai apareceu, a seu pedido judicialmente. Seu jeito extrovertido e alegre, praticamente imunizou preconceitos ao menos declarados contra ele.

Sua postura alegre, educada, sem vitimismo, mas sim protagonismo com senso

de liderança, arregimentados em torno dele uma aura de respeito. Isso fica comprovado, no seu sucesso profissional, sempre no posto de liderança e de coordenação nas empresas que trabalhou e no que trabalha atualmente. Segundo ele, o preconceito deve ter havido de forma oculta, não que ele visse, e se visse, não se abateria e nem se surpreenderia, pois durante a conversa, relatou que muito amigos e amigas dele homossexuais, sofreram inclusive agressões físicas de motivação homofóbicas, ou seja, de ódio.

Ele afirmou que gostaria que suas ideias fossem aplicadas na prática, com políticas públicas. Por iniciativa própria participa das movimentações políticas do município, nunca sendo convidado. Tem curso superior completo na área de gestão, e isso lhe dá habilidade de comunicação e interação com as pessoas como também possuir consciência social desse aspecto, e o muito o que tem que fazer para rompermos com o preconceito. Na medida que ia se destacando, um gestor do executivo da prefeitura municipal de Nova Hartz o demitiu, principalmente quando descobriu que era gay.

Essa convicção vem devido de não ter razões de desempenho na função, muito pelo contrário, se destacava e era querido pela equipe de trabalho. Outro aspecto que ele apresentou, foi que a pessoa que ocupou o seu lugar é insatisfatória, provavelmente nas reclamações das pessoas que comentaram não pra ele, mas indiretamente, ao ouvir as pessoas falarem espontaneamente. Ele argumentou que o preconceito de gênero vem de pessoas descendentes de alemães, que conservam os “valores tradicionais” como: religião, família e trabalho.

Esse pragmatismo de herança germânica, segundo ele, tem dificuldade de lidar com o diferente e o contraditório, assim se cercam de “máscaras” moralizantes, mantendo um estilo de vida “perfeito”, porém sabe-se que não é assim na realidade, em que se observa problemas e dificuldades como todos. Tenta-se “mascarar” uma realidade irreal, e que ao contestar, estará desafiando a ordem, e assim se manifestam com agressividade, ao discriminar e prejudicar, como foi o caso da sua demissão, como exemplo citado, justamente para se afirmar de forma hegemônica.

Deixou claro, que suas versões quanto as narrativas da história deles e do próprio município é confirmada, pois são eles mesmos que patrocina publicidades, promovem encontros em sedes ou clubes sociais e também da Igreja. Assim conseguem maior trânsito na prefeitura para reproduzir as suas narrativas de acordo com a sua vontade, nem sequer incluir os negros e os gays. Outro fator que esse

entrevistado citou, e que se alinha aos argumentos das primeiras duas entrevistadas, são suas descrições quanto a sua intimidade. Sem a postura de enfrentamento, mas sim de coesão, não costuma postar fotos e citações em redes sociais que podem gerar conflitos.

Sobre a sexualidade: “só é da conta do casal e nada mais, ninguém mais precisa saber”. Dessa forma, com esses posicionamentos e postura consegue ter para com as pessoas que o convivem uma boa relação e um respeito sólido e recíproco.

Este me indicou outra pessoa, um homem gay, conhecido dele e amigo no município, que terá o codinome Esteio. Nascido em Sapiranga/RS, sempre morou em Nova Hartz. Trabalha profissionalmente em salão de beleza, onde majoritariamente a clientela é feminina. A coleta de dados foi sugerida por ele mesmo que fosse realizado no seu estabelecimento de trabalho, pois define como um espaço mais natural para a conversa, onde se sente mais à vontade, no seu espaço para expressar suas opiniões e sentimentos. Compreende-se que a naturalidade e espontaneidade qualifica as respostas.

Em locais públicos, onde frequenta, sente olhares julgadores, mesmo com postura e comportamento discreto. Os julgamentos quanto sua homossexualidade é sentida, pois quando olha nos olhos das pessoas, elas estão e estavam lhe observando, ou comentando com cochichos com as pessoas ao lado discretamente. O ponto máximo do preconceito relatado na entrevista, foi quando ao ir numa loja de roupas, o atendente sem perguntar já havia oferecido roupas femininas. Pelo fato de haver mais pessoas no estabelecimento, o Esteio se sentiu constrangido, mas não reagiu, para não haver mais constrangimento frente a situação. Esse fato, assim como outras, não relatadas na entrevista, revelam o lado triste da sociedade que não apenas discrimina, julga. Esse entrevistado, na medida em que ia narrando esses sentimentos, percebeu-se mais mágoa do que indignação.

A razão disso é que a cultura do município, legitima esses preconceitos, e ocultam denúncias e principalmente opiniões dessas pessoas. O julgamento é uma “pedra pesada” em cima de princípios defendidos por uma sociedade cuja mente fechada não admite reaver seus conceitos. Sempre há a preocupação de se intrometer na vida e intimidade do outro, muitas vezes esquecendo dos seus problemas e defeitos, que deveriam ser revistos. Nas iniciativas políticas, segundo o entrevistado, não há possibilidade de fazer, até porque nunca houve iniciativa para tal demanda, porque não interessa ao poder público, não dá voto e se chamar a atenção é para ser

contra as pautas da minoria e para criticar. Devido a cidade ser o berço da imigração alemã, percebe-se ideias fechadas, que impõem princípios e valores deles próprios, muitas vezes condenando a homossexualidade, como algo negativo e perverso.

Por isso, Esteio procura não frequentar lugares públicos, e diversão e sociabilidade, acontece fora de Nova Hartz. O grande medo é ser perseguido, ter seu estabelecimento fechado e que seus amigos sofram pressões psicológicas para se afastarem dele. A aceitação da sua homossexualidade foi bem difícil entre os parentes e familiares. Diferente das referências homoafetivas anteriores, nesse caso houve até conflitos e rejeição, ficando anos sem se falar, até aceitar a condição. É da mesma opinião dos entrevistados anteriores, no que se refere aos movimentos sociais. Nova Hartz, nunca teve, e é passível de certeza que jamais será permitido nos tempos atuais que tal iniciativa se permitisse e fosse encaminhado para ao menos avaliação e discussão no poder público.

Assim como os outros reconhece a importância desses movimentos sociais, porém, por enquanto deve-se limitar pela educação nas escolas, onde há um encaminhamento educacional e de consciência sobre isso, mesmo de forma discreta e esporádica e de conversas particulares e do próprio acolhimento de pessoas vítimas de preconceitos ou até mesmo de violência com denúncias a delegacia, apesar de ficar apenas nos registros de ocorrência. Finaliza a entrevista manifestando um sentimento de otimismo sobre esse assunto, no que se refere ao futuro, porque hoje melhor que ontem e de tempos atrás, há uma melhor e maior abertura o debate sobre esse assunto.

Essa afirmação corrobora com todas as impressões dos entrevistados. O assunto hoje, com apoio da mídia comunicativa e das redes sociais, além de uma discreta, mas incipiente educação nas escolas com informações sobre o assunto e acolhimento da problemática do preconceito, tem permitido ao menos discutir o assunto. Já para boa parte da sociedade pelo qual os entrevistados convivem, entendem que a homossexualidade não é anomalia, mas sim dentro de um contexto natural que sempre existiu e que hoje se permite por força da própria mídia e sistemas de informação avançar nesse assunto. Entende-se que o preconceito ainda é o maior entrave, onde as limitações quanto aos espaços e participação cidadã se vê bastante restringido, como bem justificado quando há demandas, sugestões e motivações de participação política.

Contudo, o poder público por vezes oculta-os por confrontar a elite municipal

que carrega conceitos moralizantes extremamente arraigados a lógica patriarcal, em que a religião protestante (majoritário no município de imigração alemã) carrega valores e princípios morais que elimina parte da sociedade, principalmente no que se refere a contrapor a heterossexualidade, considerada por eles anormal.

O entrevistado indicou uma transsexual, finalizando esse estudo amostral, por uma identidade de transformação do corpo. Essa entrevista foi realizada na sua casa. Para esse item receberá o codinome Jacarandá.

Diferentemente das outras entrevistas, verificou-se uma pessoa com maior sentimento de mágoa e de ressentimentos quando da razão do encontro e dos objetivos da conversa e das coletas dos dados, a fim de comprovar as hipóteses descritas no projeto de pesquisa. Uma pessoa receptiva, comunicativa e afável que não se limitou em externalizar as angústias e preocupações com a sociedade extremamente rígida nos valores comportamentais na cidade onde mora, como também dos impedimentos que seu espaço de voz e direitos de afirmação como trans tem perante a sociedade via câmara dos vereadores e ouvidoria social do município.

A pesquisa foi realizada em sua casa, numa recepção cordial e de cortesia. O ambiente sinalizou através da falta de luminosidade o semblante triste da entrevistada, na medida que as perguntas eram feitas. As respostas vinham carregadas de sentimentos feridos. Quando se identifica como mulher na adolescência, trata num primeiro momento informar a família sobre sua intenção de encaminhar a transformação do corpo. Embora sua mãe tenha resistido no começo, as outras pessoas da família aceitaram naturalmente, talvez, segundo ela, foram percebendo desde crianças comportamentos femininos num corpo masculino.

Uma vez admitindo a situação e em seguida a intenção de encaminhar a mudança clínica para afeminar seu corpo, a família entendeu que a felicidade era o que mais importava e que a restrição seria um atentado a sua identidade, podendo agravar ainda mais a sua situação de inconformidade com o seu sexo. O processo de transformação corporal se passou em Porto Alegre, onde lá conseguiu se desvincular do preconceito, que segundo ela em Nova Hartz é direto nem um pouco disfarçado.

Após a mudança no corpo, depois de um tempo de adaptação, sua vida mudou para melhor. Realizou-se como pessoa, que sempre deixou claro que nasceu num corpo errado e sua correção via tratamento e intervenção cirúrgica aconteceu graças ao apoio da família que nunca lhe abandonou. Depois se especializou na técnica da massoterapia, onde exerce no município de Nova Hartz sua profissão, possuindo

colaboradores em uma clínica com uma boa adesão de clientes que procuram tratar dores de coluna, reforço muscular e a própria estética.

Nunca se envergonhou da sua condição de trans, sendo conhecida e respeitada pelas pessoas que frequentam o salão de massoterapia e nos demais espaços. Também contribui nas escolhas de soberanas na tradicional festa anual da Dezembrofest, sendo consultada por entender de moda, estilo e padrão de beleza. Segundo ela, talvez essa seja a única influência social, envolvendo as esferas institucionais, no departamento de cultura, que por sua vez traz essa agenda dessa festa.

Ao ser perguntado sobre esses espaços, onde circula e tem autonomia, se ainda existem preconceitos, ainda mais em julgamento de concurso na avaliação sua nos critérios de estética e talento, ela afirma que não tem como escapar. A perdedora, junto com a família, rotula além da falta de critérios o impedimento pelo fato de ser um homem travestido de mulher. Dessa forma, conclui que além da dor do preconceito, desabafa argumentando que a sociedade está doente de forma generalizada.

Diante disso, ela nunca participou de nenhum movimento, seja de liderança quanto de colaboradora de alguma reivindicação de pautas sociais, pois desacredita que elas sejam ouvidas ou pensadas numa ideia de política pública. A única iniciativa de forma indireta no âmbito de ser visível perante a sociedade é a sua inscrição para o concurso de Miss Universo Trans, a fim de quem sabe ser reportado e reconhecido.

Ao ser questionada sobre sua vida social e íntima familiar, na cidade só dentro de casa. Para a rua e em locais públicos somente fora da cidade, nos espaços onde se encontram outras pessoas trans. Seus amigos sempre lhe apoiaram e apoiam; comungam a mesma opinião e por vezes forçada indiferença do julgamento da sociedade, especificamente onde mora, e de fechamento de portas em espaços públicos do poder municipal.

Mas ressalta que o tempo, a persistência e a educação, através de conscientização, inclusive esse trabalho analítico e científico de coleta de dados possam de maneira direcionada conscientizar a sociedade, num primeiro momento informando para depois incluir as pautas trans como agente social que precisa, assim como os demais grupos sociais de acolhimento, reconhecimento e afirmação de identidade.

As seis pessoas entrevistadas, num espaço de tempo de mais ou menos uma semana de cada entrevista, num período de mais ou menos 1 mês e meio. Obedeceu

aos mesmos critérios quanto a solicitação, a apresentação dos objetivos da pesquisa. Os resultados comprovam que o preconceito além de existente é extremamente estruturado. Desde a relação familiar, seus convívios e adaptações, até as tentativas frustradas de participação no âmbito público, relataram limitações, exclusões e por vezes atentado à ameaça a violência física.

A violência moral e psicológica ficou clara, uma vez que a intencionalidade de averiguar e confirmar o preconceito, inclui elementos novos, desconhecidos publicamente, e que dificilmente teria divulgação, não fosse essa pesquisa.

4.2 Histórias de vida LGBTQIA +

As pessoas que participaram desse estudo, contaram suas histórias de vida, todas elas atravessadas por experiências de preconceitos de gênero e sexualidade. As vivências ampliam as vozes de pessoas LGBTQIA + e contribuem para a construção de novas ideias frente à forte estigmatização que esta população possui na sociedade. Os relatos do cotidiano são intencionalmente explorados com o objetivo de tornar a experiência única e pessoal para cada um que lê essa pesquisa.

As referências citadas de forma genérica, de cada um, sendo externalizado posicionamentos de queixas, demandas e sugestão de ideias, a fim de abolir a problemática do preconceito. A seguir, serão apresentados abaixo na forma de quadro síntese. Este quadro apresenta citações extras e espontâneas sem a permissão dos participantes, mas que somam aspectos importantes para as análises.

Quadro 1 - Respostas Espontâneas

Arco Íris	A homofobia é intensa, juntamente com o machismo.	Uma vez identificado o LGBTQIA + na escola, há um patrulhamento sobre, a fim de “proteger” as demais pessoas.	Não precisa Negar o sentimento, seja o bissexual ou o homossexual. Necessita melhorar as relações.	Reprimir para se sentir seguro; ser discreto em locais públicos, na vestimenta, para manter a credibilidade na sociedade.	Auto Afirmam que tem direito de ser o que é, e em todos os lugares
Violeta	No começo foi muito difícil. Excluído do Trabalho e grupo escolar, nas brincadeiras e atividades.	A homofobia se percebe em aspectos simples, que realmente marcam e deixam mágoas.	Se vigiando para ver a reação das pessoas.	A imagem da homossexualidade perante a sociedade é negativa.	A sociedade muda, devemos aceitar as diferenças.
Canela	Um castigo para quem não segue as normas.	Não tem como falar pra ninguém, guardando segredo, sem poder se manifestar.	A coisa diferente do padrão incomoda muita gente.	Poder ser ouvido é muito bom, uma sensação maravilhosa.	“Todo” homossexual que vive no Brasil é forte.
Angá	É muito difícil disfarçar para agradar a sociedade. É cruel, pois quando sai do armário, a sociedade o controla, numa clara intenção de poder.	A questão familiar fica até difícil pensar na sua sexualidade.	Solidão, rejeição dos pais.	Nada de contar o que é de verdade. Repressão muito forte.	Assumir a condição, se aceitam ótimo, e não aceitar, paciência.
Esteio	Mágoas, guardando ressentimento sem condições de devolver.	Os LGBTQIA+, vivem a vida constantemente justificando sua condição o tempo todo.	Isolamento social.	Abandono dos pais.	A família aceita, mas não tanto.
Jacarandá	A mãe começou a brigar, não queria isso pra ela. Então menti, pra ficar com meninos, é apenas boatos. A testemunha relata que ficou com depressão, queria se manter, mas graças ao irmão, houve um abrigo.	A realidade LGBTQIA + é estigmatizada.	Invisibilidade no sentimento.	Entre o grupo LGBTQIA +, Aceitam o mesmo os heteros simpatizantes que lutam pela causa, favorecendo e legitimando a causa e as reivindicações.	Amadurecimento, percebendo-se e o verdadeiro amor, por ter passado por sofrimento e o mais importante é o amor da família que se precisa.

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Pode-se compreender nesse quadro síntese, que embora reconheçam que houve avanços, mesmo discretos na aceitação da diversidade de gênero, percebe-se muita mágoa, nas citações informais. Desse modo, essa referência tabulada com os respectivos entrevistados com seus codinomes, evidenciou que o preconceito é uma marca, um estigma cultural, arrolada por muitos séculos, e que hoje, essas pessoas, pagam o preço caro com as diferentes formas de preconceitos e invisibilização, compreendido também como exclusão social.

A crescente invisibilidade política das questões de gênero e sexualidade, com as conquistas e o acirramento dos conflitos em torno dos direitos civis dos LGBTQIA+; o crescimento também dos fundamentalismos religiosos e das forças conservadoras no Brasil e no mundo; os acontecimentos que mais recentemente alteraram profundamente os destinos sociais, políticos e econômicos do país; as mudanças nas formas de existir, pensar-se e construir-se como sujeito de práticas sexuais afetivas; esses são alguns aspectos que configuram o presente em que as falas dos relatos das memórias são estimulados a emitir, e que certamente impactam e ao mesmo tempo informam na perspectiva de colaborar na elucidação do assunto considerado polêmicas na comunidade em estudo.

Além disso, as entrevistas realizadas elucidam os acertos e vazios deixados por nós pesquisadores, e colabora para um refinamento de nossas ações. Somente ao analisar o relato completo, que ficou nítida a necessidade maior de buscar mais entrevistas e versões femininas, por exemplo, no cenário lésbico, como sendo as maiores vítimas de preconceito, violência e inviabilização.

É possível pensar que as referências de pessoas lésbicas personifica a gravidade ainda maior da invisibilidade, pois uma vez sendo mulher (historicamente inferior ao homem na visão machista e cultural), o desejo da mulher em ser homem no caso das trans, a problemática ainda se agrava, pois ocuparia um espaço dos homens heteros.

Essa referência, estimula o segmento das coletas dos dados e as respectivas análises, pois cada vez mais essas pessoas estão se manifestando, se colocando espontaneamente na visibilidade, assim como cada vez mais estudos e pesquisas dessa temática abrem mais registros e produções de publicações, conferências, debates e pautas em ambientes claramente ocupadas e controladas por pessoas conservadoras.

Sem perder a ética institucional e seu rigor acadêmico, faz-se necessário

estabelecer critérios para traçar perfis em relação aos entrevistados, considerando idade, situação financeira, familiar e outros, como vetores pontuais de interpretação e a forma como os entrevistados expõem suas memórias. Desse modo, não haverá submissão a uma análise fria, ou seja, objetiva, entre cruzamento e as reações entre memórias individuais e coletivas.

Termos como “sapatão” e “lésbica”, antes no sentido preconceituoso, passam segunda as entrevistadas Violeta e Arco Íris “a designar não mais uma identidade, mas antes uma posição, um lugar, uma certa maneira de problematizar, de posicionar-se e de agir em relação à normalidade e à norma”.

Nesse sentido, uma constante revisitação às nomenclaturas usadas para dar conta das diferentes expressões de gênero e sexualidade se faz necessária. A ansiedade classificatória é de certa maneira sempre exclusória, por isso há de se levar em conta o valor temporário, mutável e instável das minorias em relação ao “já-dado”, ao fixo - no caso, a heteronormatividade.

5 A QUESTÃO DE RAÇA E ETNIA: O CASO DE NOVA HARTZ.

Citando Jorge Eusébio Assumpção⁴³, em sua palestra proferida em 19 de novembro de 2019 na Unisinos, São Leopoldo - RS, existe uma apropriação do passado dos negros pelos imigrantes”. Nessa perspectiva, podemos apontar que o passado de uma região, a memória coletiva e as próprias narrativas, procura esconder a história dos afrodescendentes, justamente para não ofuscar ou mesmo dividir as suas histórias a partir da imigração e de toda a constituição da região até se tornar um município reconhecido pelo estado.

Dessa forma, propõe a narrativa desse processo, partindo das narrativas desse grupo de pessoas, a fim de evidenciar preconceito e exclusão e aspectos específicos não registrados pelas narrativas que por ter sido publicadas, carecem de uma abordagem que destaca essa importante e fundamental parte, a fim de compreender melhor a história do município e somar com os seus argumentos quanto às suas falas e opiniões de todo o conjunto que envolve a memória de vidas e do município em estudo.

5.1 Definição de Raça e Etnia

Raça, de acordo com a Biologia, é um tipo de classificação que se refere a atributos baseados em características genéricas de aparência física, principalmente a cor de pele. O conceito de “raça” ganha força no século XIX e passa a ser usado como forma de discriminação, principalmente envolvendo minorias a população negra e indígena no continente americano, com sua história evidenciado de genocídio e de escravidão.

Porém, a noção de que a ideia de raça é imutável e puramente biológica é altamente questionada nos dias atuais⁴⁴, no campo das Ciências Sociais, sendo hoje vista empiricamente como um conceito cultural, que varia de acordo com cada sociedade a que se analisa a questão.

⁴³ A omissão e o silenciamento da presença negra na história do Rio Grande do Sul foram os temas principais da palestra do professor da Unisinos Jorge Euzébio Assumpção no IHU Ideias no dia 17-11. Ele apresentou a conferência intitulada Rompendo o silêncio: O negro na história e historiografia do Rio Grande do Sul.

⁴⁴ Para Quijano (2005), a raça é uma categoria essencial para entender a colonialidade do poder e a organização social. A ideia de raça foi instrumentalizada para criar hierarquias e classificações raciais que justificam a dominação colonial e, posteriormente, o capitalismo global.

A Etnia é um grupo que compartilha uma identidade cultural comum, diferenciando-se de outros grupos; já o racismo se refere a preconceito e discriminação social baseados no conceito de raça. Carrega juízos de valores e estereótipos relacionados a inteligência, moral e capacidade, entre outros. Muitas vezes se interligam com o preconceito étnico e a xenofobia.

Trazendo referência da História dos Estados Unidos da América (EUA), a declaração de independência dos Estados Unidos, ocorrida em 1776, não aboliu a escravidão, bastante prevalente no sul do país. Apesar da abolição da escravatura ocorrer em 1865, no contexto da guerra de Secessão, os negros norte americanos vão continuar segregados e com direitos limitados (leis Jim Crow), não podendo frequentar diversos ambientes e instituições. Dessa forma, as conquistas foram paulatinas, transitórias, porém fundamentais na conquista dos direitos políticos por parte da população negra.

Um exemplo disso, em 1955, a ativista Rosa Parks é presa ao se recusar a ceder lugar para um homem branco no ônibus na cidade de Montgomery, insuflando o movimento pela igualdade dos direitos civis liderado pelo pastor Martin Luther King Jr. Enquanto Martin Luther King defendia protestos pacíficos, Malcom X, pertencente ao grupo dos muçulmanos negros, advogava uma resistência combativa e de isolamento. Em 1964 é aprovado o Civil Rights Act, banindo a discriminação de negros e lugares públicos, emprego, educação e instituições. Porém, a discriminação racial nos Estados Unidos continua intensa até os dias de hoje, envolvendo, por exemplo, desigualdade de renda, de oportunidades, e também na violência policial, propiciando a existência de movimentos sociais como o Black lives Matter.

Ao adotar a escravização de africanos como base da produção econômica colonial e imperial, o Brasil construiu os alicerces de uma sociedade bastante desigual, onde, mesmo após a abolição, não houve um projeto de inserção social da população negra. Em 1933 é publicada a obra Casa grande e senzala, do sociólogo Gilberto Freyre, que combate a ideia de branqueamento do país ao valorizar nossa mestiçagem. Porém, as obras de Freyre também podem ser vista como grande influenciadora do chamado mito da democracia social, em que não haveria um racismo contundente em nosso país, mas sim uma convivência harmônica entre negros, brancos e índios.

Atualmente é bem aceita a ideia de que no Brasil existe um racismo institucional e estrutural, onde mesmo que parte da sociedade não compactue com ideias

preconceituosas, uma análise de diversos dados acaba nos revelando uma enorme discrepância social.

5.2 As Narrativas sobre Raça e Etnia em Nova Hartz: os afrodescendentes falam de si.

As coletas de dados do grupo amostral afrodescendente, observou a critérios semelhantes do grupo LGBTQIA +. O primeiro entrevistado, indicado pelo pesquisador titular em concordância do orientador, seguiu a conduta de ser uma pessoa reconhecida pela população do município e de boa representação, de modo que essa escolha visava também minimizar os riscos quanto a rejeição da entrevista ou também iniciar a argumentação a partir dele com declarações muito mais do plano parcial do que do plano geral enquanto grupo social que se quer identificar da maneira mais equilibrada possível a história do município e ser paralela a sua história de vida e apontamentos de preconceito, discriminação e impedimento enquanto agente social e cidadã de manifestação política e apoderamentos econômicos, já que o desenvolvimento do município de Nova Hartz, como também da região em torno tem a mão desses grupos semelhantes as demais que compõe a população do município.

O roteiro de análise da população Afro brasileiro, partiu de uma escolha observando o critério de maior e melhor perspectiva enquanto há gente bem conhecida e representada no município. Também, como realizado do grupo LGBTQIA +, seguiu a metodologia “Bola de Neve”, que através de indicações do entrevistado ao final da entrevista, possibilita uma visualização que tem um critério definido, de pesquisa que segue orientações fundamentadas em teoria. A semi estruturação dos dados coletados, assemelha-se como no outro grupo, na perspectiva de evidenciar aquilo que já se observa previamente e com essa pesquisa a confirmação e aberto a novas evidências.

O primeiro entrevistado, de acordo com os dados Afrodescendentes, está nos anexos deste trabalho⁴⁵ e terá como nome fantasia Marte. A marcação da entrevista foi feita pelo telefone, através do contato adquirido do grupo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, de Nova Hartz. A esposa, catequista, intermediou o encontro, já conhecida pelo pesquisador e amigos de longa data, assim como entre as famílias. A

⁴⁵ Em anexo.

recepção foi carregada de surpresa e desconfiança, uma vez que sendo este o ano eleitoral, é muito comum as apresentações de candidatos e para assuntos de esfera política.

Desde já no início foi esclarecido que o objetivo da pesquisa era de caráter científico e coordenação institucional e de extrema relevância social para que esse trabalho fosse feito da maior seriedade possível, entre pesquisador e entrevistado. O mesmo, aceitou com apenas uma ressalva, que sua esposa “branca” estivesse junto, para, segundo ele, as respostas tivessem um filtro ou mesmo também complemento. Considerou ser uma conversa delicada, de cunho sentimental, emotivo, por retomar lembranças de um passado de sofrimento, angústias, traumas, preconceitos, exclusões e principalmente limitações ainda nos tempos atuais quanto a valorização e reconhecimento dos seus serviços prestados no município, nem contando nas esfera públicas governamentais, que nem chance teve para no mínimo ser ouvido e considerado.

Antes mesmo de responder as perguntas, mostrou na parede de sua casa um quadrinho com uma mensagem que evidentemente demonstra sua condição de vida desde sempre, no presente e para o futuro que dizia bem assim: “Cada dia tenho que matar dois leões por dia”. Essa expressão já chama a atenção pela força que essa mensagem tem. Nas expressões comuns, quando uma pessoa que argumenta desafios e lutas diárias diz: “devemos matar um leão por dia”. No caso deste primeiro entrevistado, são “dois leões ao dia”. Assim como a grande maioria da população de Nova Hartz, Marte não foi diferente. Naturalmente em busca de melhores condições de vida e ofertado pelas indústrias no ramo calçadista em expansão, ele e sua família foram os primeiros migrantes de cor a se fixar no município de Nova Hartz.

Segundo ele, por ser uma cidade de origem, fundação emancipacionista e a elite empresarial alemã, o preconceito ocorreu sem limites, quando fixou no município. O episódio marcante, ao mesmo tempo considerado por ele trágico enquanto ser humano, foi uma visita dele e do seu irmão numa casa onde tinha um matadouro de gado, em que as crianças, filho do dono do estabelecimento, saíram gritando, correndo com medo por terem visto pessoas estranhas nunca antes visto, que eram duas pessoas de cor. O que naturalmente, interpretado pelos irmãos como sendo uma postura preconceituosa, foi estranhamente justificado para eles anos mais tarde, pelas mesmas crianças ao relatar o episódio que nunca tinham jamais visto uma pessoa de cor, e sendo esse o primeiro encontro, causou espanto de forma espontânea.

Ao permitir que a narrativa fosse feita, deu para perceber que esse episódio em especial, demonstrou-se o lado mais agravante do preconceito, que segundo o entrevistado, a impressão foi que o relato delas foi de absorver a culpa, sendo possível que quando crianças, os pais, ou mesmo outras pessoas adultas com certeza já comentavam que pessoas de cor são nocivas, de modo que isso explica o fato da fuga e do medo quando essas crianças o viram. Até porque eles não estavam mal vestidos ou com posturas nocivas para violência, dando a impressão de algum tipo de ameaça.

Admitiu que já sofreu muito preconceito, principalmente por parte dos políticos e empresários. O fato dele ter por sua esposa uma mulher branca, sua aproximação com as elites deu-se de maneira mais frequente. Argumentou que vez ou outra a exclamação era a seguinte: “Negro só serve para trabalhar”. Durante a conversa, demonstrou, devido sua boa comunicação, otimismo quanto ao futuro. Revelou entendimento com a história da escravidão, dos movimentos negros de resistência e do próprio racismo estruturado na sociedade.

Não se esquivou em abordar os assuntos, até porque declarou ter tido oportunidade depois de adulto de voltar a estudar, já que quando novo foi obrigado a trabalhar para ajudar nos sustentos da família. Entende que hoje com algumas políticas públicas voltadas para inclusão, como cotas nas universidades e leis rígidas penais quanto ao ato de racismo, o preconceito não se vê de maneira tão explícita como se via uns tempos atrás; muito embora o racismo continue a existir, apesar de forma velada e oculta. Argumentou também que a riqueza que o Brasil tem foi a partir do suor e do sangue dos negros, durante a escravidão e após disso, como exemplos das estradas asfaltadas, prédios industriais e administrativos, residências populares, na agricultura, nas indústrias e no comércio, etc.

Ao tratar especificamente do município de Nova Hartz, lembra que no processo emancipacionista, nem foi convidado a participar, embora sendo reconhecido, mas como disse - no que se refere a emancipação, que envolvem inúmeras pessoas representativas e com nomes de reconhecimento, ele foi esquecido, invisível no processo. Nesse ponto, disse que sentiu muita mágoa, pois desde quando Nova Hartz, sendo distrito de Sapiranga/RS, acompanhou todo o desenvolvimento e mudança no lugar, desde as construções cada vez maiores e novas de residências, quanto da economia prosperando e destacando no âmbito regional.

Por fim, ele agradeceu ao pesquisador pela oportunidade de manifestar de forma espontânea sobre sua vida, do município e dos preconceitos. Sua indicação

para a próxima entrevista, foi uma mulher negra funcionária de carreira da Prefeitura municipal de Nova Hartz, que terá nessa descrição o nome de Plutão, que na tabela no Anexo ao fim desse trabalho suas respostas estão na 5ª coluna.

Ela recebeu o pesquisador no seu ambiente de trabalho, sendo ela mesma fazendo questão que fosse, pois considerou o ambiente propício para externar com mais convicção e vontade suas memórias e impressões sobre tudo que envolve a etnia negra numa cidade majoritariamente de imigrantes alemães e cuja história escrita, narrada e julgada por eles revelam ocultamento da força negra no município.

Como todos os entrevistados, admitiu ter sofrido preconceito, de maneira indireta, sendo limitada nas suas funções de atendente de loja comercial, sendo preterida por uma moça branca no trato com o público. Por possuir uma forte personalidade e autonomia, relatou nunca ter sido excluída no âmbito social, devido a questão de cor, pois sustenta que a timidez e a insegurança nas relações que envolvem mais pessoas, atrapalham, e isso prejudica muito mais a sua participação.

Defende a ideia que “uma vez a pessoa, independentemente da cor, gênero e demais características fora do “padrão”, tiver com a razão e ciente dos seus direitos e com postura de imposição com respeito, jamais alguém terá coragem de discriminar, até porque hoje em dia se tem meios tecnológicos que auxiliam na fiscalização e na denúncia de qualquer ato discriminatório no âmbito humano”.

Atualmente, como conselheira tutelar, eleita por votos, buscados com argumentos pautados nessas valências de inclusão e ação ativa de combate as injustiças e vulnerabilidade de menores de idade, a falta de instrução, fracassos na vida e problemas financeiros decidem os reais problemas que a sociedade enfrenta atualmente, sendo que o racismo é mais um extrato dessas anomalias sociais que a cultura ainda não absorveu historicamente por causa da escravidão e da política centralizadora e ditatorial do Brasil. Observa-se que a preocupação da Plutão é mais com questões externas, do conjunto do que na sua vida particular. Não hesitou em falar da sua história de vida, de Nova Hartz, daquilo que se sabe, reconhecendo que os negros não foram convidados a escrever a história, sem dúvida, segundo ela; seria para desconstruir a história oficial.

Por outro lado, segundo ela, isso não é o grande problema. O maior problema são as violências que ocorrem dentro do município, e que uma vez resolvendo, ou no mínimo amenizando os graves problemas sociais e familiares encontrados, a história de Nova Hartz, deveria ser reescrita com a “caneta de mãos de Negros” que

contribuíam e contribuem no desenvolvimento econômico do município e região. A forma encontrada de se manifestar e contribuir para a sociedade é ter sido candidata e eleita a Conselheira Tutelar, para poder atuar socialmente na sociedade como cidadã e agora autoridade pública, legitimada para esse fim, com influência política, e com certeza podendo ser melhor atendida nas suas reivindicações, que são as reivindicações de pessoas vulneráveis e realmente pessoas mais necessitadas do atendimento por parte do poder público.

Essa entrevistada demonstrou entre as muitas qualidades de percepção da questão racial e das soluções para o problema, assim como as buscas de memórias dela e do município um real compromisso político para propor na via política as demandas e reivindicações por parte da população, de modo que a inclusão racial e o combate ao preconceito são suas prioridades, uma vez que primeiro se resolve os problemas de violência contra menores, para depois implementar ações de combate ao preconceito e exclusão racial e demais questões, inclusive LGBTQIA+.

Sobre os movimentos sociais, ela disse que as conhece. Já participou de fóruns e congressos em Porto Alegre. Embora muito proveitoso e rico, não haveria cobertura desses movimentos em uma cidade pequena como essa, devido à própria falta de informação e motivação, ou seja, reconhecer e acreditar no seu valor e potencial. Agradeceu a entrevista, e seguindo a regra da coleta dos dados, a Plutão indicou um próximo, que na tabela da coleta dos dados no anexo está Afro 6 para a próxima entrevista.

O encontro entre o pesquisador e o entrevistado na terceira indicação, a partir da anterior seguindo a metodologia Bola de Neve terá o codinome Mercúrio; e a entrevista ocorreu como na anterior também no seu estabelecimento de trabalho, sendo comércio onde trabalha há 5 anos. Até esse ponto, deixa claro que foram muitos anos de trabalho, de resistência e de superação de adversidades, em que o racismo foi o maior deles.

No encontro bem noturno quando o movimento praticamente inexistia a conversa tornou-se bastante fluída, com desabaços e relatos significativos enriquecendo o repertório de informações e de cruzamento de dados que revelam entre muitas coisas aspectos que pouco ou nada se sabe, porque não foram registrados, muito menos tornado argumentos oficiais que comprovam que a história e o desenvolvimento do município deu-se principalmente a partir da mão de obra migrante não somente de imigrantes alemães no século XIX, mas quando cidadãos de

outras localidades do estado do Rio Grande do Sul, na busca de melhores condições de vida, que passa efetivamente pela estabilidade e garantia de salários mensais e de um contexto de expansão industrial e de serviços, onde a cidade de Nova Hartz cresceu de forma avassaladora.

Deixa claro que esse crescimento do ponto de vista econômico foi desproporcional. Enquanto empresários tradicionais de grandes empresas instaladas enriqueceram muito, esses migrantes e o próprio Mercúrio evoluíram o mínimo, bem menos que efetivamente mereciam, de acordo com as intensas jornadas e cobranças no trabalho, na submissão exaustiva e também de pressão psicológica das lideranças econômicas, limitando promoções, avanços e principalmente destaque, quando deveriam ser registrados, tanto no desenvolvimento econômico pessoal (que pouco ocorreu e além do que de fato merecia), e muito contribuiu para o enriquecimento da elite industrial, refletindo na própria região onde está inserido o município em estudo.

O estabelecimento comercial, é uma lancheria, que fica aberta somente as noites. Uma renda extra, pois sua principal função é secretário de uma escola pública municipal, concursado e está efetivo há 14 anos. Com esse emprego, e com um bom gerenciamento financeiro juntamente com sua esposa, foram adquirindo um terreno e uma casa. Com a separação da primeira esposa há 10 anos, houve mudanças significativas em sua vida, obrigando a se reinventar e buscar novos conceitos de valores humanos, que segundo ele foram moldando melhor o seu caráter e visão de mundo e especialmente os fatores que envolvem o racismo enfrentado ao longo da vida e o que continua enfrentando nos dias atuais.

Porém com uma mentalidade mais madura com relação a vida e o entendimento sobre a discriminação que enfrenta o município em estudo. Mesmo em cima das vitórias destacadas como a nomeação em concurso público, não esqueceu o ato racista quando iniciou seu trabalho no dia da sua apresentação. A direção da escola pensou que era para cargo de limpeza ou de manutenção, onde no edital conferia essas vagas para aquele estabelecimento. Porém se surpreenderam que era para cargo burocrático, envolvendo documentações importantes, ligados ao funcionamento da escola e da vida funcional dos profissionais que ali trabalham.

Deixa claro nessa narrativa que não é a função que diminui a pessoa, mas os rótulos, em que o negro para o senso comum não é capaz de ocupar um cargo administrativo. Esse exemplo demonstra claramente que o negro é sim capaz de ocupar esses cargos ou mesmo maiores, porém o preconceito vem junto, revelando a

faceta nociva da discriminação racial muito presente no município, assim como na sociedade como um todo. Deixou claro também, que nunca pensou em postular participação em demandas públicas de classe, pois como sujeito simples e tímido, relatou que não teria força e liderança o suficiente para que essas reivindicações pudessem ser atendidas, e mesmo porque enfrentaria mais preconceito ainda além de fracassar nos resultados.

Portanto, nunca almejou algo do tipo, assim como nas entrevistas anteriores, numa cidade pequena, com visão mais colonial do que urbana em Nova Hartz, mesmo que as pautas fossem e são legítimas, não haveria adesão popular, devido justamente a uma visão extremamente limitada e simplificada da população, que não consegue enxergar além das suas limitações, que elas próprias admitem ter. Na questão de divisão social, não sente isso claramente.

Atualmente, embora o preconceito e discriminação estejam presentes, nos espaços públicos, ainda mais representado por uma função pública destacada e com contato diário com a população, não observa explicitamente o preconceito, mas, assim como os demais entrevistados, admite que na intimidade, no pensamento silencioso existe, e isso se revela quando as pessoas que não lhe conhece, ficam muitas vezes desconfortáveis em passar os documentos e receber por parte dele na função de secretário orientações escolares para seus filhos ou pupilos.

Por trabalhar em escola, e interagir nos bastidores com professores na área das Ciências Humanas, percebe um esforço louvável dos docentes em destacar e reafirmar as contribuições da história e da cultura afro descendente nas aulas. Assim, acredita de forma otimista que a escola onde trabalha, mas possivelmente em muitas, passos está sendo dado, via educação das crianças e adolescentes que vão no futuro exercer funções profissionais e serem chefes de família, na promoção cada vez mais de desmanchar o preconceito e aceitar a verdade histórica e sociológica que se Nova Hartz, está no rumo correto do desenvolvimento é porque existe os negros e mestiços que fizeram parte como protagonistas nessa construção.

Finaliza a entrevista reafirmando que a história de Nova Hartz, não relatou a verdade das narrativas desde a implantação das indústrias até hoje, quando não são destacados com a devida atenção e destaca as pessoas que vieram de fora. Economicamente e politicamente, houve participação, principalmente nas indústrias na atividade produtiva e com qualidade dos serviços, resultando na abertura de mercados comerciais e de consumidores no mundo todo, que enxerga Nova Hartz,

um pólo industrial que produz calçado com qualidade e bom gosto.

Na emancipação, embora este entrevistado não tivesse participado, sabe por pessoas do município que nas assembleias que discutiam o projeto emancipacionistas, as atas que são públicas porém não lidas tem os registros assinados por pessoas de cor, justamente com a intenção de obter quórum na reivindicação via governo estadual daquela época.

O entrevistado Mercúrio, foi mais além nas respostas, dando caracteres mais nítidos da história no município em análise, colocando os sentimentos em segundo plano, em relação às informações que faltaram ou ficaram muito pequenas por parte dos últimos entrevistados. O caminho seguro e comprobatório de uma participação efetiva, deve estar nas assinaturas das atas nas reuniões promovidas pelos agentes protagonistas que encaminharam e lideraram o processo de emancipação do município de Nova Hartz. Já que necessitavam protocolar na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, um abaixo assinado das pessoas apoiando a emancipação do antigo distrito de Sapiranga-RS, Picada Hartz.

Seguindo a metodologia da pesquisa semi estruturada, o próximo indicado pelo Mercúrio foi uma mulher negra, funcionária efetiva da Prefeitura Municipal de Nova Hartz, cujo nome fantasia será Vênus, e na tabela da tabulação das entrevistas está na coluna 1.

A entrevista foi aceita prontamente pela Vênus, que assim como na entrevista anterior fez questão que fosse realizado no seu local de trabalho, por se sentir mais empoderada, na condução da entrevista, cujo espaço, segundo ela, é mais seguro, apesar de haver várias interrupções, devido às chegadas de pessoas solicitando algum serviço ou informação. Desde já agradeceu o pesquisador pela oportunidade de falar sobre sua vida, do que sabe da história de Nova Hartz, seus sentimentos, angústias e desabafos com relação a tudo que enfrentou e enfrenta como cidadã, mãe, esposa e funcionária do setor administrativo, cuja residência é de um bairro distante do entrevistado anterior, embora ambos sejam amigos e trabalham no mesmo setor, porém em espaços diferentes.

Veio para Nova Hartz, com a família há 22 anos, com 17 anos de idade, ofertada pelo emprego garantido numa indústria de calçados. Fez questão de afirmar que o trabalho fabril não foi de sua escolha, mas sim uma necessidade, o que tinha para o momento, convicta que a única maneira de crescer, evoluir profissionalmente seria nos estudos, pelo qual priorizou com dedicação.

Após terminar o Ensino Médio, prestou concurso público para Assessora Administrativa, cargo que foi nomeado e está no cargo há 4 anos. Ela declarou que na indústria sem apadrinhamento dos gestores, jamais receberia uma chance de evoluir no cargo, e mesmo que ganhasse um melhor cargo e melhor salário, a rotina industrial e competitivo na questão de metas capitalistas jamais se realizaria como pessoa, pois quando optou numa carreira pública, já tinha como aptidão as relações humanas acima de tudo, com diálogos, ajuda, orientação e além da função burocrática poder servir como agente facilitador das diversas e variadas necessidades e demandas públicas, onde o espaço municipal é muito procurado pelas pessoas, principalmente as mais necessitadas.

O escritório onde trabalha, fica próximo a rua principal, com uma escola a frente e perto do setor de protocolo que por vezes colabora nos registros de serviços e demandas práticas, em que percebe tratamentos diversos, de modo que a questão racial é nítida com dois pesos e duas medidas, com pessoas vulneráveis, ou seja pobres que no desespero e urgência aparecem para pedir ajuda ou algum tipo de intervenção quanto aos problemas de ordem social. A Vênus, sempre fez questão de ressaltar que o caminho da emancipação humana da dependência e da vulnerabilidade está nos estudos, e na condição de cidadã hoje ciente das suas obrigações e consciente dos seus direitos.

Aos 43 anos de idade, tem plena consciência para falar sobre o racismo por ela enfrentado, e por carência de políticas públicas voltadas para a inclusão, cuja participação dos poderes públicos constituídos e eleitos pela população pouco dá atenção. Admitiu que a sua vida em Nova Hartz foi de conviver com o preconceito racial permanentemente.

Nesse ponto, ela afirmou que diferente de outros problemas, temos de aprender a conviver ou “engolir” os problemas, ou a expressão “entra num ouvido e sai n’outro”, nesse particular não tem como minimizar ou filtrar. É dor, pois, segundo suas palavras, são agressões permanentes, de forma injusta, de uma culpa que não existe e está radicalmente enraizado nas mentes de muitas pessoas, que elas mesmas herdaram dos antepassados o mal vício e herança de um ódio injustificável. Apontou detalhes e episódios que sofreu racismo, muitas delas não declarado, mas caras feias, distâncias, desculpas, conversas curtas e indiferentes e também nada de convite ou mesmo ser ouvida no âmbito político através de reivindicações para demandas e ideias. Esses preconceitos, segundo ela, se percebe nas rodas de conversas, nos

grupos de pessoas, que por serem de origem alemã, já aconteceu de se deparar perto dela falando em alemão de voz alta que ela podia ouvir e logo em seguida uma longa gargalhada dessas pessoas. Não conseguia tirar satisfação, pois logo os envolvidos desconversavam, ou ignoravam o fato, mas tem convicção de que falavam dela, da sua cor de pele e também por ser mulher, que segundo ela uma mulher negra se destacando na vida por um lado sofrem *bullying* dos homens que se sentem ameaçados. Além das próprias mulheres que se sentem enciumadas, ao admitir que entre as mulheres existe uma competição maior do que entre os homens. Finaliza afirmando ser comuns eles se destacando mais.

Quanto à questão do preconceito, o que mais lhe chateou foram as posturas racistas nas questões do cotidiano. Ir ao mercado, por exemplo, os olhares, o monitoramento das câmeras de segurança focam mais o cliente negro, como foi o relato que ela fez nos exemplos que narrou. Sentiu-se agredida, porque o que estava em evidência não era a pessoa em particular, mas a pessoa de cor negra, que é julgada socialmente de forma injusta e agressiva.

Essas atitudes por parte dos comerciantes, numa cidade pequena, revelam o quanto as desconfianças, rótulos e preconceitos permeiam entre as pessoas. Já viu, testemunhou a polícia, a Brigada Militar na rua nas batidas de trânsito, mesmo estando em ordem o motorista negro está mais sujeito a receber multas facilmente, e quando estão errados, como é normal para todas as pessoas, ocorrem agressões verbais, quiçá agressões físicas, sem possibilidade de resistência por parte do agredido.

Por outro lado, a entrevistada Vênus testemunhou que dois ou três homens donos das empresas e terrenos da cidade, foram vistos dirigindo bêbados, estacionando em locais proibidos, e tendo um tratamento diferencial em estabelecimentos comerciais, especialmente na região central da cidade, onde não passa de registros de multas e aconselhamentos educativos, como na real deveria ser para todos.

Sobre vontade de participação política e de convencimento quanto sua liderança nesse processo, enxerga de bons olhos essa possibilidade, na medida que nos últimos anos têm oportunizado no âmbito político a participação feminina. Dentro dessa tendência, através de uma adaptação cultural no protagonismo feminismo, haveria na sua opinião a chance de ingressar e solidificar na carreira política, uma vez, segundo ela, a política é instrumento de mudança e de afirmação de novas propostas, esse seria um caminho.

Porém o grande impasse e o grande desafio é obter apoio, uma rede de associações que tenha respaldo coletivo, de modo que na questão racial, o preconceito é muito presente, principalmente no município de Nova Hartz, que ao longo da história política do município só se verificou uma vez na função na legislatura por um curto período de tempo; que será o próximo a ser indicado por parte dela para esta pesquisa.

Finaliza a discussão da sua trajetória de vida, destacando que os negros são impedidos de se destacar no município devido ao preconceito que existe no município de Nova Hartz. Cita que a cor da pele é o principal critério que inclui ou exclui. Diferente dos outros afrodescendentes pesquisados até então, ela define que o econômico e social está em segundo plano como fator decisivo de exclusão social.

Percebe-se que os relatos e argumentos dela são mais “ácidos”, caracterizando uma revolta e indignação quanto aos relatos de preconceitos citados. Sendo assim, a forma de conviver e tentar mudar a situação, está na sua auto afirmação quanto cidadã negra que vive, trabalha, se destaca e pode conviver de maneira igual com todas as pessoas, que o fator cor da pele não é critério para diferenciar pessoas quanto aos direitos e à justiça civil.

Enquanto o preconceito continuar permeando a vida cultural do município, pouca coisa poderá ser feito, mas entende que as pequenas iniciativas, como esta própria pesquisa acadêmica, educação nas escolas onde existem, professores no esforço de trabalhar no sentido de buscar cada vez mais combater o preconceito racial e afirmação da sua identidade como de todos e todas da etnia, orgulho da sua origem, consciente das suas conquistas, de afirmação e protagonismo nas esferas sociais que pouco ou nada se registram e divulgam. O atual desenvolvimento do município e da região é por causa dos negros que sempre estiveram presente antes mesmo da imigração europeia e da emancipação política de Nova Hartz.

O penúltimo entrevistado, indicado pela anterior, terá como codinome Saturno, que na tabela das coletas dos dados no Anexo está descrita na coluna 2. Este entrevistado, declarou formalmente que em função da sua representatividade social e profissional desenvolvido no município, os preconceitos vinham em situações de rodas de conversas e encontros comunitários, nos bastidores, sendo que as pessoas geralmente se descontraí com conversas soltas, sem compromisso, informais, de modo que as “brincadeiras” ocorrem involuntariamente.

Saturno deixa claro que isso foram maldades, justamente para ofender e se

vangloriar acima das pessoas, como por exemplo, falar em alemão em frente dele com gargalhadas e deboches, piadinhas do tipo, “vai chover, como o tempo está escuro, em casa tem banana?”.

Com relação aos agentes do poder, enquanto participante de reivindicação política, não sentiu essa exclusão, pois declarou que uma vez estando no cargo já provava a todos o mérito por estar ali. Então, os dirigentes, entenderam que o racismo explícito, diante de um homem esclarecido como o entrevistado, seria jogar contra eles próprios, podendo resultar em inúmeras complicações políticas futuras.

A vinda dele, assim como de mais algumas famílias negras, foram trazidos pela família Pilger (uma das famílias mais conhecidas e representativas do município, considerada pioneira na implantação da economia da cana de açúcar), de Santo Antônio da Patrulha. Fez parte do grupo em Nova Hartz que em 1998 fundou o PT (Partido dos Trabalhadores).

Segundo ele, justificou-se militante nesse partido político por possuir uma ideologia de militância social de esquerda na luta pelas causas sociais de base, que dialoga com os migrantes, os pobres, desvalidos e excluídos socialmente. Percebeu que uma vez possuindo em Nova Hartz um pólo desse movimento, era a oportunidade ideal para ingressar na política, primeiramente como filiado, para em seguida se candidatar e também fazer parte da executiva do partido.

Nas salas de aula como professor, as temáticas pedagógicas propostas pelo Saturno, desagradava a Secretaria de Educação do município, que inúmeras vezes era convocado a dar explicações no departamento educacional; também na escola, foi por algumas vezes lavrado ata administrativa, por pautar conteúdos considerados “subversivos” aos jovens adolescentes sem ter a formação política e maturidade para estudar temas de grande relevância do ponto de vista social.

O entrevistado deixou claro que essas perseguições vinham da cultura do município, que o normal era estudar até o Ensino Médio, e na fábrica o fim definitivo e único de trabalho. Sendo assim, a cultura do município desde a emancipação até hoje, visa moldar a cultura das pessoas em torno da lógica industrial, e que fora disso, é sair da “caixa”; se arriscando com grandes chances de fracassos e seu natural retorno às atividades fabris, que muitas pessoas são empregadas no município.

Argumenta que enquanto professor e político, ouvia muitos jovens relatarem suas impressões daquilo tudo, suas perspectivas de vida, seus sonhos, seus projetos. Na média das respostas seus projetos são de fazer o Ensino Médio, tirar carteira de

habilitação, comprar um carro e adquirir um imóvel, formar uma família e fixar-se em Nova Hartz. Seguir a vida, cuja fonte de renda seja em torno das indústrias de calçados, de modo que dentro dessas empresas, existem incentivos justamente para fixar-se ali, na convivência que é sabido as indústrias são renda segura para quem está empregado nelas.

Isso porque, de acordo com o entrevistado, defende, que quando se fala da história de Nova Hartz, a relação com a educação e afirmação de identidade e projeto de vida, o econômico fala mais alto. É perceptível para todos que o salário é muito baixo na média para os que trabalham nas indústrias, inclusive com o teto salarial já estabelecido e acordado com o sindicato, de modo que as prioridades da população hegemônica que ali trabalham são de viver um dia após o outro.

Pouca importância se dá com relação a história do município. As pessoas querem construir a história delas próprias, com os recursos disponíveis, de modo que mesmo que a cidade venha se desenvolvendo, a média salarial é muito abaixo do que realmente mereceria. Uma vez, que o negro, inserido nesse mercado de trabalho divide espaços com todas as pessoas das mais diferentes etnias e o racismo, embora um problema grave, é visto como mais um detalhe de muitas pessoas que são também invisibilizadas.

Ao se referir no padrão do custo de vida ser alto, a vida dos negros no município acaba se tornando pior na questão econômica. De fato, percebe-se a exclusão dessa população e impedimento de ascensão social, pois nas fábricas não se tem ou não se teve iniciativas de oportunizar cargos a fim de emancipar-se ou dar oportunidade de liderança de grupos nas relações de trabalho.

O Saturno relata que existe um culto da etnia alemã, negando a existência de outras culturas, sufocando na invisibilidade expressões da cultura indígena e afrodescendente que habitam em Nova Hartz. Enquanto legislador, afirmou que tentou resgatar a presença dessas culturas na história de Nova Hartz, conforme citada no livro *Raízes de Nova Hartz*⁴⁶ no capítulo Afrodescendente em Nova Hartz e nas Cercanias da Região: Reconhecimentos e Identidade (p. 379)⁴⁷. Este texto contribui na única narrativa específica sobre os negros em Nova Hartz, estando publicado,

⁴⁶ BARROSO, Lúcia Maciel *et al.* **Raízes de Nova Hartz. XXII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha.** Realizada de 23 a 28 de setembro de 2011 em Nova Hartz. Novo Hamburgo - RS. Um Cultural, 2012. Volume 1 e 2.

⁴⁷ Idem.

porém com pouca conotação.

Isso devido a nunca haver interesses em resgatar num plano macro a história dos negros em Nova Hartz. Por isso, o entrevistado saudou a lei que obriga as escolas públicas a abordar a cultura afro como também as indígenas, como forma de obrigatoriedade para resgatar, valorizar e promover a cultura desses povos, assim como também a história desde o continente africano, na relação estreita com a formação e desenvolvimento da história desses povos no Brasil, que diante das diversas fases e etapas da nossa história se possa entender essa população hoje em Nova Hartz, o que eles fizeram para desenvolver a região.

Mas, procurando deixar claro, o Saturno argumentou que é preciso também relativizar como também compreender as marcas de sofrimento que cada negro de cada época sofreu ao longo da história do município. Foi citado a peça exposta no museu, um rifle, utilizado por um militar da região na Guerra do Paraguai (1864 - 1870), em que ele suspeita a opinião que aquela arma foi utilizada por um negro no front, numa das batalhas, e que a ação resultou na sua morte. O museu do município de Nova Hartz, RS herdou a relíquia, mas não fez esse registro, provando que apesar de não haver provas que a arma fora utilizada por um negro, mas que segundo o entrevistado poderia ser, a narrativa dos herdeiros daquela peça, não aponta mais detalhes sobre o uso dessa arma na guerra, de modo que os mitos também fazem parte da história, como muitos exemplos existem, na historiografia, embora que haja um esforço atualmente para combater.

Admitiu na entrevista que não carrega nenhuma mágoa ou tristeza com relação a esses impedimentos de destacar a história e a importância dos negros na formação social e política do município. Reafirma que uma vez a sociedade, não só de Nova Hartz, como todas, a sociedade capitalista tem impregnado na sua cultura conceitos civilizatórios sólidos, e que a abertura para as diversidades culturais acabam sendo uma ameaça ao *status quo* que se procura manter.

As festas da comunidade, os Kerbs, reuniões dançantes de clubes e centros pastorais, deixam isso muito claro e definido. Segundo o entrevistado é praticamente um louvor à cultura germânica, que para ele, assim como de todos os entrevistados não está errado e não é feio, mas, porém, esconder a participação da diversidade, acaba sendo uma agressão daquilo que ele denomina exclusão histórica, uma coluna do desenvolvimento do município que não se pode negar.

Ele narrou um episódio, bem interessante, quando de uma festa de carnaval,

que na gestão municipal enquanto vereador conseguiu trazer, mas intencionalmente conseguiram tornar o menos visualizado possível. Em fevereiro, no carnaval de 2003, Nova Hartz, pela primeira vez, recebeu uma escola de samba profissional vindo do município de Novo Hamburgo. O desfile que estava marcado para acontecer em torno das 22 horas, para que o maior número de pessoas pudesse acompanhar, foi caracterizado por uma suspeita de sabotagem. No dia, a rua principal, Emílio Jost estava abarrotada de gente, inclusive jovens e crianças. Na medida em que o tempo previsto para o desfile foi atrasado e a própria suspeita de cancelamento, o tão esperado bloco de samba compareceu às 3 horas da madrugada, quando só tinham míseros 20 ou 30 pessoas na espera.

Ele afirmou que o desfile ocorreu normalmente, mas sem a presença maciça da população no horário previsto. Ele encerra a narrativa do episódio, por que e por qual motivo de tanto atraso? E porque justamente às 3 da madrugada, quando nesse horário, é natural a maioria das pessoas estarem dormindo?! De fato, nem ele, nem ninguém conseguiu responder, ou sequer a tentativa de investigação ter uma justificativa plausível sobre o episódio, que acabou no esquecimento, mas ninguém nega que a diversidade passou no centro do município, apesar de poucos testemunharem o acontecido.

O episódio da bandeira da suástica nazista na torre da antiga companhia da CRT (Companhia Riograndense de Telecomunicações). Num domingo pela manhã no ano de 1997, foi visto e noticiado internacionalmente a bandeira com o símbolo nazista na ponta alta da torre. Lembra que foi aberto um inquérito policial para investigar os responsáveis daquele atentado contra a população que viveu na cidade naquele momento, sendo divulgado em reportagem internacional.

O que mais chamou a atenção, lembra Saturno, é que além de não encontrarem os responsáveis por aquilo, o inquérito foi arquivado, e ninguém mais falou publicamente sobre o assunto. Segundo ele, parece que o episódio foi “abafado”, tornando depois desse episódio um assunto tabu, poucos lembram o acontecido.

Diante disso, dá para identificar, sem haver endereço e membros definidos, houve naquela circunstância núcleos neonazista, e ao estudar o conteúdo ideológico dessa bandeira, percebe-se a objetivação de exaltar a raça pura, a germânica e a extinção de tudo que for associado a diversidade, que tem justamente outros caracteres, outras manifestações. Isso ficou evidente naquela exposição, demarcado no alto de quem é que manda em Nova Hartz e seus pensamentos, numa clara

menção que o negro não existe no município.

Essas lembranças, recordações e desabafos são extremamente relevantes, pois nunca se teve uma justificativa e explicação desses episódios. A partir dos relatos que marcam negativamente a imagem do município, se pretende logo esquecer. Esses episódios narrados, estão ligados na intenção de esconder a diversidade, onde a memória não é apagada por pessoas que ao mesmo tempo são excluídas nessas abordagens.

Talvez esses fatos, tenham sido o rebote, ou as consequências, das narrativas oficiais de insistir em não oportunizar as vozes e relatos de pessoas ou grupos que não são da elite dirigente que até então narraram a história do município. Tendo muito mais coisas a revelar, porém sem documentação comprobatória, nas lembranças ou mesmo desabafos por pessoas inseridas nos grupos que constantemente sofrem preconceito.

As argumentações seguem no sentido de combater aquilo que se observa nas expressões racistas na região. As lutas por uma sociedade cidadã em favor da afirmação de direitos, contra a exclusão e o respeito à diversidade não devem ser pautadas pelo medo e insegurança, mas sim na determinação de contribuir para uma cidade, em que as pessoas tenham seus direitos respeitados e preservados. Sabe-se que a exclusão social é sinônimo de vulnerabilidade econômica.

Na história de Nova Hartz, índios e negros tem suas marcas, mas foram excluídos do sistema econômico que lhes negava território, através de uma cultura dominante que impõe a língua, no caso de Nova Hartz como divisor de águas de inclusão e exclusão. Outro fator determinante, que coloca o imigrante alemão acima dos outros grupos étnicos, é a exaltação da cultura germânica em detrimento das outras culturas.

Assim, se consideram donos da cidade, com as escolas e algumas repartições públicas, exaltando as datas das chegadas desses imigrantes, com festejos anuais com escolhas de soberanas, encartes publicitárias, enfeites nas ruas e praças com a bandeira alemã como pano de fundo, confundindo a nacionalidade, ao mesmo tempo, que os que estão no município, embora descendente alemão nasceram no território brasileiro, que de acordo com Freyre (1940) somos povos de várias identidades, uma mistura de etnias e culturas.

No âmbito municipal se perpetua o preconceito e exclusão social com raízes históricas, através de um passado escravocrata. As políticas de igualdade racial e a

diversidade não saíram do papel e muito menos um conceito aplicado atualmente. A educação, se referindo aos espaços escolares, cujo público crianças e adolescentes no município, impõe através da lei federal, estudo da temática afro e indígena, que na realidade, segundo o entrevistado não passa de conjunto memoriais e de reflexão, cujo resultado não passa de registrar, fazer aquilo que a lei maior manda fazer. O racismo, efetivamente contínuo, é velada e estrutural, de modo que as iniciativas para alterar esse estágio estão muito longe de ter resultados efetivos dessa problemática.

Os movimentos sociais, segundo Saturno, são legítimos, mas não vê alcance no município de Nova Hartz por enquanto. Porém enxerga de bons olhos essas iniciativas, uma vez que as mobilizações sociais, cujos exemplos históricos são referências, mudam a política e a história de uma civilização. São movimentos que desempenham denúncias e campanhas de conscientização contra a exclusão racial. Saturno afirmou que já participou, mas em âmbito regional, no Fórum Social Mundial em Porto Alegre na década de 1990, e nas passeatas e campanhas sindicais de lutas e protestos de melhoria do trabalho dos professores e funcionários das escolas do Estado do Rio Grande do Sul.

Para o último participante a ser entrevistado e analisado do ponto de vista geral, Saturno indicou para esta entrevista uma mulher afrodescendente, com perfil já conhecido por ele de pouca instrução, já compreendendo a lógica da pesquisa. Ela terá como referência de codinome Netuno. Na tabela dos dados coletados dos Afrodescendentes, esta se encontra na coluna 3.

A entrevista foi realizada na sua casa num bairro bem afastado do centro da cidade. Ela veio de Parobé morar em Nova Hartz em 1990, quando o município já fora emancipado. Interessante observar, assim como das demais entrevistas com pessoas de nível econômico mais baixo, a total indiferença quanto a história da cidade, tão pouco a preocupação de citar terceiros, pessoas que compõem o processo de formação política e econômica do município, se restringindo em abordar sua história familiar e as dificuldades de adaptação e aquisição de residência e de superação quanto a participação enquanto trabalhadora no mercado de trabalho, que neste caso se restringiu às indústrias que como ela confirmou juntamente com outros entrevistados que é o motor do desenvolvimento do município, verificado através do aumento populacional acentuado e das melhorias da qualidade de vida através de construções e aquisição de patrimônio essencial como casa e automóvel.

Esta entrevistada demonstrou uma grande preocupação com a família, sendo

que a maior justificativa de se instalar definitivamente no município estava na razão que seus familiares estavam adaptados, na constituição de famílias e redes de parentescos, que inviabiliza deslocamento, uma vez que os empregos estavam garantidos, sendo que o fator preconceito e exclusão social, segundo Netuno não seria muito diferente como sempre foi em Nova Hartz.

Por ser proveniente de família muito pobre, não teve oportunidade de estudar, afirmando ser semi analfabeta. Com isso, praticamente o impediu de participar de movimentos sociais, ao menos de discussão ou reclamação contra a exclusão e o preconceito. Confirma que embora não tenha assistido um preconceito explícito, sentiu e sente através de olhares e observações por parte de pessoas imigrantes de pele brancas desconfianças e também - eis aí uma informação nova - a pouca preocupação de dar atenção ou ao menos emprestar a amizade para ela, uma vez que a comunidade, de pessoas que vem de fora, tende a ser receptivo, com relações afetivas numa cumplicidade solidária diante do novo e da opressão nas fábricas enquanto operárias e respectivamente de ganhos de salários baixos.

O que chama a atenção, é a estreita relação do preconceito com o rótulo econômico e social, como se negro não pudesse consumir produtos mais caros. Ficou evidente no seu relato quando nas lojas os atendentes induzem a oferta e a venda de produtos mais em conta, como se essa pessoa não tivesse condições de consumir produtos mais caros. A narrativa revelou uma forte mágoa, pois evidencia diminuição da pessoa humana sob a condição da cor.

A explicação de quanto é complexo essa questão, é que os relatos se repetem em praticamente todos os entrevistados. Apesar da abolição da escravidão no final da monarquia brasileira há mais de 135 anos, a mentalidade discriminatória e social ainda permanece. As leis penais quanto ao racismo e programas afirmativos não foram suficientes para abolir o preconceito racial. Embora que se verifique, reconhecidos pelos próprios entrevistados que disseram que seus antepassados eram piores que os preconceitos atuais, ela ainda hoje continua, e para os entrevistados machuca muito.

Diante disso, a entrevistada Netuno, só tem como vontade, a conversa, a tentativa através de argumentos que as pessoas são todas iguais, e que é endossado o fato de que somos todos uma mistura de etnias, que ao longo da história foi-se assimilando. Está evidenciado, através da fala dela, que a resistência através de violência, não necessariamente físico, mas verbal, piora ainda mais o quadro

problemático, já que ela sente que é exatamente o que quer quem aplica o preconceito, sendo até involuntário muitas vezes, como forma de se auto afirmar em cima das pessoas de cor, que são vítimas de preconceito.

Através deste ponto de vista, sente medo de perseguição. Pois, o ódio sempre pode ser maior, na medida em que ela é alimentado, mesmo que venha da resposta de quem sofreu o preconceito. Perseguição no sentido social, de impedimento total de qualquer oportunidade de trabalho e crescimento profissional, não só dela, principalmente para seus filhos, netos e parentes que moram e estão instalados em Nova Hartz.

Ela encerra a entrevista afirmando aquilo que praticamente todos afirmaram, que por Nova Hartz, ser de colonização alemã e ao mesmo tempo coordenadores de todo o rearranjo cultural, manifestada nos eventos públicos, hino municipal e senso comum, não se vê negros trabalhando em locais públicos, com uma maior representatividade, tanto do ponto de vista profissional quanto cultural. Se tem, são raros, que tiveram que se superar as maiores adversidades possíveis para estar onde estão, porém mediante a comprovação em concurso público, já que a maioria, que segundo ela pra não dizer todos não obtiveram oportunidade de estudar, especialmente nos tempos em que Nova Hartz, passava por um processo de emancipação e de afirmação econômica até a consolidação das indústrias calçadistas, em que os negros foram os principais trabalhadores no que se refere a adoção de mão de obra pesada, com o menor reconhecimento salarial possível.

A luta social, para a última entrevistada deve continuar existindo. Embora não exista uma organização de classe de campanha anti-racial e jamais ter participado de alguma, afirma que dentro desses grupos não há consenso quanto às campanhas de lutas e reivindicações de direitos. As escolas têm um papel essencial nisso, como único espaço coletivo verificado, onde crianças e adolescentes frequentam e são férteis a partir das mentalidades deles, que a causa pode começar a ser resolvida. A questão da igualdade de direitos foram itens muito abordados, porém não é só isso.

É preciso haver reconhecimento social, e afirmação identitária com produções de talentos e expressão que poderiam ocorrer na esfera cultural no município. Segundo ela, é um trabalho de “formiguinha” que no engajamento coletivo pode-se conseguir bons resultados, procurando estabelecer igualdade de oportunidades e também oportunidade de expressão da sua história e cultura, que contém um amplo repertório, desde danças, músicas, culinária e essencialmente na contribuição da

narrativa da história do município de Nova Hartz, como uma maneira de equiparar as versões que até então obedecia apenas ao lado dos imigrantes de origem alemã.

Destas 6 pessoas, 3 homens e 3 mulheres na pesquisa através da metodologia “Bola de Neve”, percebe-se o quão complexo são as ideias, pensamentos e memória frente ao município e as suas próprias. Preocupação maior em falar em primeira pessoa. Não se observou vontade ou ânimo de falar de história. Apenas 1 pessoa, o Saturno, por dever de ofício leu, pois como professor e participante da obra, também percebeu carência da versão afro na descrição histórica do município.

Palavras como discriminação, racismo e exclusão social foram os mais abordados. Na medida da precaução de não fazer um contraponto agressivo dos agentes do poder, pelo fato de entenderem que a contradição pode ser produzida com a verdade, equilíbrio e reforço da memória com contribuição histórica.

6 CONCLUSÃO

Através deste estudo, tanto da pesquisa de identidade de gênero LGBTQIA + e étnico racial na história do município de Nova Hartz, narrado por eles, pode-se reforçar as evidências amostrais que o preconceito e o racismo se faz presente na nossa sociedade. Sob a luz dessas questões que se manifestam num viés espacial, temos um grupo que, embora heterogêneo, se manifesta ou que tenta manifestar suas identidades em meio a essa exclusão, levando-nos a refletir sobre suas práticas e performances nos diversos espaços, tendo a memória coletiva como um dos agentes capazes de explicar tais comportamentos ou mesmo defini-los. Grupos interseccionais, que possuem situações delicadas quanto ao preconceito e exclusão social.

Embora com abordagens diferentes, convergem quanto aos impedimentos das suas manifestações, suas vozes, suas vivências, num município, importante no desenvolvimento da região do Vale do Rio dos Sinos. Porém percebeu-se maior informação nas coletas dos dados por parte da comunidade LGBTQIA +, revelando uma mágoa maior, e mais relatos de violência e ódio do que em relação ao grupo Afrodescendente.

As vivências plena da identidade associada a sexualidades dissidentes podem fazer com que o mesmo sofra discriminação, gerando sua exclusão perante algum grupo ou mesmo em relação à sociedade em geral. Tal exclusão pode ocorrer quando uma dessas identidades interfere em outros papéis que essa pessoa representa (questão de territorialidade). Nesse sentido, insegurança ou para se preservar, uma pessoa pode ocultar, ou simplesmente não revelar uma identidade para poder exercer certos papéis sociais ou para poder participar de determinado grupo.

Nesse sentido, devido a um modelo de sociedade cisgênera, binária e heteronormativa que se perpetua ao longo das gerações, é comum que sujeitos LGBTQIA + sofram exclusão, ou mesmo sejam submetidos a constrangimentos ao exporem sua identidade em determinados locais ou grupos, chegando até mesmo a sofrerem agressões verbais ou físicas, chegando até mesmo ao assassinato desses sujeitos, como evidenciado frequentemente pela mídia e comunicação.

Tais fatos demonstraram como a exposição dessas identidades podem interferir na vida dos indivíduos, impossibilitando-os muitas vezes de exercerem outras identidades ou papéis sociais.

Também nesse sentido, assiste-se nos últimos anos se multiplicando no espaço urbano territorialidades homoafetivas ou, em outras palavras, espaços de sociabilidade homoafetivos. Espaços esses que podem ser caracterizados como expressões territoriais de identidades já que neles os sujeitos conseguem impor uma relação de poder refletida, através de seus símbolos, na compreensão “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas” (Hall; Woodward, 2000, p. 8). Com isso, através do encontro com seus semelhantes, sofrem menores riscos de discriminações e agressões por parte da sociedade dominante.

Observa-se alguns símbolos e representações encontrados no espaço municipal de Nova Hartz, é possível perceber que a constituição reafirma o padrão heteronormativo, de modo que não permitam manifestações que subverte essa ordem, na dificuldade e afirmação de espaços sociais homoafetivos nesse contexto. Percebeu-se que essa ordem binarista é subvertida nos eventos carnavalescos, porém temporariamente.

Assim, percebeu-se claramente a predominância da ordem heteronormativa binária através dos sinais nos espaços como as divisões dos banheiros de acordo com o sexo, ou homem ou mulher. Embora, tenham-se movimentados ações inclusivas para garantir a igualdade de gênero, como a criação de espaços exclusivos, cabe refletir sobre a ideia de democratização do espaço urbano, que deve incluir gênero, diversidade sexual e demais manifestações.

A reflexão diante das exclusões territoriais, inicialmente no espaço urbano, como uma lógica comum que deve existir a lógica heteronormativa, como “natural”, que por sua vez, deve-se punir com violência àqueles que fogem e essa norma. Existe nesse aspecto uma relação de poder, de uma forma ampla, a partir do espaço ocupado, modificado territorialmente, pois quem realmente a modifica e a define, são as pessoas (Raffestin, 1993. p. 143).

Dentre pontos de vista legal, temos a legalização da União Civil entre pessoas do mesmo sexo e a criminalização da homofobia. O direito ao acesso à informação (de informar, se informar e ser informado) está garantido pela Constituição Federal de 1988. Porém essa garantia dos direitos é falha quando seu acesso é dificultado às pessoas afrodescendentes e LGBTQIA +. Dessa forma, necessita-se problematizar essa situação, através de campanhas de acesso à informação e principalmente oportunizar registros de memórias de pessoas e grupos de pessoas ou grupos sociais

que vivem excluídos socialmente. Com esse exercício, Starobinski (2011) afirma que essa dinâmica molda as próprias vivências desses grupos.

Essa pesquisa, através da construção e registros de memórias de vidas LGBTQIA + e afro-brasileiras buscou e garantiu sua historicidade, contrapondo a pouca, quase nula visibilidade nas referências bibliográficas que tratam da história do município. Essa tarefa promoveu a ideia de pertencimento, de protagonismo ao meio que se insere.

É pleno exercício democrático inserir os registros memoriais desses grupos, uma vez, que embora subjetiva, e jamais esgotando o assunto, permitindo a continuação futura desse estudo através desta temática, os tempos, as tendências moldam uma atualização ou mesmo também na colaboração das narrativas sobre a região inserida o município de Nova Hartz.

Nova Hartz, ao se inserir no espaço regional específico motivado especialmente pela imigração alemã, confere uma história própria, porém com as diversidades que compõem essa região, com um vasto repertório de referências, endossadas com as narrativas dos grupos estudados.

Os textos da historiografia brasileira tradicional do século XX, que trata da história do Negro no Brasil e da escravidão brasileira, já desde aquela época procurou via instituição governamental e iniciativa particular econômica, ocultar a rebeldia e a resistência dos negros contra a escravidão e também da exclusão social. Isso é evidente, devido a escassez ou ausência de documentos sobre os negros escritos por eles próprios. Nesse sentido, esse estudo memorial no município de Nova Hartz, reforça essa visibilidade, numa carência muito grande dos relatos por parte dos negros.

Ao registrar as memórias de violências físicas dos participantes, existem sentidos pejorativos na época da escola, quando adolescentes e jovens nas suas respectivas formações psicológicas e morais, através da normatização dos preconceitos frente a homossexualidade. Além do mais o sistema, no caso, do ensino oculta ou mesmo nega o problema, mesmo que as diferenças visíveis, que em vez da escola acolher, quase sempre ajuda a excluir ainda mais com essa questão dessas violências narradas pelos entrevistados, que relataram terem sofrido *bullying*, tanto na questão de gênero quanto a cor da pele.

Percebe-se, como salienta Junqueira (2013), a partir dos parâmetros da sistematização através da normatização da heteronormatividade, as diferenças de

gênero colocam na condição da sua invisibilidade, uma vez que eles não são ouvidos, e também excluídos efetivamente na convivência do dia a dia na escola, pois os argumentos, dos entrevistados não se limita aos colegas de turma, mas sim de toda a comunidade escolar, estendendo pais, mestres, corpo diretivo e até administração pública mantenedora da instituição escolar.

Junqueira (2013) confirma que a escola atua na conservação e promoção da heteronormatividade, colocando as diferenças de gênero no “armário”, conduzindo o silenciamento dessas pessoas como também a anormalidade. Isso também é uma maneira de invisibilizar e censurar experimentações e manifestações de vidas de pessoas sexualmente não compatíveis com a heteronormatividade. Essas memórias ficaram evidentes nos ambientes escolares, que por sua vez poderiam promover a transformação desse comportamento.

Com os dados coletados e as devidas análises pontuais e conclusivas da pesquisa como um todo, as violências citadas de não agressão física, causou traumas emocionais, psicológicos sem precedentes, que provavelmente reprimiu qualquer tipo de iniciativa voltado a promover campanhas e manifestações sociais via grupo social para fins de reivindicação. A invisibilidade, sendo um problema, se agravou ainda mais com os danos emocionais, e as posturas reprimidas ficaram bem evidentes.

As consequências notadas pelas entrevistas, foram abalos mentais, ansiedade e sentimento de exclusão, através do isolamento social, sem apoio emocional, das pessoas que deveriam dar esse suporte, que seria a família. A homofobia dentro da própria família, é um desafio doloroso para essas pessoas, que tiveram que formar uma rede de apoio de socialização que compartilhassem ideias e desafios em comum. Tanto de âmbito social, mais amplo, as redes de amizades, que se percebeu que é a reformulação de uma família alternativa, a fim de compartilhar vivências e propor projetos da própria vida através da sua própria aceitação e mais adiante de conscientização social, sendo ainda distante, considerando Nova Hartz, um município pequeno, e que tais pautas são fortemente tabus, comparados a outros centros, principalmente municípios maiores.

De todos os relatos, não se teve apoio inicial irrestrito. Tanto de um grupo quanto de outro, houve num primeiro momento resistências, sendo que com exceção das duas primeiras entrevistadas, os demais, se encontravam com famílias dissolvidas pela separação dos pais. Mesmo assim, a aceitação maior se deu num primeiro momento por parte da mãe. Já com o pai, num primeiro momento negação e somente

depois de muito tempo, uma limitada reaproximação, mas sem aceitação total.

O “rótulo” de sujeito errado, foram as primeiras contradições que os entrevistados sentiram quando da percepção de que estavam num corpo considerado errado. Tornou-se tortura e sofrimento resistir a isso, uma vez que a naturalidade dos seus corpos não combinava com o desejado pelos pais, familiares e a sociedade em geral. A partir de quando se percebeu que é normal ser diferente e a consequente iniciativa corajosa de assumir sua condição verdadeira, os embates e o preconceito vieram à tona. Somente o tempo e a resistência, possibilitaram uma parcial superação desses preconceitos, de modo que o tempo, a formação profissional, a educação, e a afirmação social, permitiram aceitação e o respeito.

Esses aspectos apontados acima dimensionam o quanto é difícil desenvolver programas e políticas de equiparação e de inclusão, na perspectiva de abolir o preconceito. Ficou a afirmação por parte da maioria dos entrevistados que o caminho é a educação nas escolas, como agentes de “plantar” uma cultura, para futuramente colher resultados, que de qualquer forma melhoram essa problemática do preconceito e da exclusão.

O preconceito vivido reflete muito na família. A “vergonha” social quando a família produz efeitos quando a sociedade lhe olha com desprezo. Todo relato realizado, em meio às relações sociais a partir do indivíduo, traz sentido a partir das informações das suas histórias de vida. Borillo (2013), às expressões de desprezo se identifica nas piadinhas, com sentimento de exterminar do grupo o diferente. Bento (2011) corrobora essa ideias excludentes, em que o preconceito é exercido como forma de impor práticas corretivas em um corpo que precisa se normalizar ou anunciar a sua derradeira morte no sentido social.

As diferenças expressas na sexualidade, importa repensar situações pedagógicas, na perspectiva de reconstruir discursos, espaços e rotinas, com a compreensão de que preconceito jamais pode ser entendido como normal. Essa mudança se inicia no ambiente escolar, no cruzamento de diferentes esferas sociais, combatendo, reprimindo práticas preconceituosas, como o combate à homofobia e ao racismo. Tanto a homofobia quanto o racismo se interseccionam, naquilo que é vivido e percebido por essas pessoas.

Citando e corroborando com a ideia de Junqueira (2009, p. 36), “[...] construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças,

representações e práticas associadas aos preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina e homofóbicas”. O maior medo que os dirigentes têm, é o medo de perdê-lo. As pautas étnico e de gênero, sempre vem para desconstruir a ordem estabelecida, e a ameaça disso, autoriza essa elite a sufocar esses grupos ao não dar voz e visibilidade.

O projeto seria realizar um conjunto pedagógico educacional que não permitisse o silenciamento dessas pessoas. A ideia de promover a liberdade de expressão, do direito de ser aceito como diferente e viver com os outros diferentes, como forma de compreender que como sociedade necessita acolher o padrão de cidadania, em que as diferenças são normais e sempre existiu. De forma que essas diferenças não diminuem em nada, daquilo que é considerado normal.

Conclui-se que a sexualidade e a identidade étnica é um tema amplo e complexo que soma-se à subjetividade das pessoas e da sociedade em geral. Enquanto cientista e estudantes, deve-se trabalhar em prol de saberes científicos pouco proliferados e ensinado nas escolas e na comunicação em geral. Desse modo, desenvolve-se saberes somados e conjuntos, através do entendimento histórico, da equidade, da ética, da pluralidade de construção do ser. Isso produzirá visibilidade, protagonismos que com projetos sociais e de oficinas informais e formativos provavelmente transformará a sociedade.

Entre as reivindicações no atual cenário político, a busca por visibilidade passa a ser compreendida como um dos elementos fundamentais para a conquista da cidadania. Os grupos militantes passam a defender que os direitos políticos, sociais e civis só se tornam legítimos socialmente para os cidadãos quando são perpassados pelo direito à comunicação, sobretudo na nossa sociedade na qual através das mídias que se torna possível promover o eco social. Como direito civil através da comunicação, há a liberdade de expressão, direitos políticos, direitos sociais, com direitos a demandar políticas públicas a fim de atender as reivindicações e se auto afirmar como sujeito ou grupo social, como também promover espaços de diálogos e inclusão.

Ao verificar os empecilhos existentes para a plena democracia no Brasil. Freire (1993) identificou que no Brasil, desde a colonização existe a tendência de um grupo sufocar e limitar outros grupos, especialmente as mulheres, os LGBTQIA + e os afrodescendentes. A crença e a convicção de que a comunicação tem um papel transformador na promoção da justiça social, coloca em evidência as escolas e a

mídia, através de campanhas, conscientização e patrulhamento quanto a manifestação de ódio e violência.

No campo das lutas se dá em movimentos, contradições, instabilidades, retrocessos e avanços, com rupturas e continuidades, conservadores e progressistas. No dia 13 de maio de 2019, o Supremo Tribunal Federal por um placar de 8 votos a 3, afirmou que a homofobia passa a ser punida pela lei do Racismo (7716/89), que atualmente prevê crimes de discriminação ou preconceito por “raça, cor, etnia, religião e procedência nacional (xenofobia).

No Brasil, a partir da década de 1980, presenciamos um aumento da visibilidade e publicização na luta pelos direitos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais) no Brasil. A força política desses movimentos se manifesta em eventos comemorativos, como são os casos das “paradas” em avenidas, mobilizando milhares de pessoas como uma das mais fortes manifestações de massa do Brasil (Brasil, 2004).

Assim, partindo do conceito ampliado de saúde, torna-se mais acessível compreender como o preconceito contra pessoas LGBTQIA + influência na exclusão em relação aos direitos de cidadania à saúde.

A esse respeito, a Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que as pessoas LGBTQIA + sofrem discriminação nas mais variadas situações cotidianas, no trabalho, nas instituições de ensino, no acesso aos serviços de saúde, nos diversos espaços públicos e privados, tal como em seu meio familiar. Essas pessoas sofrem com a discriminação oficial, quando suas especificidades são desconsideradas ou inviabilizadas nas leis existentes, e com a discriminação não oficial, quando suas especificidades são desconsideradas ou inviabilizadas por leis existentes, e com a discriminação não oficial, na forma de estigma oficial ou de inviabilização de sua singularidade como não heterossexuais (ONU, 2021).

Diante desse cenário, as pessoas LGBTQIA + se reúnem e criam associações para lutar por seus direitos. Dessa forma, por meio dos movimentos sociais organizados, promove-se o debate sobre diversidade sexual e de gênero, aumentando a visibilidade das pessoas LGBTQIA + e evidenciando suas demandas e reivindicações decorrentes de suas particularidades expressas por suas orientações sexuais e identidades de gênero.

Realizaram-se 6 entrevistas de pessoas LGBTQIA + no município de Nova Hartz, por serem informantes residentes do próprio município sobre as suas memórias

e suas vidas e da formação política e social de Nova Hartz. Usou-se um roteiro semiestruturado para as entrevistas. Antes da coleta dos dados, o projeto foi examinado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, cujos nomes não são citados para garantia do anonimato dos participantes da pesquisa.

Desde logo, para melhor compreender a invisibilidade LGBTQIA +, ficou recomendável avaliar acerca do corpo , compreendendo que este não deve ser tomado pelo campo fechado do biológico em um sistema de fronteiras finitas entre a anatomia e a fisiologia, mas como um corpo que existe, como diz Butler (2015, p. 85), em um tempo e espaço que não cabe a ele controlar, e que “não apenas existe no vetor dessas relações, mas também é o próprio vetor”. Nesse sentido, a autora afirma que o corpo é onde se encontram as variadas perspectivas, nossas ou não, de como sou apreendido e mantido, dependendo das redes sociais e políticas de como a pessoa é considerada e tratada e de como isso possibilita a vida ser vivível ou não.

Quando a autora menciona a expressão “vida vivível”, ela argumenta que algumas vidas - não todas - são consideradas “vidas humanas que são dignas de proteção, amparo, subsistência e luto” (Butler, 2015, p. 85). Retornando ao contexto deste estudo, surgem reflexões pertinentes: será que a sociedade percebe a vida de todas as lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e travestis como vidas “vivíveis”? Será que esses corpos são considerados dignos de cuidados com a saúde?

Ao falarmos sobre a invisibilidade das identidades de gênero, está-se referindo a um público que tem suas demandas ocultadas, encobertas e ignoradas. Isso pode ser percebido, por exemplo, no relato de ausência de atendimentos de saúde e psicológico, especialmente no município em estudo, que contenham uma atenção específica a essa população e ainda na dificuldade que elas encontram para acessar os serviços de saúde.

O texto da PNSILGBT (Política Nacional de Política Integral aos LGBT) localiza seu embasamento teórico jurídico conforme os princípios assegurados na Constituição Federal de 1998, que garantem a cidadania e a dignidade da pessoa humana, reforçados no objetivo fundamental da República Federativa do Brasil de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1998, art. 3º, inc. IV).

A existência de uma sexualidade heterossexual compulsória foi identificada como um problema significativo no contexto de atendimento às pessoas LGBTQIA +. Este fenômeno, baseado na crença de que a heterossexualidade é a única orientação

sexual válida e normativa, influencia diretamente as interações entre profissionais de saúde e pacientes LGBTQIA +.

Os dados disponíveis para o Brasil são muito escassos em relação à saúde e homossexualidade feminina, de tal forma que pouco se conhece sobre as demandas e riscos específicos para essas mulheres, pois os estudos se concentram em mulheres brancas e com maior escolaridade (Barbosa; Koyama, 2008).

Nesse ponto, Facchini e Barbosa (2006) ressaltam que, entre as mulheres de camadas mais populares, as que nunca tiveram sexo com homens ou que possuem uma aparência mais maculinizada encontram maiores dificuldades para acessar os serviços ginecológicos quando comparada com as demais que pertencem à mesma classe socioeconômica.

Em 2007, o Ministério da Saúde publicou o Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e das DST entre Gays, HSH e Travesti (Brasil, 2007). Além de estabelecer objetivos, metas e atividades para combater essas infecções, o plano destaca o preconceito e o estigma como agravantes que contribuem para a invisibilidade e a clandestinidade desses grupos.

É importante ressaltar que os serviços de saúde devem ser locais estratégicos para o acolhimento da população LGBTQIA +, e as equipes de saúde devem realizar um atendimento humanizado considerando os marcadores de gênero, raça e cor, etnia e orientação sexual (Pinto *et al.*, 2008). Para Albuquerque *et al.* (2016), é necessário garantir que existam profissionais formados e desprovidos de atitudes discriminatórias mediante medidas importantes como: introdução desse tema nos currículos de graduação dos profissionais da saúde; realização de treinamentos com profissionais já atuantes; monitoramento da implementação de leis que abordam a homofobia social; e desenvolvimento de estratégias de empoderamento da população LGBTQIA +, para que seja possível atuar na busca incessante de seus direitos, tornando-se visíveis como sujeitos de sua própria história.

Os relatos, também evidenciaram queixas e despreparo dos profissionais de saúde deve ser analisado considerando a invisibilidade histórica imposta pela sociedade heteronormativa às pessoas LGBTQIA +. A exclusão social assume uma dimensão de negação, na qual aqueles que não se encaixam no padrão heterossexual binário são apagados e ignorados. Essa formação inadequada não é neutra, nem apenas resultado de displicência por parte das instituições formadoras e dos profissionais da educação. Tal despreparo é politicamente orientado para manter a

ordem repressora existente pelo poder, pela influência econômica, pela supressão da voz dos oprimidos, pela questão de gênero ou pela orientação sexual.

A população LGBTQIA + e Afrodescendentes vem conquistando espaços e está cada vez mais visível. Alguns direitos e demandas específicas já se tornaram realidade e estão se expandindo cada vez mais. Através desse estudo, percebe-se a necessidade de continuar pesquisando e propondo discussões acerca do preconceito e discriminação, uma vez que a pesquisa revelou que essas posturas nociva retrocede a vida humana e prejudica a sociedade como um todo. A partir dos momentos que construir uma sociedade inclusiva, ciente dos direitos humanos, no direito de escolha e respeito a elas, possamos acreditar num futuro melhor. Consequentemente entende-se que a pesquisa revelou na essência através das coletas dos dados e nas referências científicas dessa temática a face do preconceito e da discriminação uma história de Nova Hartz pouco narrada.

Desinteresse, desmotivação. O certo é que nenhum dos entrevistados foram partícipes da emancipação e tão pouco de pronunciamento acerca da memória da história do município. Exceção de uma pessoa, que a sua oportunidade de legislador e professor do município citou brevemente. No mais, nada de consulta.

Pensa-se que esta pesquisa não se esgota nessas abordagens. Embora limitada, foi intensamente revisitada abordagens carente na região. Nova Hartz, inserido numa região, que constantemente propõe desenvolvimento e evolução. Essa é a missão efetiva, uma vez que oportuniza-se uma produção historiográfica com pesquisa metodológica e científica, para contribuir para a própria história memorial do município e no desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Grayce A. *et al.* Acces to health services by lesbian, gay, bisexual, and transgender persons: systematic literature review. **BMC International Health and Human Rights**, v. 16, jan. 2016. Acesso em: 30 jan. 2025.
- ALVES, C.A. O uso de narrativas biográficas em investigação: Quais valores, posturas e métodos adotar? **Revista Portuguesa de Educação**, v. 33, n.2, p: 279-294, 2020.
- ANDERSON, Jeanine. **Documento presentado en la Reunión de Expertos sobre Pobreza y Género CEPAL – OIT**. Santiago de Chile, 12 – 13 de agosto de 2003. Disponível em: <https://www.mujeresenred.net/spip.php?article2271>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- ARNT, F. V. **Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2000.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). **131 pessoas trans foram assassinadas em 2022 no Brasil, aponta dossiê**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/131-pessoas-trans-perderam-a-vida-em-2022-no-brasil-aponta-dossie>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- AUGUSTIN, Mário Valdir. **Emancipação de Nova Hartz**. São Leopoldo: Unisinos, 1991.
- B.2.1. **INVITE-Biographicalcounseling inrehabilitation vocational training-further education curriculum**. 2007.
- BARBOSA, Regina Maria; KOYAMA, Mitti Ayako Hara. Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, p. 21-33, 2008.
- BARBOSA, RM; FACCHINI, R. **Mulheres, cuidados à saúde, gênero e diversidade sexual**. São Paulo; 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARROSO, Lúcia Maciel *et al.* **Raízes de Nova Hartz. XXII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha**. Realizada de 23 a 28 de setembro de 2011 em Nova Hartz. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012.
- BAYLIN, Bernard. **As origens ideológicas da Revolução americana**. Bauru: Edusc, 2003.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos**

Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549 - 559, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República,. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Revista de Saúde Pública**, v. 42. n. 3, 2007.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

BUTLER, Judith. Judith Butler. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Minas Gerais: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio, 2018.

CHRYSTOSTOMO, Maria Isabel de Jesus. **Cidades e Periferias**: de lugares de problemas a espaços de potencialidades: um estudo sobre as formas sociais das paisagens periféricas. Viçosa, 2018. Disponível em: https://www.posgeografia.ufv.br/wp-content/uploads/2018/12/Projeto2_Isabel.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023.

COLEMAN, J. S.. **Snowball sampling**: Problems and techniques of chain referral sampling. Human Organization. 1958.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Aurélio século XXI**: dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

DILLINGER, Mike; PALÁCIO, Adair. Lingüística gerativa: Desenvolvimento e Perspectivas uma Entrevista com Noam Chomsky. **Delta**: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 13, p. 199-235, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/xqLdcFHTkzfvy8kBwB4Rq6v/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade do século XVI**. Companhia das Letras. Porto Alegre, 1977.

FEY, Ademar Felipe. **Imigração Alemã no Brasil - Navios e Passageiros. Anos 1828 a 1830**. 5. ed. Rio de Janeiro: EAFF, 2024.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

FLORES, Agnes Hübner. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est Publicações, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Uma cultura ameaçada: a Luso-Brasileira**. Rio de Janeiro: É Realidades, 1940.

GOODMAN, L. A. Snowball sampling. **The Annals of Mathematical Statistics**, v. 32, 1961.

GRENDI, Edoardo. Microanálisi e stória sociale. **Quaderni Storici**, v. 12, n. 35, 1977.

HAESBAERT, Rogério. Ordenamento Territorial. *IN*: GRIEBLER, Marcos P. D.; RIEDL, Mário. **Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas correlatos**. Porto Alegre: Conceito, 2017.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HARARI, Yuval Noah. **21 Lições para o século 21**. São Paulo. Companhia das Letras, 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História da civilização Brasileira. O processo de emancipação**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **IDH - Índice de Desenvolvimento Humano**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/nova-hartz.html>. Acesso em: 15 nov. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PIB per capita (2020) R\$ 32.102,03**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/nova-hartz/panorama>. Acesso em: 26 nov. 2023.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de Gênero: Conceitos e termos**. 2. ed. Brasília, 2012.

JOVCHELOVICH, S; BAUER MW. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

JUNQUEIRA, Rogério d. A pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista retratos da escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481 - 498, jul./dez. 2013.

JUNQUEIRA, Rogério d. Homofobia nas escolas: um problema de todos. *In*: JUNQUEIRA, Rogério d. **Diversidade sexual na educação: problematização sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD, 2009. p. 13 - 52.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LEVI. Giovanni. **Sobre a micro história**. São Paulo: UNESP, 1991.

LIMA, Jandir Ferreira. **Inclusão Social**. Dicionário de Desenvolvimento Regional e Temas Correlatos. Conceito: Uruguaiiana, 2017.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. *In*: REVEL, Jacques (org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MARTINEAU, Harriet. **Como observar a moral e os costumes**. São Paulo: Vozes, 2024.

MEYRER, Marlise Regina; GEVEHR, Daniel Luciano. **Gênero, identidade étnica e poder**: mulheres na imigração alemã no Rio Grande do Sul. UFP, Universidade de Passo Fundo, 2014.

MOEHLECKE, Sabrina. Ação afirmativa no ensino superior: entre a excelência e a justiça social. **Educ. Soc. Campinas**, v. 25, n 88, Especial, 2004.

MÜLLER, Vânia Beatriz. Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical. **Revista da ABEM**, v. 29, 2021.

NOGUEIRA, Guilherme Dantas. **Olhares Sobre Raça, Etnia e Desigualdades**. nov. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Igualdade de gênero e Assembleia Geral da ONU**: fatos e história a saber. 2021. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/igualdade-de-genero-e-assembleia-geral-da-onu-fatos-e-historia-a-saber/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

PACHÁ, Patrícia; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Entrevista Narrativa como Técnica de Pesquisa. **Synesis**, v. 14, n. 1, p. 157-168, jan/jul 2022.

PHELIPE, Kaio. **Maria Eduarda Aguiar revela barreiras dos direitos LGBTQIAPN+ na Justiça brasileira**. 2024. Disponível em: <https://midianinja.org/maria-eduarda-aguiar-revela-barreiras-dos-direitos-lgbtqiapn-na-justica-brasileira>. Acesso em: 14 nov. 2024.

PINTO, A. R., et al. Efeitos de perda de reforçadores sobre o seguir regras em participantes fl exíveis e infl exíveis. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 4, n. 1, p: 111-125, 2008.

PINTO, Débora Morato. **Consciência e Memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

PRIAMO, Vânia Inês Ávila. **Entre a história e o turismo**: as cidades e seu patrimônio cultural (Nova Hartz- RS). Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2013.

PRIAMO, Vânia Inês Ávila. **Entre a História e o Turismo: As cidades e seu Patrimônio Cultural (Nova Hartz RS)**. Programa de Pós-Graduação em História - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo, 2013.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. França, São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá; ALKMIN, Gabriela.

Diversidade sexual e de Gênero. O Direito pensado por mulheres e pessoas LGBTQIA +. São Paulo: Dialética, 2023.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. A área de Integração Fronteiriça do Rio Grande do Sul e Uruguai. **Revista de Filosofia e Ciências Humanas**, Passo Fundo, ano 12, n. I e II. 1996.

RODRIGUES, Ana *et al.* **O livro da história LGBTQIAPN+.** São Paulo: Globolivros, 2024.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura familiar e industrialização:** pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1999.

SCHUTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews-Part 1 e 2. Module

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato.** Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SPREEN, Marinus. Rase populations, hidden populations and link - tracing designs: What and why? **Bolletín de Methodologie Sociologique.** V. 36, 1992.

STAROBINSKI, Jean. **Jean Jacques Rousseau.** Porto Alegre: Companhia das Letras, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo. Perspectiva, 1979.

VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. **Micro-história, um método em transformação.** São Paulo: Letra e Voz, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTAS LGBTQIA + DE NOVA HARTZ:

Pergunta 1 – Como cidadão do município de Nova Hartz, conte a sua história.

Canela: Sou filho de Mara Carvalho Hagelin(cozinheira) e Jaime Carvalho Hagelin (mecânico automotivo), família luterana cristã, fui criado por minha mãe e minha madrinha. Iniciei os estudos na escola Pastor Wartenberg, dei sequência na escola Elvira Jost onde concluí o Ensino Fundamental e Médio. Comecei a trabalhar na empresa Breyer Bordados, onde exerci a profissão de auxiliar de bordados em cabedais de sapato em máquina operadora. Pedi demissão, comecei a trabalhar na fábrica Ramarim, onde iniciei passando cola na esteira e preparava peças para costura. Sempre fui muito tímido, sofria bastante na fábrica por conta da timidez e também referente a minha sexualidade que estava sendo descoberta. Tinha dificuldade para ir ao banheiro, tomar água e comer diante outras pessoas no ambiente de trabalho. Eu me sentia diferente e tinha medo que descobrissem que sou homossexual, e com isso ser rejeitado pelas pessoas. Nessa época sofria de um problema de saúde, me sentia culpado por ter esse “problema”, associava isso a minha sexualidade (gay), me julgava estar em pecado. Me batizei na Igreja Assembleia de Deus, para buscar na fé a cura para o meu problema. Me tornei religioso, fervoroso, sentia a presença de Deus e suplicava pela minha cura. Compreendi bastante a palavra de Deus, “Bíblia” através de estudo, busca, oração e jejum. Aprendi muitas coisas boas sendo religioso, ensinamentos que colocava em prática no dia a dia, tornando meus dias mais leves. Fiz tratamento do meu “problema” de saúde com sabonetes e pomadas, gastando por muito tempo com farmácia, até que resolvi procurar ajuda médica e ele deu o diagnóstico. Me falou que resolveria meu problema com cirurgia. Fiz a cirurgia e realmente resolvi. Era uma busca por ajuda médica e religiosa. Venci o meu problema. Então me senti um fanático religioso desnecessário e a minha sexualidade continuou a mesma (gay), não foi revertida. Senti a necessidade de me aceitar como sou, na religião respostas para tudo apesar de me trazer muitos benefícios. Melhorando meu problema me senti apto para me relacionar com outra pessoa. Trabalhei também em outras empresas de calçados. Um dia quando fui cortar o cabelo me falaram que me achavam com vocação para trabalhar na área da beleza (cabeleireiro). Disseram que se eu fizesse curso iria surgir vaga para mim. Fui logo atrás, pois era um dos meus sonhos quando criança. Então

aprendi muitas coisas: lavar, escovar, pintar, fazer blindagem, progressiva, tonalizar mechas (cabelos). Trabalhei muitos anos como auxiliar de cabeleireiro em Nova Hartz e Sapiiranga. Nesse tempo conheci um rapaz com que me relacionei e me juntei. Fomos morar em Sapiiranga, mas enfraqueceu o serviço e acabamos voltando para Nova Hartz, onde moro atualmente e trabalho no Via Marte no turno da noite.

Arco Íris: Em 1989, resolvemos abrir um comércio aqui em Nova Hartz, que é a Foto e Imagem, é Foto e Bazar e Imagem. A gente vendia Bazar também, tinha Bazar, trabalhava com fotografia, como era a pouco, e ainda a gente tinha uma máquina, eu tinha uma máquina de costura dentro da salinha de estúdio, uma salinha bem pequena, para eu poder trabalhar e poder me manter, manter o estúdio fotográfico aqui.

Angá: Eu nasci em Palmeiras das Missões e vim para Nova Hartz quando tinha 6 anos de idade, no ano de (não lembrado). Fui criado somente pela minha mãe, meu irmão mais velho, que ficou em Palmeiras das Missões, morando com a minha avó e meus tios. Meu pai não assumiu minha paternidade, quando eu era bebê. Veio a reconhecer quando eu tinha 19 anos de idade, a meu pedido via judicial.

Violeta: Vim à Nova Hartz, à convite do então prefeito há mais ou menos 25 anos atrás. Para assumir como profissional na prefeitura na área do meio ambiente. Como fazia parte do Magistério Estadual, prosseguiu a função como professora da Escola Estadual de Ensino Médio Elvira Jost. Eu e um grupo de amigas, criamos a Anpha (Associação Nova Hartense do Patrimônio Histórico e Ambiental. Essa associação trouxe à Nova Hartz inúmeros palestrantes, entre eles Ernesto Frederico Scheffel. Também a Anpha organizou o Primeiro encontro municipal do Meio Ambiente que aconteceu no auditório da prefeitura; vindo palestrantes das mais diversas áreas, dos órgãos públicos pra debater questões relativas ao Meio Ambiente; urbanismo; água subterrânea e demais questões. A Anpha exerceu seu trabalho sem fins lucrativos, cujo objetivo principal era somar esforços na administração municipal. Porém, independente de questões partidárias/políticas, nunca, os organizadores da Anpha foram levados à sério, pois os objetivos do município quando se refere à questões de desenvolvimento só o que importa é o econômico; e o cidadão em geral pouco fazem para melhorar voltado ao bem comum. Também participei como membro do Conselho Municipal de Nova Hartz por alguns anos. Há dois anos não acontece mais. Fiz um trabalho de Mestrado na área ambiental sobre uma parte do município de Nova Hartz. Procuro atualmente, quando oportunidade, propor demandas ao poder legislativo.

Esteio: Eu nasci e me criei no Bairro Liberdade, em Nova Hartz. Sou o filho mais novo de uma família de 4 irmãos. Minha mãe casou com o meu pai no ano de 1979, e sempre moraram nessa cidade. Eu tenho 24 anos, e sempre morei nessa cidade. Desde pequeno sempre me senti diferente dos demais meninos, devido a meus gostos em relação a comportamentos, e forma de se vestir; manifestava isso através de brincadeiras. Isso tudo conta minha mãe que eu tinha mais comportamento de menina.

Jacarandá: Moro aqui há 17 anos. Como qualquer outra pessoa, até quando fui identificado como mulher trans, achei conveniente passar a minha transição de mudança no corpo e de identidade em Porto Alegre, onde me mudei pra ver se conseguia me desvincular um pouco do preconceito. Acabei me dando essa liberdade até o início da pandemia. Voltei. Participei da escolha da Soberana da cidade de Nova Hartz, por dois anos consecutivos. Não entrei para a corte, sendo hoje uma profissional da Massoterapia.

Pergunta 2 – Você já sofreu algum tipo ou forma de preconceito de gênero em Nova Hartz? Narre o episódio ou episódios.

Canela: Sim. Estava passando na rua e um grupo gritou: “Olha a cara de viadinho dele”. Em outra ocasião, gritaram “viado”. Também ouvi do meu padrasto: “em vez de criar um homem, criou essa coisa”.

Arco Íris: Posso dizer que nunca sofri preconceito diretamente. Talvez as pessoas comentem entre si, mas nunca me disseram algo.

Angá: Acredito que não. Quem convive comigo sabe que sou muito boa, levo indiretas sempre na brincadeira. Já percebi que há preconceito na cidade, mas nunca diretamente comigo.

Violeta: Sim. Apenas uma vez. Em 2019, o Pastor da Igreja Luterana proibiu a mim e à minha parceira de participarmos no altar do batismo da nossa afilhada. Por conta disso, nem comparecemos à cerimônia.

Esteio: Sim, vários. Sinto olhares de julgamento quando estou em locais públicos. Uma vez, uma vendedora me ofereceu roupas afeminadas sem discrição, me senti constrangido.

Jacarandá: Sim. Não tem como escapar em uma sociedade doente, com falta de informação. Já fui rotulada na rua como homem vestido de mulher.

Pergunta 3 – Você se sente ou já sentiu excluído socialmente, em razão da sua orientação sexual, por parte dos agentes políticos do município e dos grupos dirigentes, comércio, indústria, serviços, clubes, entidades, igrejas, etc.? Se for positiva, caracterize.

Canela: Algumas religiões colocam os gays como aberrações, mas a sexualidade não é uma escolha. O preconceito não deveria existir.

Arco Íris: Nunca me senti excluída. Sempre fui bem recebida e nunca ninguém me perguntou nada.

Angá: Não me senti excluído socialmente, mas às vezes não sou ouvido quando expresso minha opinião sobre temas relacionados à sexualidade.

Violeta: A única exclusão foi na Igreja Luterana, como citei. Fora isso, nunca sofri preconceito nos demais grupos.

Esteio: Não. Apenas julgado, mas sei aceitar isso de boa. Minha profissão me coloca em contato com muitas pessoas e é sempre uma troca sadia.

Jacarandá: Sim. Infelizmente, mesmo com bons projetos sociais, quando percebem que sou trans, as pautas são abortadas e as pessoas não se manifestam.

Pergunta 4 – Quais seriam suas principais vontades, com relação à sua participação na vida social e política, na sua atuação cidadã?

Canela: Desejo crescer profissionalmente e como ser humano. O trabalho é uma ferramenta importante para minha atuação cidadã.

Arco Íris: Gostaria muito de ser ouvida nas decisões políticas e sociais de Nova Hartz.

Angá: Minha vontade é ser mais ouvido e levado a sério como profissional da área ambiental.

Violeta: Nunca participei de movimentos, pois não há iniciativas do poder público. Este ano, resolvi me interessar no Miss Universo Trans, que traz visibilidade.

Esteio: Desejo mais empatia e respeito, sem julgamentos. Que a cidade se adapte ao novo e às diversas formas de relacionamento.

Jacarandá: Nunca participei de reivindicações porque não há iniciativa pública para isso. Gostaria que houvesse mais projetos sociais e políticas de inclusão.

Pergunta 5 – De acordo com a resposta anterior, você acredita que sua proposta seria ouvida, analisada e colocada em prática? Por quê?

Canela: Em partes sim, em partes não. Nem sempre nosso ponto de vista é aceito.

Arco Íris: Acredito que não seria ouvida neste momento.

Angá: Talvez sim, talvez não. Mas seria necessário um trabalho em conjunto.

Violeta: Sim. Trabalhei muitos anos na área e tenho experiência.

Esteio: Acredito que não. A cidade é de cultura alemã e as lideranças reproduzem ideias engessadas.

Jacarandá: Não sou ouvida, não prestam atenção, não levam a sério. Fecham as portas para mim.

Pergunta 6 – Você tem alguma mágoa, revolta ou tristeza com relação ao seu município enquanto oportunidades ou não na sua participação em eventos públicos? Exemplifique.

Canela: Não. O município é aberto à comunidade, oferecendo oportunidades.

Arco Íris: Não, não tenho mágoa nem revolta.

Angá: Não tenho mágoa explícita em relação ao município, apenas a uma pessoa com poder político e econômico.

Violeta: Não. Quando quero participar, faço isso como cidadã, livre e desprovida de preconceitos.

Esteio: Não. Raramente participo de eventos públicos para evitar me expor.

Jacarandá: Sim. Sou Miss Nova Hartz, mas nunca fui convidada para eventos oficiais. Sinto muita mágoa por essa falta de respeito e invisibilidade.

Pergunta 7 – Quais seus medos e inseguranças na sua ação cidadã, através da reivindicação de demandas ou denúncia de preconceito ou exclusão social?

Canela: Não tenho medo, mas respeito os limites e procuro participar como cidadão comum.

Arco Íris: Nunca tive medo ou me senti insegura. Sempre me coloquei igual a todos.

Angá: Meu maior medo é me posicionar e ser alvo de perseguição.

Violeta: Não tenho medo. Faço reivindicações principalmente na área ambiental.

Esteio: Meus maiores medos são ser perseguido. A igualdade ainda precisa ser muito trabalhada.

Jacarandá: Não sou ouvida. Fecham as portas para mim. Talvez eu seja a única pessoa trans na cidade e deveria ser respeitada e ouvida.

Pergunta 8 – Quais formas de reação e tratamento por parte das pessoas você percebe quando está acompanhado por um companheiro(a) em locais públicos no município de Nova Hartz/RS? Por gentileza, quais, detalhando-os.

Canela: Procuro não me expor. Sou bem tratado, desde que mantenha discrição.

Arco Íris: Sempre fomos bem tratadas e respeitadas.

Angá: Evito estar acompanhado em Nova Hartz, para evitar olhares maldosos.

Violeta: O tratamento sempre foi de respeito e amizade, o que me faz gostar de viver aqui.

Esteio: Geralmente não saio acompanhado, mas quando estou, a interação no trabalho ajuda a quebrar o gelo.

Jacarandá: Não saio na rua com parceiros. Prefiro sair fora da cidade. Meus relacionamentos acabam sendo dificultados pela distância.

Pergunta 9 - Qual a reação da sua família quando eles descobriram que você é LGBTQ+? Sinta-se à vontade para contar os impactos e como está essa relação entre você e sua.

Canela: A primeira pessoa que contei, foi a minha melhor amiga, depois criei coragem e contei para minha amiga, depois criei coragem e contei para minha mãe: perguntei a ela - “Mãe, você me ama? Ela disse: sim, porque? Eu disse: tenho uma coisa para te contar: gosto de homem (ela ficou surpresa), aí chorei e abracei ela, e ela também me abraçou apertado e disse que me amava. Ela ficou nervosa e triste naquele dia, mas passou. Temos bom relacionamento de mãe e filho, isso não interfere em nada. Meu pai quando soube disse que iria se sumir da cidade, mas não, foi só um impacto que ele teve, por sempre ser muito machista. Me trata bem, temos bom relacionamento o, quando namorei ele me convidou para ir com meu companheiro na casa dele jantar. Sempre nos recebeu bem, e convidava nós para ir visitá-lo, pois é separado de minha mãe. Depois que terminou meu relacionamento o, meu pai ainda perguntava do meu companheiro, quando eu ia sozinho visitá-lo. Ele acabou criando afinidade por ele. De um modo geral, todos meus parentes me tratam bem, ser gay não interfere em nada. Meu último padrasto não gostava de mim, era bem preconceituoso. Me destratava, falava coisas desagradáveis. Aí minha mãe acabou se separando dele. Ele foi uma das poucas pessoas que tem preconceito comigo.

Arco Íris: A reação da minha família foi tranquila, até hoje, sempre me respeitando.

Angá: Bom..., bem complicada. Minha mãe entrou em crise. Mas como o amor sempre vence, ela foi me aceitando aos poucos; claro sempre me punindo por minhas escolhas. Isso é normal, coisas de mãe quando “filho erra”. Tenho minhas tias que num primeiro momento ficaram surpresas, mas depois tudo ficou de boa. Alguns primos e conhecidos se afastaram da nossa casa, mas nada assim de ofensivo. Acho que o tempo necessário de amadurecimento, porque eu fui o “diferente”, não assumi namoro, nem casei, nem tive filhos na idade prevista como os demais. Mas está tudo bem; não sou igual a ninguém, sou um ser único e exclusivo, como penso e digo.

Violeta: Na minha família foi mais fácil pelo lado paterno e mais difícil pelo lado materno. Só os primeiros momentos, mas em seguida houve maior aceitação, devido

ao diálogo e convivência, cujos meus pais falecidos foram aceitando normalmente ao longo do tempo.

Esteio: Bom. Foi muito difícil ser aceito por alguns parentes, tios e primos, houve bastante comentários, piadas, que nossa família não se tinha mais homem de verdade, mas só no início, depois foi se aceitando e agora rimos da situação e de fatos acontecidos no dia a dia com pessoas homossexuais. Meu pai foi bastante rígido e me rejeitou bastante. No início, inclusive, ficamos sem nos falar por mais de dois anos, mas depois nós perdoamos, ele me entendeu minha escolha e ficou tudo bem.

Jacarandá: Eles sempre foram meus apoiadores; mesmo quando não queriam. Nasci numa família que me ama demais. Sou privilegiada, pelo respeito que eles tem por mim do jeito que sou. Foi bem tranquilo, exceção da minha mãe que resistiu um pouco no começo.

Pergunta 10 - Você já ouviu falar de movimentos sociais? Você já participou? Defina a sua opinião sobre essas iniciativas.

Canela: Já ouvi falar em paradas LGBT. Eu nunca participei. Eu acho importante lutar pelos nossos direitos, combater o preconceito. Se manifestar em defesa desta comunidade. Lutar pela igualdade social, tornando o mundo melhor de se viver, que as pessoas possam ser quem desejam ser, e sejam respeitadas em suas diferenças, tenham liberdade de expressão e espaço para participar da vida social. Combater a violência contra homossexuais e LGBTs. Não concordo com exageros, tudo que é demais não é bom. Devem se manifestar pelos seus direitos, mas não precisam extrapolar, escandalizar e desrespeitar as outras pessoas. Andando pelas ruas nus, semi-nus, praticando atos libertinosos diante da comunidade, desrespeitando as imagens religiosas e autoridades. Misturando perversão, libertinagem e falta de respeito pelas pessoas e entidades. Podem fazer passeatas com música, expor as suas opiniões e ideias de melhoria para combater a homofobia, o preconceito e a violência, com respeito, amor e empatia.

Arco Íris: Já ouvi falar em movimentos sociais, mas nunca participei.

Angá: Sim. Estudei e acompanho várias comunidades que tratam sobre o assunto; mas não participei ativamente de nenhuma. Não me sinto preparado para essa exposição aqui na nossa cidade. Quem sabe talvez num futuro, possa amadurecer a ideia e me envolver pra lutar por essa bandeira, mas no momento prefiro

ser apenas um expectador, ficando na plateia conversando, interagindo e aprendendo sem envolvimento pessoal. Mas considero muito bacana e bem interessante a ideia defendida por esses grupos.

Violeta: Os movimentos sociais já foram respondidos, de modo que eu participo, num nível equilibrado, democrático, respeitando os pensamentos diferentes do meu.

Esteio: Ouvi falar e acompanho através das redes sociais algumas comunidades que levantam a bandeira e buscam inserir na sociedade, a forma de como se deve aceitar as diferenças, no caso as escolhas referente a sexualidade. Busca-se muito difundir a conscientização p através de projetos, caminhadas, inclusive já estamos bem avançado em algumas exigências, como por exemplo, já se permite a união estável de pessoas do mesmo sexo, permite-se adotar uma criança. Podemos já sermos respeitados na questão de documentos é opcional identificar-se como homem ou mulher, estamos na luta, e aos poucos vamos conquistando nosso espaço.

Jacarandá: Sim. Participei apenas como voluntária, sem reivindicação política, mas social, através da conscientização o e educação. As iniciativas são sempre importantes, porém percebo muitas resistências quanto a viabilização política disso, devido a sociedade ser preconceituoso a a respeito dessa questão

Pergunta 11 - Sinta-se à vontade para comentar sobre todas as respostas das questões anteriores. Pode-se agregar elementos novos para afirmar e somar o seu ponto de vista, reforçando sua identidade

Canela: Ser gay não é uma escolha, é uma realidade. Não existe um botão perguntando: “você vai querer gostar de homem ou de mulher?”. Simplesmente é a natureza da pessoa que precisa ser aceita, para ser feliz e ter melhor qualidade de vida. Ser gay não torna uma pessoa boa ou má. A sexualidade de uma pessoa não tem a ver com o seu caráter ou índole. Você pode ser quem você quiser, se aceitar, buscar a sua sexualidade e espaço na sociedade. O importante é ser sempre muito feliz, sendo você mesmo, sem prejudicar nenhuma pessoa.

Arco Íris: Sem resposta.

Angá: Gostaria de expor uma ideia que se trabalha muito, é questão do respeito ao diferente; afinal, a questão sexual é algo que acontece na intimidade e sempre foi

tema de tabu nas escolas antigamente pouco ou raramente se orientava sobre isso, tanto que era considerado um negócio feio tratar sobre a evolução da vida através da relação sexual. Os bebês vinham ao mundo através da cegonha que é um mito. Já os que tinham maior poder aquisitivo, usavam o seu poder financeiro para dominar, e cercar de mulheres, as famosas amantes. Isso também sempre foi um problema social não exposto, sempre meio mascarado. A questão das crianças, filhas de mães ou pais solteiros eram vistas como coitadinhas e aí vai; as pessoas que não tinham relacionamento fixo, casada, o status social eram vistas como pecadoras, vagabundas, principalmente as mulheres como “putas”, e por assim seguem outros questionamentos, e outras visões da sociedade.

Violeta: Reforço que vim de uma cidade maior para Nova Hartz, para procurar uma vida mais simples de viver com pessoas tranquilas, num ambiente saudável, além da riqueza natural (ainda), de modo que mudou negativamente nos últimos anos. Me sinto bem aqui, e se tiver que sair, não será por perseguição ou preconceito de gênero.

Esteio: Bom. Gostaria de frisar um ponto que acredito ser bem necessário. Todas as pessoas diferentes de raça, cor, identidade sexual e profissão merecem ser tratadas com respeito e jamais devem ser discriminadas ou excluídas do convívio social, pois somos únicos e se temos um coração e uma mente sem preconceito, iremos transformar ou ao menos tornar a convivência do dia a dia mais harmoniosas. Queremos ser reconhecidos e tratados com igualdade. Essa é a nossa luta diária.

Jacarandá: Quero agradecer a oportunidade de falar de mim, da minha vida. Explicar um pouco como é ser uma pessoa trans, numa cidade tão conservadora. Infelizmente, por ter em geral uma mente bem fechada por falta de informação, falta de projetos sociais, falta de tanta coisa, sendo que poderia ser bem simples dentro das nossas escolas, levantando uma pauta, com ações sociais, ensinando a respeitar a identidade do outro, independente das escolhas. Enfim, tratar com mais seriedade essa questão.

ENTREVISTAS DOS AFROBRASILEIROS DE NOVA HARTZ:

Pergunta 1 - Como cidadão do município de Nova Hartz, conte a sua história.

Vênus: Me chamo Andressa, Moro em Nova Hartz desde 2002, vim para o município com 17 anos para trabalhar, vim morar com a minha irmã e minhas sobrinhas. Iniciei minha carreira de trabalho na empresa de calçados Marte Ltda, conhecida como Via Marte. Permaneci por 10 anos, criei laços e fiz amizades que carrego comigo até hoje, mas também percebi que não cresceria profissionalmente e que as margens para crescimento eram poucas e eram dadas as oportunidades para homens brancos. Isso tudo me impulsionou para retomar os estudos do que queria fazer que era terminar o ensino médio e fazer um concurso público, pois Com um concurso público ninguém poderia julgar minha cor da pele e sim inteligência para passar em um concurso depois de ter passado e ter sido convocada a assumir o concurso de Assessora Administrativa há 11 anos. Sou casada, tenho uma filha de 3 anos e sou estudante de administração porque acredito que com o estudo e reconhecimento ninguém decide se somos capazes ou não somente nós temos o poder desta decisão.

Saturno: Minha história em Nova Hartz iniciou em 1987 quando então estudante de Filosofia no Seminário Nossa Senhora Imaculada Conceição fui designado para fomentar e animar grupos de jovens na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes dessa cidade. Após alguns anos. Já cursando Teologia em 1999, decidi realizar concurso público para o magistério, neste Município para o exercício da função de Professor de História. Desde a nomeação até a aposentadoria transcorreram 32 anos de exercício pleno da função docente alternada com a função de Diretor de escola, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Vereador representando a cidade no Poder Legislativo.

Netuno: Eu me chamo Maria Freitas. Nasci em Parobé, vim morar em Nova Hartz no mês de janeiro de 1990. Vim morar pra cá com um primo do meu falecido marido. Na época nós éramos um casal novo, tinha crianças pequenas. A Daiane, nossa menina mais velha, tinha 4 anos, a Luciana tinha 2 anos e eu estava grávida da Vanessa. Quando viemos pra cá eu ficava em casa com as crianças e o Alfredo trabalhava pra sustentar a casa. Aluguel nós não pagava, porque morava na casa da

nossa tia, ela cedeu para nós morar, porque ela tinha uma outra que ela morava, ali na rua perto da escola Germano. Hoje a casa não existe mais, o terreno foi vendido.

Marte: Sou um cidadão afro-brasileiro, natural de Santo Antônio da Patrulha, vim para Nova Hartz com 6 (seis) anos de idade e qui na cidade iniciei e terminei meus estudos. Com 12 anos de idade comecei a trabalhar em uma indústria de calçados e depois de 35 anos trabalhando na mesma indústria de calçados eu me aposentei. Neste meio tempo casei, constituí uma família, tive duas filhas, e hoje estou à espera do meu primeiro neto.

Plutão: Sou Ana Paula Ferreira. Moro há 20 anos no município. Sempre trabalhei no comércio e hoje sou Conselheira Tutelar

Mercúrio: Moro em Nova Hartz desde 2003, vim do interior de Soledade com meus filhos e esposa. Moramos inicialmente nas terras do Sr. Lindomar de Campos por 3 anos. Eu como chacareiro e minha esposa como costureira na empresa Ramarim. Tivemos uma vida bem atribulada com várias mudanças de endereço. Mais tarde, através de um empréstimo que fiz depois de ser chamado em 2010 para assumir o concurso público que fiz em 2007. Compramos um terreno no Bairro da Bica. Meus filhos cresceram e casaram, eu me separei da mãe deles e depois de alguns anos

Pergunta 2 - Você já sofreu algum tipo ou forma de preconceito racial em Nova Hartz? Narra o episódio ou episódios.

Vênus: Sofri alguns preconceitos aqui em Nova Hartz, desde a minha chegada. Mas o que mais me tocou foi o dia em que fui convocada para assumir o meu concurso, quando cheguei para minha apresentação na escola na qual fui designada. Ao chegar no local, a pessoa que estava para me receber a vice-diretora no momento perguntou se eu era cozinheira, tendo essa conexão somente pela minha cor da pele? Acredito que sim, pois a secretária de educação havia ligado para a escola informando que teria uma assessora administrativa, que iria se apresentar lá. acreditem também pensei que poderiam ter chamado do concurso uma cozinheira, mas não chegou nenhuma cozinheira no decorrer dos próximos meses. Porque um administrativo não poderia ser negro? Porque a Negra teria que ser cozinheira? Pois é, racismo estrutural também é racismo, as cores das nossas peles não são nada apenas cores iguais e se fossem cargo de cozinheira faria diferença na cor da pele? Claro que não, é cargo Digno como qualquer outra.

Saturno: Sim, já fui vítima de preconceito racial. Quando namorava a que hoje é minha atual esposa seu patrão lhe dizia que iria me enviar cacho de banana no dia de aniversário e veementemente e lhe criticava por namorar um negro. O preconceito também era manifestado nas rodas de conversa, onde se falava alemão, deixando sempre escapar ao entendimento a palavra “Schwarz” que denunciava suas falas cheias de preconceitos. Além, dessas realidades evitei frequentar na época uma boate chamada Paiol por ter recebido recados de que não era legal negros ficar com moças descendência alemã naquele local.

Netuno: Excluída não. Mas, no início quando vim morar aqui, as pessoas me olhavam desconfiadas, e outras me perguntavam no que eu trabalhava antes de vir morar pra cá, me acontecia seguidamente, principalmente quando tinha que assinar meu nome e eu escrevia, mas faltava letras, porque não estudei muito quando era nova. Apreendi com meu marido, copiando o que ele escrevia.

Marte: Sim, já sofri preconceito racial aqui em Nova Hartz, principalmente na época que a gente chegou aqui. Foi muito difícil para nós, pessoas de “cor”, em uma cidade alemã. Um dos episódios de racismo que sofri aqui em Nova Hartz que me marcou muito foi quando eu e meu irmão fomos até um açougue que tinha no centro da cidade, na época chamavam de “matador”. No final de semana estávamos indo lá para comprar uma carne quando nos deparamos com uma família com três crianças entre 5 e 12 anos. Estas crianças que nunca tinham visto pessoas negras, até pelo fato de sermos uma das primeiras famílias negras a vir para Nova Hartz, ao nos verem se agarraram nas pernas dos seus pais e começaram a gritar com medo “dois negros”.

Plutão: Diretamente não, mas indiretamente sim. Sempre estudei, eu trabalhava em um comércio. Certa vez pedi uma chance e o Patrão disse que não dava, que precisava de mim aonde eu estava. Senti que era por ser negra, pois as outras meninas eram brancas.

Mercúrio: Meu concurso público é para auxiliar administrativo, quando digo que trabalho na escola, as pessoas se antecipam em dizer, “na limpeza ou na manutenção de infraestrutura”. Acho que por eu ser negro, essas seriam as funções que me caberia exercer segundo o pensamento delas. Sem querer desfazer nenhuma função, todas são importantes.

Pergunta 3 - Você se sente ou já sentiu excluído socialmente, em razão da cor da pele, por parte dos agentes políticos do Município e de grupos dirigentes, comércio, indústria, serviços, clubes, entidades, igrejas, etc.? Se for positiva, caracteriza-se por gentileza.

Vênus: Por parte dos agentes políticos não cheguei a sentir essa exclusão; talvez por estar em cargo público e já ser conhecida. Por estes motivos acredito. Se tem algo muito chato referente aos Comerciantes que é quando eles ainda não conhecem a pessoa negra que adentra em seu comércio os comerciantes chegam a seguir entre os corredores dos estabelecimentos acompanhado s pelas câmaras de segurança e por vezes chega a parar as pessoas negras de onde veio. O que não ocorre quando que também não é conhecido. Se é morador mais conhecido por Nova Hartz, sendo uma cidade relativamente pequena, conhece os moradores depois disso essa desconfiança diminui e por vezes acaba. Mas ser novo morador em Nova Hartz sendo negro é muito difícil por vezes dolorosas.

Saturno: Quando cheguei em Nova Hartz, meados da década dos anos 90, fui me dando conta da presença reduzida da população negra. Era eu professor, alguns companheiros da brigada militar e um funcionário do Banrisul negros. Além de uma família que habitavam os arredores da Rua Igrejinha, vindos de Santo Antônio da Patrulha, trazidos pelos Pilger para trabalhar e desenvolver o plantio da cana-de-açúcar em Picada Hartz. Portanto, o cenário era de uma população negra rala, dispersa e acuada pelos arredores da cidade. Nesse contexto rolava uma certa exclusão por alguns sujeitos políticos do Município. Daí refletindo sobre aquele ditado: “se ficar o bicho come, e correr o bicho pode pegar”, que resolvi entrar na militância política filiando no Partido dos Trabalhadores. Era uma forma de resistência às sindicâncias a que era submetido, às explicações que tinha que dar às minhas falas que vazavam da sala de aula para a Secretaria de Educação.

Netuno: Sim. Uma vez fui num mercado comprar caixa de leite, e a moça que estava na frente vendendo nas prateleiras, me perguntou se eu queria leite mais barato, porque eu pedi pra ela o nome da marca do leite que eu queria. Ainda me olhou com uma cara de nojo e perguntou se eu ia pagar no dinheiro.

Marte: Sim, já senti muito preconceito por parte de políticos e por empresários, dentro da empresa em que eu trabalhei. O pensamento era de que “negro só serve para trabalhar”.

Plutão: Não. Nunca me senti.

Mercúrio: Nunca me senti excluída, mas ainda existem pessoas que não tratam um negro como um igual.

Pergunta 4 - Quais seriam suas principais vontades, em relação a sua participação na vida social e política, na sua atuação cidadã?

Vênus: Minha principal vontade em relação a vida política e social é bem difícil é me tornar uma mulher preta preferida aqui no município. Esse é o meu plano a longo prazo, muito difícil e sei disso precisa ser bem pensada para ser bem executada quando eu estiver aposentada para ter renda. Acho que podemos fazer a diferença na vida daqueles que não tem oportunidade, não tem voz pelo menos um período.

Saturno: Sempre tive no horizonte a criação de espaços alternativos, inserção e participação mais efetiva das pessoas na vida da cidade. Me dava conta que aqui criava-se comportamento os sociais onde sempre se manifestava repetição de padrão, que a fábrica constitui o centro, única opção de subsistência econômica para a maioria das pessoas. Ouvia os jovens dizerem, se o pai e mãe construíram trabalhando na fábrica que tem, devo seguir também esse caminho. Dessa forma, ficava nítido que falta de alternativas, cria uma geração que reproduz a cultura do padrão refletindo todo um comportamento o político e social. Quando estivemos na gestão política trabalhamos incansavelmente pelo fomento da diversificação de espaços econômicos, tendo o próprio cidadão como centro irradiador. Como o centro econômico da cidade são as empresas e sendo os empresários de origem germânica. Há um culto a cultura alemã e conseqüente ente negação da existência de outras culturas. A cidade é conhecida como terra de alemão, sufocando assim, expressões culturais de povos indígenas e negros que habitaram e habitam essa cidade. Meu desafio tem sido pautado na luta de resgatar a presença dessas culturas na história de Nova Hartz.

Netuno: Conversar com as pessoas e mostrar pra elas que a cor não é mais valiosa, não vale mais do que o caráter e a educação todos somos iguais.

Marte: Sim, tínhamos interesse e ideais na época para mudar, até porque sofremos muito. Mas como éramos minoria, na maioria das vezes baixamos a cabeça e seguia em frente. Hoje o quadro é outro, somos tratados de forma mais igualitária, o que me faz acreditar que estamos caminhando para algo melhor.

Plutão: Sempre quis ser Conselheira Tutelar, e graças a Deus, hoje eu sou. Fui a mais votada do município com quase 400 votos.

Mercúrio: Nenhuma.

Pergunta 5 - De acordo com a resposta da questão anterior, você acredita que sua proposta seria ouvida, analisada e colocada em prática? Porque?

Vênus: Acredito que sim daria certo sim, a partir do ponto em que sempre precisam de mulheres para cumprir a legenda do partido e seria a oportunidade para ingressar na carreira política.

Saturno: Nunca houve interesse do poder político e econômico criar espaços para resgatar a cultura indígena e afro descendentes, apesar da obrigatoriedade e curricular de inclusão do estudo dessas culturas nas escolas. O que acaba não passando de simples abordagens sem comprometimento de resgatar, visualizar e efetivar na prática estratégias sociopolíticas desses povos.

Netuno: Acho que sim, porque todos têm direito de trabalhar, estudar, passear em todos os locais, sendo preto ou branco e não é a cor que nos avalia melhor ou pior.

Marte: Eu acredito que na época não. Não seria ouvido e nem colocado em prática justamente por sermos minoria e por não termos vez e voz. Hoje estamos sendo tratados um pouco diferente.

Plutão: Acho que sim. Talvez por ter sido adotada.

Mercúrio: Sem resposta.

Pergunta 6 - Você tem alguma mágoa, revolta ou tristeza com relação ao seu município enquanto nas oportunidades ou não na sua participação em eventos públicos? Exemplifique.

Vênus: Quanto à minha escolha, prefiro não participar no trabalho do serviço público. Muitas vezes acaba por atrapalhar na organização destes, mas tenho a plena consciência das dificuldades de pessoas pretas nós negros em participar em eventos do município.

Saturno: Nessa questão em que você pergunta se carrego mágoa, revolta ou tristeza em relação ao Município. De forma alguma, até por que esses sentimentos

procuro mantê-los distante de minha vida. No entanto, entendo que a sociedade capitalista com seus conceitos civilizatórios não vai abrir espaços para o fomento da diversidade cultural. A não ser através da luta e mobilização de pessoas ou grupos que lutam contra a exclusão e afirmação de políticas indígenas e afrodescendentes.

Netuno: Mágoa não. Mas acho que nunca gostei muito de sair aqui naquela época, hoje tem muito mais pessoa morena, mas antigamente a maioria era alemão e falavam entre si na rua só em alemão. Acho que falavam e faziam piada de quem era preto.

Marte: Sim, tenho um pouco de rancor e de mágoa, mas atualmente sabendo lidar melhor com a situação e de cabeça erguida enfrentar esses problemas com mais tranquilidade.

Plutão: Não tenho nenhuma revolta.

Mercúrio: Não possuo nenhum tipo de sentimento, em relação ao município, pois nunca tentei ser ativo e atuante e nem participar dos eventos do município.

Pergunta 7 - Quais seus medos e inseguranças, na sua ação cidadã, através da reivindicação de social e demandas e denuncia ou não de alguma forma de preconceito ou exclusão social e vulnerabilidade econômica?

Vênus: Ainda não passei por essa situação, pois apesar de saber, presenciar e viver o preconceito e a exclusão social diariamente, ainda não reivindiquei nenhuma demanda ou espaço de fala quanto é isso. Mas desde já tenho certeza de que para o futuro que almejo, passarei por vários desafios, medo e muita insegurança nesse aspecto.

Saturno: As lutas por uma sociedade cidadã em favor da afirmação de direitos, contra a exclusão e o respeito à diversidade não devem ser pautadas pelo medo e insegurança e sim na determinação de contribuir para uma cidade, onde as pessoas tenham seus direitos respeitados e preservados. Sabemos que a exclusão social é sinônimo de vulnerabilidade econômica. Na história de Nova Hartz, índios e negros tem suas marcas, mas foram excluídos por sistema econômico que lhes negava um pedaço de terra, ora por uma cultura dominante que impõe a linguística como um critério de inclusão.

Netuno: Medo de ser perseguida, não me darem a mesma atenção que era dado a uma pessoa branca só porque sou preta, e porque não sabia ler medo de assinar alguma coisa que me comprometes e sem saber.

Marte: Tenho um pouco de medo de não ser ouvido por conta da minha cor. E isso existe, sabemos de vários casos assim. Mas quem sabe hoje em dia, falando com autoridade competentes, haja a possibilidade de sermos ouvidos.

Plutão: Não tenho medo. Independentemente da cor, eu me sinto capaz de propor demandas e reivindicações.

Mercúrio: Nunca pensei sobre isso.

Pergunta 8 - Quais diferenças você percebe com relação às pessoas do Município que não são afrodescendentes? Caso sua resposta seja positiva, cite e explique, por gentileza quais, detalhando-a s.

Vênus: Muitas diferenças, em Nova Hartz a colonização é alemã e quando se tem uma negra e um branco disputando o mesmo cargo por exemplo a oportunidade é dada ao branco, mesmo o negro tendo um grau de instrução superior ao branco. A capacidade aqui é medida pela cor da pele e não pela inteligência, conhecimento e grau de instrução como em outros municípios.

Saturno: O Município de Nova Hartz, tem uma população composta por migrantes na sua maioria atraídos pelo emprego se deslocando para essa cidade. Essas pessoas são muito simples, carregam consigo os costumes do homem do campo. Digo isso, para distinguir esses moradores dos nativos da cidade geralmente de origem germânica. A diferença é que aqui há uma exaltação da cultura alemão em detrimento de outras culturas. Eles se consideram nativos, donos da cidade, diferentes dos demais que consideram brasileiros. Nas escolas em determinadas épocas são exaltadas bandeiras da Alemanha. Inclusive se introduziu no currículo uma língua de dialeto alemão, nada oficial, obrigando todos alunos a estudar. Se existe incentivo a dança do folclore alemão. Não é que seja contra. Mas deveria ter o mesmo espaço para a cultura indígena e afrodescendente. Nisso, consiste o processo de exclusão, uma vez que outras culturas não têm a mesma ênfase.

Netuno: As pessoas mais brancas têm mais chance de emprego, nas fábricas, principalmente no Sandra, na parte dos escritórios. Ali não se vê pessoa preta. São poucas as que trabalham no balcão da prefeitura ou nos bancos, até na igreja. Aqui o

padre tinha que ser branco, se fosse preto ou mais moreno não ficava muito tempo, porque mandaram ele para fora da cidade.

Marte: São vários tratamentos de desigualdade e a gente percebe assim nitidamente que esse quadro teria que ser mudado. Mas já está tendo algumas pessoas competentes no nosso município que podem nos ajudar e fazer com que nos sintamos melhor.

Plutão: Não percebo diferença. Só no início, quando cheguei, senti em relação ao local que fui trabalhar, como relatei na questão nº 2.

Mercúrio: Antigamente era fato que havia locais públicos onde negros eram proibidos de entrar e participar de atividades. Mas hoje não vejo. Sinto que nada vem de encontro a essa questão.

Pergunta 9 - Quais comentários que você faz entre família e a comunidade que você participa, com relação à cultura municipal ou regional constituída, na condução da realidade vivida por você do ponto de vista social?

Vênus: Nossos comentários são sempre os mesmos, as festas, os grupos, as rodas de conversas, são todas voltadas a cultura alemã, não se tem outras festividades para os demais públicos, desde a festa da emancipação que é anual aos grupos de dança, com encontros semanais, são específicos para a colonização alemã. Nós, eu e meus familiares vamos na festa anual que acontece no mês de dezembro, ficamos no nosso grupo de convívio aproveitamos a festa, sem pensar nos olhares nada discretos que nos condenam e nos cochichos ao pé do ouvido quando nos vem. Ainda faço questão de dizer aos meus amigos e familiares que aproveitem a festa, porque a maldade e o preconceito é problema deles, já que está na cabeça deles e não na nossa.

Saturno: No âmbito Municipal se perpetua o preconceito e a exclusão histórica gestada no Brasil escravocrata. As políticas pela igualdade racial e o respeito à diversidade ainda não saíram do papel. As Novas diretrizes para educação, coloca a obrigação do ensino abordar a temática do povo indígena e negro, mas tudo na prática não passa momento de memórias e festejos pelo dia do índio e semana da consciência negra. A verdade é que presenciamos no dia a dia o preconceito racial velado e desrespeito à diversidade cultural. Essa semana em uma atividade com jovens na igreja, pedimos para um alemão a receita de uma caca, esse foi direito, isso

coisa da cultura alemã outras raças não conseguem fazer cucas como as minhas. Isso é a prova exata que vivemos um preconceito velado, mais presente na comunidade de Nova Hartz.

Netuno: Pra mim no nosso município, existe muita diferença no trato com os de origem negra. Porque pouco se vê pessoas mais morenas, trabalhando em locais públicos como: posto de saúde, prefeitura. Aqui a origem é alemã e o preconceito existe sim.

Marte: Vivemos em uma cidade alemã, que tem muitos eventos típicos alemães, que é a origem dos imigrantes aqui da cidade. Mas não há eventos que representem nós negros. Nesse ponto acredito que pode sim ser melhorado, até porque somos quase a maioria hoje na cidade.

Plutão: Faço comentários positivos, pois sou negra e consegui meu espaço na sociedade. Falo sempre que se estudar, se informar e correr atrás, você consegue seus objetivos.

Mercúrio: Como disse anteriormente não me faço participativo. Mas acho que em relação à cultura eles contam a história única sem mais participantes no crescimento. Somente os primeiros e deixaram de lado quem veio depois.

Pergunta 10 - Você já ouviu falar de movimentos sociais? Você já participou? Defina a sua opinião sobre essas iniciativas.

Vênus: Já ouvi falar em movimentos sociais, não participo de nenhum, mas acredito que a forma de se ter voz quanto aos assuntos que não são debatidos abertamente, assuntos esses que às vezes não são tão interessantes para uma determinada parte da sociedade, os brancos que já tiveram oportunidades exclusivamente e por serem brancos. Esses movimentos são de extrema importância para falar de assuntos não debatidos.

Saturno: O movimento social é uma forma da população se organizar, expressar os seus desejos e exigir os seus direitos. Os movimentos sociais são os responsáveis por mudar a sociedade. São os movimentos sociais verdadeiros agentes de mudança. Através das lutas desses movimentos pode-se romper os limites de um sistema opressor. Portanto, os movimentos sociais podem desempenhar um papel importante na luta contra a exclusão racial, denunciando formas de preconceito e discriminação e trabalhando para promover a igualdade racial. Por exemplo, o

movimento negro, do qual participei durante anos começou a surgir no Brasil durante o período da escravidão, luta contra o racismo e pela igualdade social e de direitos para a população negra. O movimento negro tem desmistificado a ideia de que o Brasil é um exemplo de harmonia racial e denunciado as condições de exclusão e discriminação da população negra. A partir de lutas do movimento negro, passaram a elaborar políticas públicas afirmativas de combate à discriminação.

Netuno: Já ouvi falar, mas não participei de nenhum. Seria bem interessante que tivesse mais conhecimento para as crianças aprenderem a não discriminar pessoas negras. Todos somos iguais, diferente só na cor/raça.

Marte: Já vi vários movimentos sociais, mas não participei de nenhum, até porque eu acho que não iria mudar muita coisa por sermos minoria, correndo o risco de passar por ridículos. Eu acredito que hoje talvez como tem mais imigrantes negros na cidade seria algo de se participar.

Plutão: Já ouvi falar, mas nunca participei.

Mercúrio: Sim. Mas sempre procurei ficar de fora, nunca fazendo parte de nada em relação é essa questão.

Pergunta 11 - Sinta-se à vontade para comentar sobre todas as respostas das questões anteriores. Pode-se agregar elementos novos para afirmar e somar o seu ponto de vista, reforçando sua identidade e seu protagonismo nessa entrevista.

Vênus: Quanto às respostas anteriores deixo claro que é a minha opinião, as minhas angústias e as minhas vontades, e todas com a minha verdade.

Saturno: Sem resposta.

Netuno: Gostaria de dizer que somos diferentes só na cor, mas que trabalhamos e pagamos impostos damos nossa renda ao país, o município igual os brancos. Nosso trabalho também tem valor, merecemos mais empatia dos brancos.

Marte: Gostei dos questionamentos, acho que foi muito apropriado para o momento que estamos vivendo pois temos muito o que melhorar ainda aqui na cidade a questão racial. Acredito assim, que dentro das perguntas claro que sempre fica algo para trás que eu acabei não falando principalmente no que se refere a ofensas raciais que sofri, sofri muito com isso no trabalho também. Mas como temos que procurar ser

cada dia um pouco melhor e sabemos que às vezes o racismo vem dos próprios negros. Mas isso é um geralzão de tudo que vivi aqui na cidade de Nova Hartz.

Plutão: Foram questões importantes, pois pude falar sobre a minha trajetória como negra numa cidade de colonização alemã, onde estudei, e que hoje estou no lugar que quis muito alcançar, como Conselheira Tutelar. E me orgulho de dizer que fui a mais votada do município. Hoje, sinto que valeu o esforço, e que posso ir muito mais longe ainda. No final desse ano, me formar em Pedagogia e continuarei correndo atrás dos meus objetivos, independente de cor e posição social.

Mercúrio: Eu fui criado de uma maneira que a cor da pele era só questão de cor. E isso não importava. Mas sim. O caráter, índole, honestidade e muito trabalho para conquistar espaço. Então, ser criticado por causa da cor da pele e cabelo não me fere, pois tenho orgulho da minha cor e da minha raça. Sei da luta e sacrifício que meus antepassados sofreram, e graças a sua dor e suor, nosso país se desenvolveu nos primórdios da colonização. Fico triste quando vejo as crianças e jovens sofrer por conta da cor, pois seus pais não lhe ensinaram o valor que a nossa cor teve e tem perante a sociedade.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante, você está sendo convidado a participar da pesquisa **A trajetória de vida de pessoas invisibilizadas: A voz dos excluídos**, desenvolvida pelo acadêmico **Édson Rodrigo Becker Rodrigues**, aluno de pós-graduação em Desenvolvimento Regional, sob orientação do **Professor Dr. Daniel Luciano Gevehr**.

O objeto geral na pesquisa biográfica no estudo de trajetórias de grupos afrodescendentes e LGBT+, e de compreender e evidenciar como as experiências e escolhas individuais se relacionam com fatores sociais, culturais e históricos mais amplos. Dessa forma, buscamos identificar e relatar as versões desses grupos, sua memória particular e também coletiva da história do município de Nova Hartz/RS, compreender o desenvolvimento regional a partir das narrativas e quais as contribuições desses grupos nesse processo de construção, e na consolidação do atual estágio do município.

Este estudo justifica-se porque o presente estudo pretende compreender a história biográfica, a partir de grupos sociais historicamente excluídos pela narrativa histórica, é marcada pelo preconceito com relação à cor e gênero. Portanto, esse estudo é importante para poder identificar a partir das narrativas desses grupos as causas e consequências dessa exclusão, na medida em que embora seja feita uma intensa leitura e releitura sociológica e histórica sobre as diferentes faces do preconceito e discriminação, é muito oportuno possibilitar com essa pesquisa, que essas pessoas que sofreram e sofrem preconceitos e discriminações se manifestem. As campanhas públicas e eventos de conscientização de combate ao preconceito não são suficientes para resolver o problema, mesmo porque elas continuam, e mesmo leis penais que são aplicadas judicialmente, não reduz a mentalidade discriminatória, pois ela continua de forma estrutural, silenciosa e oculta. Dessa forma, pensamos em descrever a trajetórias de vida de pessoas que pertencem aos grupos que por motivação ideológica ou não, devem ser ouvidas e analisadas dentro de um critério ético e científico, em que a fundamentação teórica aplicada ao dar voz a esses grupos poderá contribuir para uma maior compreensão da trajetória de suas vidas, assim, como comparar com as compreensões atuais existentes, para reforçar com dados

novos da pesquisa explicações para compreender melhor a história do município e seu real valor e significado como agentes sociais de significância na construção da identidade e desenvolvimento do município e deles próprios se ressignificando socialmente. No âmbito Raça, Etnia e Gênero, propõe ao oportunizar uma narrativa nova do ponto de vista conceitual para contar a história da cidade de Nova Hartz/RS, do estado do Rio Grande do Sul, dentro da região do Vale do Rio dos Sinos, na constituição de uma promoção de um Desenvolvimento Regional, fundamentado em pesquisa, território e conceito de desenvolvimento regional.

O convite da sua participação se deve à uma proposta de pesquisa científica, que tem como motivação coletar e interpretar os dados com base nos questionários. Por serem os moradores do município em estudo, e inseridos na participação social e política, as avaliações após a pesquisa torna-se justificadas. Considerando as dúvidas e a problemática que a pesquisa propõe, é de essencial importância a participação das pessoas moradoras do município.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir dela. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão tomadas as seguintes medidas e/ou procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: (Ex.: seu nome não será revelado na pesquisa, somente o pesquisador e seu orientador que se comprometeram com o sigilo e a privacidade dessa pesquisa, terão acesso aos seus dados pessoais ou para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas, o acadêmico pesquisador utilizará pseudônimos, para não expor seus dados).

Exemplo: Havendo algum dano decorrente da pesquisa você estará amparado pela legislação brasileira (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954; entre outras e Resolução CNS nº 510 de 2016, artigo 19).

A sua participação consistirá em responder à pesquisadora do projeto perguntas de um roteiro de entrevista (composta por 10 perguntas) e também questionário (composto de igual 10 questões). O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora, e do questionário aproximadamente trinta minutos. A entrevista somente será gravada se houver sua autorização.

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais em parta, de modo que somente terão acesso o pesquisador e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução nº 510/2016 ou nº 466/2012 e orientações do CEP/FACCAT e com o fim deste prazo, serão descartados ou ao final da pesquisa, todo material será mantido permanentemente em um banco de dados numa pasta contendo a lista dessas informações, com acesso restrito, sob a responsabilidade do pesquisador e coordenador, para utilização em pesquisas futuras. O benefício está diretamente relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa, pois contribuirá para identificar opiniões narradas acerca da sua identidade e a história do município.

O presente estudo apresenta riscos mínimos relacionados ao possível desconforto ao responder o questionário ou ao fazer algumas perguntas pertinentes ao tema, ao instigar memória e questões do passado por vezes delicadas. Mas se eventualmente isso ocorrer, poderá manifestar para o assistente de pesquisa ou para o pesquisador responsável e cancelar sua participação na pesquisa. Para minimizar os riscos serão adotadas as seguintes ações/medidas:

- Remarcar uma outra data a fim de confirmação prévia para o encontro; - Reduzir o número de questões, ou mesmo reformular a questão (de forma mais sucinta de acordo com a questão original);
- Questão reformulada a partir da resposta que o entrevistado estará disposto a fornecer.

Será realizado um agendamento, a fim de marcar um encontro entre o pesquisador com os participantes no mesmo local onde foi realizado a para a divulgação dos resultados. Serão elaborados gráficos, porcentagem e tendências aproximadas para os participantes. Será apresentada em forma impressa, fotocopiada para que todos tenham o material para guardarem consigo.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, o pesquisador poderá solicitar informações sobre sua participação ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste termo.

Se você tiver perguntas com relação a seus direitos ou questões éticas como participante deste estudo, você também pode contar com um contato imparcial, o Comitê de Ética em Pesquisa da FACCAT (CEP/FACCAT), que tem por objetivo

defender os direitos dos participantes de pesquisas. Dessa forma o CEP tem o papel de avaliar e monitorar o andamento dos projetos de modo que as pesquisas respeitem os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da confidencialidade e da privacidade.

O CEP está situado no 1º piso do Prédio Administrativo - Campus FACCAT na Av. Oscar Martins Rangel, 4500- ERS 115, Bairro: Fogão Gaúcho, Taquara-RS, telefone (51) 3541-6604, ou também pelo e-mail: cep@faccat.br – Horário de funcionamento: nas segundas, terças, quartas e quintas-feiras das 13:30 às 22:30, sextas feiras das 13h às 18h.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade na participação deste trabalho e coloco-me à disposição para quaisquer informações adicionais que possam ser necessárias. Este termo deverá ser assinado em duas vias, todas as páginas deverão ser rubricadas, uma fica com você e a outra deve ser entregue ao pesquisador.

Professor orientador: Dr. Daniel Luciano Gevehr

Telefone: 51 999662638

E-mail: danielgevehr@faccat.br

Acadêmico Pesquisador: Édson Rodrigo Becker Rodrigues

Telefone: 51 998875381

E-mail: edsonrodrigues@sou.faccat.br

Autorizo a gravação da entrevista (ou imagem).

Não autorizo a gravação da entrevista (ou imagem).

_____ / _____ / _____

(Assinatura do Participante) Dia mês ano

(Nome do Participante – letra de forma)

_____ / _____ / _____

(Assinatura Acadêmico Pesquisador) Dia mês ano

APÊNDICE C - MODELO DE INSTRUMENTO(S) PARA A COLETA DE DADOS

Questionário para as pessoas Afrodescendente:

- 1 - Como cidadão do município de Nova Hartz, conte sua história.
- 2 - Você já sofreu algum tipo ou forma de preconceito racial em Nova Hartz? Narra o episódio ou episódios.
- 3 - Você se sente ou já sentiu excluído socialmente, em razão da cor da pele, por parte dos agentes políticos do município e dos grupos dirigentes, comércio, indústria, serviços, clubes, entidades, igrejas, etc.? Se for positiva, caracteriza-se por gentileza.
- 4 - Quais seriam suas principais vontades, com relação a sua participação na vida social e política, na sua atuação cidadã?
- 5 - De acordo com a resposta da questão anterior, você acredita que sua proposta seria ouvida, analisada e colocada em prática? Porquê?
- 6 - Você tem alguma mágoa, revolta ou tristeza com relação ao seu município enquanto nas oportunidades ou não na sua participação em eventos públicos? Exemplifique.
- 7 - Quais seus medos e inseguranças, na sua ação cidadã, através da reivindicação de demandas e denuncia ou não de alguma forma de preconceito ou exclusão social e vulnerabilidade econômica?
- 8 - Quais diferenças você percebe com relação às pessoas do município que não são afrodescendentes? Caso sua resposta seja positiva, cite e explique, por gentileza quais, detalhando-os.
- 9 - Quais comentários que você faz entre a família e a comunidade que você participa, com relação à cultura municipal ou regional constituída, na condução da realidade vivida por vocês do ponto de vista social?
- 10 – Você já ouviu falar de movimentos sociais? Você já participou? Defina a sua opinião sobre essas iniciativas.
- 11 - Sinta-se à vontade para comentar sobre todas as respostas das questões anteriores. Pode-se agregar elementos novos para afirmar e somar o seu ponto de vista, reforçando sua identidade e seu protagonismo nessa entrevista.

Questionário para as pessoas LGBTQIA+:

- 1 - Como cidadão do município de Nova Hartz, conte sua história.
- 2 - Você já sofreu algum tipo ou forma de preconceito de gênero em Nova Hartz? Narra o episódio ou episódios.
- 3 - Você se sente ou já sentiu excluído socialmente, em razão da sua orientação sexual, por parte dos agentes políticos do município e dos grupos dirigentes, comércio, indústria, serviços, clubes, entidades, igrejas, etc.? Se for positiva, caracteriza-se por gentileza.
- 4 - Quais seriam suas principais vontades, com relação a sua participação na vida social e política, na sua atuação cidadã?
- 5 - De acordo com a resposta da questão anterior, você acredita que sua proposta seria ouvida, analisada e colocada em prática? Porquê?
- 6 - Você tem alguma mágoa, revolta ou tristeza com relação ao seu município enquanto nas oportunidades ou não na sua participação em eventos públicos? Exemplifique.
- 7 - Quais seus medos e inseguranças, na sua ação cidadã, através da reivindicação de demandas e denuncia ou não de alguma forma de preconceito, exclusão social?
- 8 - Quais formas de reação e tratamento por parte das pessoas, você percebe quando você está acompanhado por um companheiro(a) em locais públicos no município de Nova Hartz/RS? Por gentileza quais, detalhando-os.
- 9 - Qual a reação da sua família quando eles descobriram que você é LGBT+? Sinta-se à vontade para contar os impactos e como está essa relação entre você e sua família?
- 10 - Você já ouviu falar de movimentos sociais? Você já participou? Defina a sua opinião sobre essas iniciativas.
- 11 - Sinta-se à vontade para comentar sobre todas as respostas das questões anteriores. Pode-se agregar elementos novos para afirmar e somar o seu ponto de vista, reforçando sua identidade.